



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
LINHA DE PESQUISA: DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICA

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Cristiane de Melo Aranda

Maringá – PR

2010

CRISTIANE DE MELO ARANDA

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração:

Descrição Linguística

Orientador:

Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva

Maringá – PR

2010

CRISTIANE DE MELO ARANDA

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovado em **04 de março de 2010**.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -

Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Jaeger Hintze
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof^a. Dr^a. Ieda Maria Alves
Universidade de São Paulo – USP / São Paulo - SP

Aos leitores, pesquisadores e autodidatas na psicologia das emoções.

Aos amigos evolutivos que em horas certas, e em momentos certos, estiveram lá, nos encontros cruciais de destino. E em nome destes, Otávio Araújo, que em 16 de janeiro de 2006 foi semeador desta obra-útil: *“o autodesassédio dá espaço para mais interações com os amparadores e qualifica a assistência. Tem gente que não sabe dar nome ao que sente, e assim não faz o autodesassédio emocional; É analfabeto emocional. [...] É preciso saber nomear os sentimentos. Quer qualificar sua assistência? Então, faça o seu autodesassédio emocional: escreva um dicionário de emoções e sentimentos”*. Ei-lo.

AGRADECIMENTOS

Embora monográfico este trabalho nunca foi solitário. Aos muitos amigos que compartilharam de sua realização com palavras de bom ânimo e sugestões inspiradoras, muito obrigada. Vocês sabem.

Agradeço a pacienciosa presença do Professor Dr. Manoel Messias Alves da Silva, acolhedor desta mestrandia caloura nas Letras. Muito obrigada pela oportunidade ofertada e pela preceptoria.

Agradeço também aos colegas pesquisadores do Grupo de Trabalho Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (GTLEX) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), pelas produções inspiradoras que muito ensinaram.

Há também um agradecimento especial à Universidade Estadual de Maringá (UEM), aos professores e o corpo técnico do Programa de pós-graduação em Letras (PLE), e ainda aos anônimos que tornam esta instituição viva. Fui muito feliz neste contexto. Muito obrigada pelo ambiente profícuo e pelas trocas sempre enriquecedoras.

Agradeço também às (aos) colegas da UEM – PLE turma 2008; Diomar, D. Alice, *tia* Luiza, Marta e Cia., importantes *amparadoras intrafísicas*; Eduardo Dória, Eliane Wojslaw, German Sterling, Letícia Miller Martins, Mariana Francis, Mércia Oliveira, Sérgio Fernandes e Tânia Guimarães, simplesmente singulares.

E ainda: minha mãe – fortaleza; Magda Emerenciano, Sabrina Ginani e Glória Andia – repositórios de confiança e amizade; família – espelhos de minha realidade. Obrigada! Este trabalho também é dedicado a vocês.

Por fim, é necessário expressar também um agradecimento especial a Regina Camillo e aos amigos da *Pesquisologia* pelo *background* pesquisístico; Lourdes Pinheiro, coordenadora da *Equipe de Neologística do Holociclo*, incentivadora na produção de dicionários; à equipe do curso Lexicologia do *Centro de Altos Estudos da Conscienciologia*, representados pela amiga e consultora temática Cristiane Ferraro.

Sei que esta produção é resultado da confiança, investimento e da convergência de esforços, e sua concretização só foi possível porque sempre se pautou pela máxima “que aconteça o melhor para todos”. Muito obrigada.

A aptidão emocional é uma *metacapacidade* que determina até onde podemos usar bem quaisquer outras aptidões que tenhamos, incluindo o intelecto bruto (GOLEMAN, 2001, p. 48).

RESUMO

ARANDA, C. M. **Glossário Terminológico da Inteligência Emocional**. 2010. 184 f. Orientador: Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

A presente dissertação, pautada na *Ciência da Linguagem*, tem o objetivo de sistematizar a nomenclatura da Inteligência Emocional, uma subárea em constituição no âmbito da Psicologia. O resultado final apresenta-se na forma do *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional*, cuja elaboração respeitou fundamentos epistemológicos e procedimentos metodológicos da *Teoria Comunicativa da Terminologia* (TCT). A escolha do tema levou em conta o crescente interesse de pesquisadores de diferentes áreas na reinserção das emoções no foco dos trabalhos científicos, notadamente no âmbito da Psicologia Social e sua recorrente interdisciplinaridade com a Neuropsicologia e a Psicometria. A pesquisa alicerça-se em 10 importantes textos técnicos, dentre livros, dissertações e artigos científicos que compõem o *corpus* de onde se extraíram 133 termos. Por estas características, a obra encaixa-se na modalidade *não exaustiva*, e também, a partir da *Linguística de Corpus* pode ser descrita como contemporânea, de amostragem, especializada, monolíngue, não etiquetada e não documentada. Quanto aos termos, os mesmos estão apresentados em ordem alfabética, de acordo com oito subáreas identificadas pelo Mapa Conceptual, a saber: 1) Psicologia e Emoções; 2) Estados Afetivos; 3) Inteligência Emocional como *Zeitgeist*; 4) Inteligência Emocional como Personalidade; 5) Inteligência Emocional como Aptidão Mental; 6) Psicometria e Inteligência Emocional; 7) Neuropsicologia e Inteligência Emocional; 8) Inteligência Emocional e Ideias Afins. Como ferramentas do trabalho terminográfico, utilizou-se o *software* Unitex versão 2.0 para extração dos termos, o *Microsoft Access* para elaboração das fichas terminológicas e o *Microsoft Excell* para a organização da base de dados definicional. Por fim, dado seu caráter técnico, este glossário destina-se a leitores especializados tanto da área temática Inteligência Emocional, quanto da área técnica Terminologia, podendo também despertar interesse ao público geral.

Palavras-chave: Glossário. Inteligência emocional. Neurociência. Psicologia. Terminologia.

ABSTRACT

The present dissertation, ruled on *Language Science*, has the aim of systematizing the nomenclature of Emotional Intelligence, a subfield in constitution in the area of Psychology. The final result is presented in the form of the *Terminological Glossary of Emotional Intelligence*, whose elaboration respected the epistemological foundations and methodological procedures of the *Communicative Theory of Terminology* (CTT). The choice of the theme considered the increasing interest of researchers of different areas in the reinsertion of emotions in the focus of the scientific works, mainly in the scope of Social Psychology, as well as its recurrent interdisciplinarity with the Neuropsychology and Psychometria. The research is structured in 10 important technical texts, among books, dissertations and scientific articles which compose the *corpus* from which 133 terms were elicited. Due to these characteristics, the work is inserted in the *non-exhaustive* modality, and also, as from *Corpus Linguistics*, can be described as contemporary, of sampling, specialized, monolingual, non labeled and non documented. As far as the terms are concerned, they are presented in alphabetical order, according to eight subfields identified by the Conceptual Map, they are: 1) Psychology and Emotions; 2) Affective States; 3) Emotional Intelligence as *Zeitgeist*; 4) Emotional Intelligence as Personality; 5) Emotional Intelligence as Mental Ability; 6) Psychometria and Emotional Intelligence; 7) Neuropsychology and Emotional Intelligence; 8) Emotional Intelligence and Related Ideas. As tools of terminographic work, it was used the *software* Unitex version 2.0 for extracting the terms, the *Microsoft Access* for elaboration of the terminological cards and the *Microsoft Excell* for organizing the definitional data base. Lastly, considering its technical feature, this glossary is directed to specialized readers, from the thematic field of Emotional Intelligence, as well as from the technical field of Terminology. It can also arise interest of the general public.

Keywords: Glossary. Emotional Intelligence. Neuroscience. Psychology. Terminology.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
I. INTRODUÇÃO	16
1 Justificativa para escolha do tema	16
2 Objetivos	18
2.1 <i>Objetivo geral</i>	18
2.2 <i>Objetivos Específicos</i>	18
3 Premissas, hipóteses e questões	19
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: INTELIGÊNCIA EMOCIONAL	22
1 Histórico do constructo Inteligência Emocional	23
2 Histórico das publicações com o constructo Inteligência Emocional	24
3 Caracterização da Inteligência Emocional	31
3.1 <i>A Inteligência Emocional como zeitgeist</i>	32
3.2 <i>A Inteligência Emocional como personalidade</i>	34
3.3 <i>A Inteligência Emocional como aptidão mental</i>	37
4 Testes da Inteligência Emocional	41
4.1 <i>Pela validação da Inteligência Emocional como aptidão mental</i>	44
III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: TERMINOLOGIA	48
1 Histórico da Terminologia	49
1.1 <i>Escola Soviética</i>	50
1.2 <i>Escola de Viena</i>	51
1.3 <i>Escola de Praga</i>	52
1.4 <i>Escola Canadense</i>	54
1.5 <i>Escola Ibero-Americana</i>	55
2 Teorias em Terminologia	56
2.1 <i>A Teoria Geral da Terminologia (TGT)</i>	57
2.2 <i>A Socioterminologia</i>	59
2.3 <i>A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)</i>	63
2.4 <i>A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST)</i>	70
2.5 <i>A Etno-Terminologia</i>	72
2.6 <i>Resultados da diversidade teórica na Terminologia</i>	74
3 Organização internacional da Terminologia	76
4 Terminologia no Brasil	78

5 Importância da Terminologia na atualidade	81
6 Tipologia de obras terminográficas	82
7 Linguística de corpus	83
IV. METODOLOGIA	87
1 Corpus	93
2 Mapa Conceptual	95
V. GLOSSÁRIO	96
1 Microestrutura dos verbetes	97
2 Introdução temática	100
3 Índice geral dos termos	104
4 Índice dos termos por seções	110
4.1 <i>Repertório dos termos relacionados à psicologia e emoções</i>	115
4.2 <i>Repertório dos termos relacionados a estados afetivos</i>	126
4.3 <i>Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional como zeitgeist</i>	139
4.4 <i>Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional como personalidade</i>	144
4.5 <i>Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional como aptidão mental</i> ...	148
4.6 <i>Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional e Psicometria</i>	153
4.7 <i>Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional e Neuropsicologia</i>	168
4.8 <i>Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional e ideias afins</i>	175
CONCLUSÃO	177
REFERÊNCIAS	181

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Hipóteses e questões para a área temática da pesquisa	20
Quadro 2: Livrarias consultadas para levantamento das obras que tenham o constructo Inteligência Emocional no título	24
Quadro 3: Histórico de publicações brasileiras com Inteligência Emocional no título.	26
Quadro 4: Sumário do livro <i>Manual da Inteligência Emocional</i>	29
Quadro 5: Principais sistemas da personalidade segundo Mayer, Salovey e Caruso ...	35
Quadro 6: Escalas científicas de avaliação da Inteligência Emocional	42
Quadro 7: Inteligência Emocional: uma subárea em constituição	47
Quadro 8: Princípios da Teoria Comunicativa da Terminologia	64
Quadro 9: Modelo de base definicional	67
Quadro 10: Macroestrutura de uma obra terminológica segundo Termicap	69
Quadro 11: Cinco ideias-chave da TST	71
Quadro 12: Períodos do desenvolvimento da Terminologia	76
Quadro 13: A Terminologia no século XX e primeira década do século XXI	77
Quadro 14: Destaques da história da Terminologia no Brasil	79
Quadro 15: Aplicações da Terminologia	82
Quadro 16: Estrutura da Ficha Terminológica	89

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Correlações da aptidão mental	38
Figura 2: Modelo da Inteligência Emocional como aptidão mental	40
Figura 3: Ficha terminológica no programa <i>Microsoft Access</i>	91
Figura 4: Página do <i>software</i> Unitex com o texto de Daniel Goleman	93
Figura 5: Mapa conceptual da Inteligência Emocional	95

LISTA DE SIGLAS

ANPOLL	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDU	Classificação Decimal Universal
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPI	<i>Califórnia Personality Inventory</i>
DL	Descrição Linguística
DT	Definição Terminológica
FEANI	Federação Europeia de Associações Internacionais de Engenheiros
GT	Grupo de Trabalho
GTLEX	Grupo de Trabalho Lexicologia, Lexicografia e Terminologia
IBITC	Instituto Brasileiro de Terminologia Técnico-científica
IGM	<i>Institut d'électronique et d'informatique Gaspard-Monge (Paris)</i>
ISSO	Organização Internacional de Normalização
IULA/UPF	Inst. Universitário de Linguística Aplicada / Univ. Pompeu Fabra (Barcelona).
LabAPE	Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional ligado ao Programa de Mestrado e Doutorado em Avaliação Psicológica da Univ. São Francisco.
MSCEIT	<i>Mayer, Salovey and Caruso Emotional Intelligence Teste</i>
LADL	<i>Laboratoire d'Automatique Documentaire et Linguistique (Paris)</i>
NILC	Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional
PLE	Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado)
PUC (RJ/SP) ..	Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro / São Paulo
QE	Quociente Emocional
QI	Quociente de Inteligência
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TERMCAT	<i>Centre de Terminologia (Catalunya)</i>
TGT	Teoria Geral da Terminologia
TST	Teoria Sociocognitiva da Terminologia
UCE	Unidade de Conhecimento Especializado
UTC	Unidade Terminológica Complexa
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

UFGRS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UL	Unidades Lexicais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo
UT	Unidade Terminológica

LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS NO GLOSSÁRIO

Cf.	Conferir
Fras.	Fraseologia
sf	Substantivo feminino
sm	Substantivo masculino
Var.	Variações

APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta as bases teóricas e metodológicas do *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional*. Sua elaboração encontra-se vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, no biênio 2008-2010.

O interesse da pesquisa repousa sobre duas áreas fundamentais para a sociedade contemporânea: 1) a **Terminologia**, ciência que vem ganhando notoriedade, principalmente a partir da década de 80 do século XX no Brasil quando há um incremento da produção científica nacional, e com ela o ordenamento e disseminação de informação especializada; 2) a **Inteligência Emocional**, atributo eminentemente humano e negligenciado pelas Ciências, de modo geral, nos últimos 300 anos, haja vista o predomínio da racionalidade que rege a ciência convencional através de seu paradigma mecanicista, e que resulta numa sociedade emocionalmente instável (Goleman, 1996).

Colocar as emoções novamente no cerne das pesquisas científicas é imperativo de nossa época e há esforços neste sentido, notadamente por meio da Psicologia, ciência que estuda os processos mentais (pensamentos, sentimentos e razão) e o comportamento. Para a escola teórica Histórico-Social¹, a relação entre disposições psicológicas, emocionais e as condições sociais influenciam o comportamento dos indivíduos. São os psicólogos desta corrente que desenvolvem, atualmente, os principais trabalhos na área da Inteligência Emocional.

Cabe destacar que, sob a abordagem Histórico-Social, a Psicologia ocupa-se da análise das formas complexas de representação da realidade constituídas ao longo da história e realizadas através do cérebro, e deste modo, recorre aos estudos fisiológicos e anatômicos deste órgão.

A interdisciplinaridade entre a Psicologia e a Fisiologia, a Anatomia e a Psiquiatria, por exemplo, dá-se na chamada Neurociência, especificamente na subárea Neuropsicologia. Por isso, a Psicologia é considerada uma ciência tanto das áreas sociais ou humanas, quanto da biomédica, estudada tanto em métodos quantitativos (através da utilização de testes psicológicos, de personalidade, inventários, ou testagem psicométricas), quanto em qualitativos (por meio de entrevistas psicológicas, observações comportamentais e lúdicas).

¹ Também chamada Perspectiva Sócio-Histórica da Psicologia, ou simplesmente Psicologia Social.

Assim exposto, a elaboração deste glossário terminológico tem a pretensão de atuar na seguinte situação-problema: contribuir, através do trabalho terminográfico, com a fixação de uma importante *área temática* no âmbito da Psicologia Social: a Inteligência Emocional.

O produto final da pesquisa que se apresenta é a versão embrionária do *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional*, em sua modalidade não-exaustiva, ajustado ao tempo e aos recursos disponíveis para sua produção.

O *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional*, propriamente dito, localiza-se no Capítulo V deste trabalho, sendo precedido da seguinte estrutura textual:

Na *Introdução*, apresentam-se as justificativas para escolha do tema, os objetivos da pesquisa, bem como as premissas, hipóteses e questões que o assunto suscita.

Logo após está a *Fundamentação Teórica*, dividida em *aspectos temáticos* – Inteligência Emocional, e *aspectos técnicos* – Terminologia, sucedida da *Metodologia* utilizada, que inclui o *corpus* do trabalho e o *mapa conceptual* da área pesquisada.

Já na *Conclusão* procedem-se às considerações finais, onde são respondidas as questões inicialmente levantadas.

Por fim, faz-se necessário o destaque dos principais marcos referenciais utilizados nesta produção.

Na área temática há o destaque para Bar-On e Parker (2002), Correia (2009), Goleman (2001), Mayer, Salovey e Caruso (2002), Primi, Bueno e Muniz (2006), dentre outros. E na área técnica Almeida (2006), Andrade (2001), Alves (1996), Barbosa (2007), Barros (2004), Cabré (1996), Faulstich (1995), Krieger e Belvilacqua (2005), Krieger e Finatto (2004), Sardinha (2004), Silva (2003), dentre outros, devidamente identificados tanto na Bibliografia que finaliza este trabalho, quando no *corpus* escolhido para fundamentar a produção do *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional*.

INTRODUÇÃO

A introdução desta pesquisa faz-se através da apresentação das suas justificativas, enfocando sua relevância para a autora, às ciências e à sociedade. Também compreende esta introdução a delimitação dos objetivos, bem como a explicitação das premissas, hipóteses e questões levantadas para o projeto.

1 JUSTIFICATIVA PARA ESCOLHA DO TEMA

Na condição de educadora, esta autora corrobora a percepção de diferentes autores de que a humanidade está em crise. Há exemplos diversificados na natureza, na economia, na saúde e na segurança pública. Nunca antes na História viveu-se um período de tamanha complexidade. Na prática educacional, a complexidade se concretiza em conflitos pessoais e interpessoais, e faz emergir o sentimento de urgência e incerteza. Perrenoud (2001, p. 7) explica que “tudo é urgente no sentido de que se age simultaneamente, por isso temos que fazer recortes, definir prioridades, integrar conhecimentos, sentimentos e compromissos” e decidir na incerteza é “saber mobilizar recursos, tomar decisões no momento em que as coisas se realizam, sabendo que às vezes é no sutil ou no pequeno que algo grande se realiza”.

Consciente destas questões e reconhecendo o *desenvolvimento emocional como fator-chave para superação dos desafios*, a pesquisa da Inteligência Emocional surge, para esta autora, como estratégia para assegurar a permanência do estado de saúde pessoal e profissional, no qual o que importa é partilhar conhecimento útil àqueles que vivem a crise da modernidade.

Este ponto de vista pessoal não é inovador e tão pouco isolado. É reflexo das ideias de importantes pensadores da História da humanidade, tais como o filósofo neerlandês Bento de **Espinoza** (1632-1677); o neurocientista russo Lev Semenovich **Vygotsky** (1896-1934) e seus colegas Alexei Nikolaievich **Leontiev** (1904-1979) e Alexander Romanovich **Luria** (1902-1977), e ainda o médico neurocientista parisiense Henri Paul Hyacinthe **Wallon** (1879-1962), que, em períodos e locais distintos, empreenderam esforços, críticas, pesquisas e implantaram métodos que colocaram em xeque a questão do predomínio da racionalidade como principal aspecto do desenvolvimento humano.

Espinoza, por exemplo, considerado o filósofo das emoções, opondo-se ao pensamento filosófico da época (séc. XVII), rejeitava a afirmativa de que a razão domina a emoção. Para ele, ao contrário, uma emoção só pode ser ultrapassada por uma emoção “ativa”, ou seja, compreendida racionalmente (DAMÁSIO, 2003, p. 17).

Quanto a Vygotsky, no início do século XX, questionava:

Não sei por que em nossa sociedade formou-se um critério unilateral sobre a personalidade humana, nem por que todos relacionam dons e talento apenas ao intelecto. Além de ser possível pensar com talento, também se pode **sentir talentosamente**. O aspecto emocional da personalidade não tem menos importância que outros e constitui objeto e a preocupação da educação, na mesma medida que o intelecto e a vontade. O amor pode conter tanto **talento** e inclusive **genialidade** quanto a descoberta do cálculo diferencial. Em ambos os casos o comportamento humano adota formas excepcionais e grandiosas (VYGOTSKY, 2003, p. 122)

Com ideias assim, associadas a pesquisas aplicadas, Vygotsky é considerado o precursor do conceito de inteligência emocional e uma referência para os psicólogos da corrente Histórico-Social na atualidade.

Na mesma linha, ao alertar para o fato de que o estudo do desenvolvimento humano não poderia ser reduzido nem às características biológicas da espécie, nem à experiência do meio, e que a emoção é parte fundamental e constitutiva do comportamento humano e moduladora de memória, Wallon iguala-se à Vygotsky em grau de notoriedade para a Psicologia Social (LIMA, 2005, p. 54).

É preciso que se diga que, correlacionando estudos cerebrais e emoções com comportamento humano, mais do que consolidar teorias, estes e outros cientistas impulsionaram pesquisas que expuseram a interdisciplinaridade na Psicologia, consolidando novas áreas, dentre elas a *Neuropsicologia* (que em interface com a Neurologia, estuda as relações do cérebro com o comportamento animal) e a *Psicometria* (que em relação com a Matemática e a Estatística, elabora e aplica técnicas para mensurar um objeto psicológico), revelando o aspecto prático da Psicologia na busca de solução de problemas do homem e da sociedade.

Neste sentido interdisciplinar, em meados do século XX, surge na Psicologia o conceito de Inteligência Emocional. Todavia, tomado de empréstimo por outras e diferentes áreas do conhecimento, o constructo passa a ser indiscriminadamente mal empregado, tornando-se sinônimo de “panacéia universal”, ou seja, solução para os males da sociedade moderna.

Portanto, ao fixar os termos da Inteligência Emocional empregados pelos Neuropsicólogos ou Psicólogos Psicométricos em um glossário terminológico, tem-se a intenção de minimizar as confusões conceituais acerca da Inteligência Emocional.

Após as justificativas, a seguir, apresentam-se os objetivos do trabalho.

2 OBJETIVOS

Tecnicamente, definiu-se um objetivo geral e três objetivos específicos para a pesquisa em questão:

2.1 OBJETIVO GERAL

- Produzir o *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional*, apresentando a nomenclatura sistematizada da Inteligência Emocional quanto subárea da Psicologia.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os principais especialistas da Inteligência Emocional enquanto subárea da Psicologia e estabelecer o *corpus* do trabalho.
- Elaborar o *mapa conceptual* através da revisão da literatura específica.
- Proceder às etapas metodológicas da terminografia de acordo com a fundamentação teórico-técnica.

Socialmente, considerando a dimensão-discursiva do dicionário e a relação *língua-sujeito-história*, esta obra também objetiva:

- Contribuir com a consolidação desta subárea científica da Psicologia Social: a Inteligência Emocional.

- Demonstrar a importância da Terminologia no contexto científico atual: a sua relevância na fixação de áreas de especialidade.
- Respalidar a Terminologia como ciência em pleno desenvolvimento no Brasil, sendo, portanto, importante para o desenvolvimento científico do país.

3 PREMISSAS, HIPÓTESES E QUESTÕES

Durante a fase preliminar da pesquisa foi possível identificar algumas premissas² subjacentes ao trabalho terminológico da Inteligência Emocional. São elas:

1) *Inteligência e emoção* são objetos de pesquisa da Psicologia, a principal área científica que enfoca a subjetividade humana.

2) Na Psicologia, a *Escola* que mais explora as emoções é a *Histórico-social*, que associa subjetividade (pensamento, emoções e razão) à historicidade (contexto social) na formação do ser humano.

3) De modo geral, *emoção* pode ser entendida como:

1. Ato de mover (moralmente). **2.** Perturbação ou variação do espírito advinda de situações diversas, e que se manifesta como alegria, tristeza, raiva, etc.; abalo moral; comoção. **3.** *Psicol.* Reação intensa e breve do organismo a um lance inesperado, a qual acompanha dum estado afetivo de conotação penosa ou agradável (EMOÇÃO. *In:* FERREIRA, 1999, p. 737).

4) Do mesmo modo, *Inteligência* é definida como:

1. Faculdade de aprender, apreender ou compreender; percepção, apreensão, intelecto, intelectualidade. **2.** qualidade ou capacidade de compreender e adaptar-se facilmente; capacidade, penetração, agudeza, perspicácia. **3.** maneira de entender ou interpretar; interpretação. [...] **7.** *Psicol.* Capacidade de resolver situações problemáticas novas mediante reestruturação dos dados perceptivos (INTELIGÊNCIA. *In:* FERREIRA, 1999, p. 1122).

² premissa: 2. *P. ext.* Fato ou princípio que serve de base à conclusão de um raciocínio (PREMISSA. *In:* FERREIRA, 1999, p. 1629).

5) A Psicologia estabelece interdisciplinaridade com diversas áreas, tais como a Neurologia (cuja relação faz surgir a *Neuropsicologia*, ou Neurociência Cognitiva), ou com a Matemática e a Estatística (originando a *Psicometria*).

6) *Neuropsicólogo* é aquele com competência para dar diagnóstico, acompanhamento, tratamento e realizar pesquisa da cognição, das emoções, da personalidade e do comportamento sob o enfoque da relação entre estes aspectos e o funcionamento cerebral³.

7) *Psicólogo Psicométrico* é o que, utilizando de técnicas de medidas, busca padrões de comportamento e ajustamento social, e identifica habilidades e características de personalidade, como inteligência e aptidões, por exemplo.

8) Estudos neuropsicológicos e psicométricos já comprovaram a relação intrínseca entre emoções, inteligência e comportamento humano, e culminaram com o surgimento do constructo *Inteligência Emocional* na Psicologia.

O vislumbre destas premissas permitiu clareza para as seguintes hipóteses-questões:

Quadro 1: Hipóteses e Questões para a área temática da pesquisa

HIPÓTESES	QUESTÕES
<ul style="list-style-type: none"> Se inteligência e emoções são objeto de estudo da Psicologia, deve haver pesquisadores propositores de teorias inovadoras nestas áreas. 	1) Quem são estes autores?
<ul style="list-style-type: none"> Se existe o conceito de Inteligência Emocional na Psicologia, deve existir uma <i>teoria fundadora da Inteligência Emocional</i>. 	2) Existe a teoria fundadora da Inteligência Emocional?
<ul style="list-style-type: none"> Havendo a teoria fundadora e novos conceitos em torno da Inteligência Emocional, é plausível que haja uma terminologia específica para o assunto. 	3) Há uma terminologia específica para a Inteligência Emocional?

³ Conselho Federal de Psicologia – Resolução 002/2004 de 3 de março de 2004.

São estas premissas, hipóteses e questões que sustentam o desenvolvimento de toda esta pesquisa, e também permitem levantar as seguintes questões para uma futura pesquisa complementar para a área técnica-terminológica:

- 1) Se o nascedouro da subárea Inteligência Emocional é fora do Brasil, como esta área chegou ao país?
- 2) Como foi o processo de tradução da terminologia especializada: realizada por especialistas temáticos ou linguistas?
- 3) Esta terminologia brasileira da Inteligência Emocional está harmonizada com os demais países de língua portuguesa?
- 4) Os termos são unívocos ou apresentam variações?

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

O tema Inteligência Emocional ganhou notoriedade a partir de 1995, com a publicação da tese de Daniel Goleman “Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente”. Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos, rapidamente a obra ganhou traduções nas mais diferentes línguas e tornou-se best-seller internacional. No livro, o psicólogo apresenta as recentes descobertas neurológicas para justificar a hipótese de que o controle das emoções é fator essencial para o desenvolvimento da inteligência do indivíduo.

Goleman argumenta que temperamento não é destino, pois muitos circuitos da mente humana são maleáveis e podem ser trabalhados e, partindo de situações do cotidiano, demonstra como a incapacidade de lidar com as emoções pode comprometer as relações da vida. O autor pondera que moldada por uma cultura que só apostou no intelecto, a sociedade está emocionalmente doente.

O livro esclarece de que modo se pode atuar diretamente sobre a Inteligência Emocional para se evitar os problemas da sociedade moderna.

Na prática, o que a obra de Goleman fez foi dar visibilidade para os estudos científicos sobre as emoções.

Este autor é considerado por muitos como um grande divulgador da Inteligência Emocional, pois a essência de seu trabalho está na compilação de diversas teorias propostas por outros pesquisadores. Sendo divulgador, Goleman não está na categoria de formulador teórico, tão pouco o *best-seller* alcança o *status* de tratado científico ou obra fundadora de uma nova teoria científica. De qualquer modo, impossível deixar de citá-lo quando o assunto é Inteligência Emocional. Seu mérito reside no fato de ter realizado tal compilação científica e ter sido capaz de apresentá-la em linguagem de baixa densidade terminológica especializada, em um texto que mescla teorias e exemplos didáticos, do cotidiano das pessoas, tornando-a acessível ao público leigo.

Ao compilar pesquisas que relacionam emoções e cérebro, e distinguir Q.I.⁴ de Q.E. (quociente de inteligência X quociente emocional), Goleman demonstra como a Neurociência,

⁴ QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA. *Psicol.* Proporção entre a inteligência de um indivíduo, determinada de acordo com alguma medida mental, e a inteligência normal ou média para a sua idade; coeficiente de inteligência. [Entre as diversas maneiras de calcular esta proporção, a mais comum é a idade mental dividida pela idade cronológica. Considera-se, de ordinário, que a debilidade mental começa com o índice abaixo de 70; e a inteligência superior, acima de 130. Sigla: Q.I.]. *In: FERREIRA, 1999, p. 1692.*

e mais especificamente a Neuropsicologia tem sido fundamental no avanço dos estudos e dos conceitos das emoções e da Inteligência Emocional.

1 Histórico do constructo Inteligência Emocional

É creditado a Wayne Leon Payne (1985)⁵ o cunho do termo *Emotional Intelligence*, em sua tese de doutorado intitulada “*A Study of emotion-developing emotional intelligence; self-integration; relating to fear, pain and desire (theory, structure of reality, problem-solving, contraction/expansion, tuning in/comingout/letting go)*”⁶ realizada em Cincinnati – EUA, na *The Union for Experimenting Colleges and Universities*. Na primeira linha do resumo, o autor declara: “este documento introduz o conceito de Inteligência Emocional, uma faculdade da consciência até agora ignorada” (*trad. nossa*).

Cobêro, Primi e Muniz (2006, p. 338) explicam que, em sua tese Payne discute a Inteligência Emocional do ponto de vista filosófico, o que deu a seu modelo pouca receptividade. De qualquer modo, o constructo *Emotional Intelligence* estava lá.

Cinco anos mais tarde, John D. Mayer, M. T. DiPaolo & Peter Salovey (1990)⁷ publicam o artigo “*Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of emotional intelligence*”⁸, no *Journal of Personality Assessment*. Dado o caráter da pesquisa – cujo objetivo foi pesquisar a habilidade de percepção de conteúdos afetivos – e sua publicação em periódico científico internacional de Psicologia com grande repercussão, os autores e seus postulados conquistaram credibilidade. Assim, o termo *Emotional Intelligence* foi chancelado.

É possível que se incorra em erros ao tentar definir a paternidade – ou maternidade – de um termo. Em artigo mais recente, publicado no livro *Manual da Inteligência Emocional*, Salovey, Mayer e Caruso (*In: BAR-ON; PARKER, 2002, p. 83*) afirmam haver um artigo

⁵ PAYNE, Wayne Leon. A study of emotion: developing emotional intelligence; self-integration: relating to fear, pain and desire. **Dissertation Abstracts International**, 47 (01), 203A, 1986. (University Microfilms No. AAC 8605928) *apud* MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 83) *In: BAR-ON; PARKER, 2002*.

⁶ Um estudo da emoção – desenvolvimento da inteligência emocional. auto-integração; relacionado ao medo, dor e desejo (teoria, estrutura da realidade, resolução de problemas, contração / expansão, detecção / constatação / liberação), tradução nossa.

⁷ MAYER John D.; DiPAOLO M. T.; SALOVEY, Peter. Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of emotional intelligence. **Journal of Personality Assessment**, [S.1], n. 54, 1990 (p. 772-781) *apud* MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 82); COBÊRO; PRIMI; MUNIZ, 2006 (p. 337)

redigido por B. Leuner (1966), em alemão, em que se encontra o conceito da inteligência emocional. O título do artigo, traduzido para o inglês é “*Emotional Intelligence and Emancipation*”, descreve mulheres adultas que, por hipótese, devido à sua baixa inteligência emocional, rejeitavam seus papéis sociais.

Com esta informação, percebe-se que este não é um assunto fechado. Quiçá serão encontradas outras publicações mais antigas, em outras línguas, que apresentem o constructo Inteligência Emocional. Por enquanto, este é o consenso histórico para o nascedouro do termo.

2 Histórico das publicações com o constructo Inteligência Emocional

Em termos de língua portuguesa, o termo Inteligência Emocional entrou para o léxico da língua (no Brasil) a partir da tradução da obra de Daniel Goleman, em 1996, publicada pela Editora Objetiva. O título original *Emotional Intelligence – The Groundbreaking Book That Redefines What it Means to be Smart* foi traduzido por Marcos Santarrita por “Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente”.

Uma busca nas lojas virtuais das principais livrarias do país (quadro 2), possibilitou demonstrar o histórico das publicações em língua portuguesa que trazem o termo Inteligência Emocional no título, ano a ano.

Quadro 2: Livrarias consultadas para levantamento das obras que tenham o termo Inteligência Emocional no título

	LIVRARIA	ENDEREÇO VIRTUAL
1	<i>Livraria Cia. dos Livros</i>	www.ciadoslivros.com.br
2	<i>Livraria Cultura</i>	www.livrariacultura.com.br
3	<i>Livrarias Curitiba</i>	www.livrariascuritiba.com.br
4	<i>Livraria FNAC</i>	www.fnac.com.br
5	<i>Livraria Galileu</i>	www.livrariagalileu.com.br
6	<i>Livraria Melhoramentos</i>	www.livrariamelhoramentos.com.br

⁸ Percepção de conteúdo afetivo em estímulos visuais ambíguos: um componente da inteligência emocional (trad. nossa).

7	<i>Livraria Nobel</i>	www.livrarianobel.com.br
8	<i>Livraria Saraiva</i>	www.livrariasaraiva.com.br
9	<i>Livraria Siciliano</i>	www.siciliano.com.br
10	<i>Livraria Sebo Estante Virtual</i>	www.estantevirtual.com.br
11	<i>Livraria Sebo Virtual A Traça</i>	www.traca.com.br
12	<i>Livraria da Travessa</i>	www.travessa.com.br
13	<i>Livraria Virtual Americanas.com</i>	www.americanas.com.br
14	<i>Livraria Virtual Submarino.com</i>	www.submarino.com.br

Nota: elaborado pela autora, com acesso virtual e consulta aos acervos em 30/5/2009.

Na listagem das obras (quadro 3), é preciso que se chame a atenção para a diversidade de abordagens encontradas. São obras que vão da categoria *autoajuda*, com caráter eminentemente motivacional e base puramente empírica, até a caracterização *técnico-científica* da Psicologia.

Este fato – da ampla abordagem das obras – pode ser compreendido quando se atenta para a linguagem utilizada por Daniel Goleman na propagação do novo termo, quando foi amplamente difundido. Veja o que diz Correia (1997, p. 415) sobre este assunto:

O estilo de linguagem utilizado pelo autor provavelmente favorece esta disseminação, uma vez que prioriza-se o que Goleman chama de linguagem emocional, cuja pretensão é atingir o *coração* do leitor. Este termo é constantemente referido quando fala-se da localização das emoções, mas não há esclarecimentos sobre o seu teor figurativo. Os capítulos, na grande maioria das vezes, são introduzidos com uma espécie de “historinha”, e o conteúdo geralmente é extremamente didático no sentido de responder perguntas e dar conselhos ou “receitas. [...] O comentário na contracapa já prevenia que “... Goleman *traduz* as mais recentes descobertas *neurológicas* para o público leigo.” Ainda assim, esperava-se um maior aprofundamento.

Goleman, de fato, popularizou o termo Inteligência Emocional, que rapidamente passou a ser verbalizado por especialistas e não especialistas de diferentes áreas, como meio insuperável para se atingir o sucesso escolar, empresarial, pessoal ou familiar, transformando-se numa panaceia universal.

Esse *estouro de sucesso* tornou o termo bastante vulnerável a variações, utilizações equivocadas e interpretações errôneas, fato que até hoje faz com que as pesquisas e abordagens mais técnicas e científicas não conquistem o crédito ou destaque devido.

Abaixo, apresenta-se a listagem de 50 obras encontradas com o termo Inteligência Emocional no título, em língua portuguesa.

Quadro 3: Histórico de publicações brasileiras com Inteligência Emocional no título.

	TÍTULO	AUTOR(ES)	TRADUTOR	EDITORA	ANO	ISBN
1	Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente	GOLEMAN, Daniel.	Marcos Santarrita	Objetiva	1996 (©1995)	85730 20806
2	Inteligência Emocional e a Arte de Educar nossos filhos	GOTTMAN, John, DECLAIRE, Joan.	(não identificado)	Objetiva	1996	85730 2125X
3	O que é Inteligência Emocional	MARTIN, Dóris, BOEK, Karin.	---	Pergaminho	1996	97271 11572
4	A IE na Construção do Novo Eu	ANTUNES, Celso.	---	Vozes	1997	85326 18383
5	Teste o seu QE: Inteligência Emocional	BROCKERT, Siegfried, BRAUN, Gabriele.	WENGORSKI, Paulo.	Record	1997	85010 4962X
6	Coração no Trabalho: a IE na atividade profissional	CANFIELD, Jack.	(não identificado)	Ediouro	1997	85000 00171
7	Inteligência Emocional na Empresa	COOPER, Robert., SAWAFF, Ayman.	(não identificado)	Campus / Elsevier	1997	85352 02110
8	Além da Inteligência Emocional.	MIRANDA, Roberto Lira.	---	Campus / Elsevier	1997	85352 018X
9	Razão e Emoção: a Inteligência Emocional em questão.	MOSCOVICI, Fela.	---	Casa da Qualidade	1997	85856 51296
10	Teste a sua Inteligência Emocional.	MARTINEAUX, Sophie.	(não identificado)	Ediouro	1997	85000 04843
11	Avaliando a Inteligência Emocional	SIMMONS, Steve. SIMMONS JR. John.	(não identificado)	Record	1997	85010 52450
12	Inteligência Emocional no Trabalho	WEISINGER, Hendrie.	(não identificado)	Objetiva	1997	85730 21810
13	De Bem com Você e de Bem com a Vida: IE na Prática.	WILSON, Meiler.	---	Marketer	1997	85900 05925
14	Inteligência Emocional: as três fases da mente.	BEAUPORT, Elaine, DIAZ, Aurora Sofia.	(não identificado)	Teosófica	1998	85859 61171
15	Inteligência Emocional, uma nova abordagem para seu filho.	SHAPIRO, Lawrence.	(não identificado)	Campus	1998	85352 02285
16	Aumentando sua Inteligência Emocional: um guia prático.	SEGAL, Jeanne.	(não identificado)	Rocco	1998	85325 08197
17	Educação Emocional: um programa personalizado para desenvolver sua IE.	STEINER, Claude.	(não identificado)	Objetiva	1998	85730 21616

	TÍTULO	AUTOR(ES)	TRADUTOR	EDITORA	ANO	ISBN
18	Motivação de Equipes Virtuais: a IE para se Relacionar.	CASTRO, Antonio Pires, JOSÉ-MARIA, Valéria	---	Gente	1999	85 7312 205 6
19	Trabalhando com a Inteligência Emocional	GOLEMAN, Daniel.	M. H. C. Côrtes	Objetiva	1999	85730 22256
20	Inteligência Emocional nos Gordos.	RODRIGUES, Josué.	---	Univ. Católica PE	1999	--
21	Sinto, Logo Existo: Inteligência Emocional e auto-estima.	SABBI, Deroni.	---	Alcance	1999	85-87262 -07-6
22	Inteligência Emocional da Criança.	SALOVEY, Peter, SLUYTER, David J.	(não identificado)	Campus	1999	85352 03982
23	Emoção é Poder. Manual da Inteligência Emocional.	SOUKI, Ômar.	---	Souki House	1999	--
24	O Poder das Emoções: a descoberta da IE.	STEMME, Fritz.	(não identificado)	Cultrix	1999	85316 06012
25	Inteligência Emocional: a voz do coração.	CAMPOS, Juarez de Queiroz.	(não identificado)	Jotace	2001	--
26	A Adolescência e a Inteligência Emocional.	ELIAS, Maurice ., TOBIAS, Steven E., FRIEDLANDER, Brian	ESTRADA, Maria Inês Duque.	Objetiva	2001 (©2000)	85730 24119
27	O Poder da Palavra: relações humanas, neurolinguística, IE.	FERNANDES, Marcos Tarier.	---	Age	2001	85749 70549
28	Como usar a Inteligência Emocional: seu guia de estratégia pessoal.	SEYMOUR, John, SHERVINGTON, Martin.	(não identificado)	Publifolha	2001	85-7402-310-8
29	Manual da Inteligência Emocional	BAR-ON, Reuven, PARKER, James D.A.	COSTA, Ronaldo Cataldo.	Artmed	2002	85730 79185
30	O poder da Inteligência Emocional	GOLEMAN, Daniel, BOYATZIZ, Richard, MCKEE, Annie.	(não identificado)	Campus	2002	85352 09700
31	Inteligência Emocional: suas capacidades mais humanas	HERRERO, Joaquim Campos.	(não identificado)	Paulus	2002	85349 19526
32	Optimismo e Inteligência Emocional.	MARUJO, Helena Águeda.	--- (português PT)	Editorial Presença	2002	97223 28123
33	Manual da Inteligência Emocional: curso intensivo com exercícios práticos.	BRIDOUX, Denis C., MERLEVEDE Patrick E., VANDAMME, Ruby.	(não identificado)	Madras	2003	ISBN 85737 48990
34	Auto-estima com Inteligência Emocional	ESCADA, Ângela.	---	Raridade	2003	97897 29891 908
35	Desenvolva sua Inteligência Emocional e Tenha Sucesso na Vida.	BELTRÁN, Maria Mercedes.	(não identificado)	Paulina	2004	97885 35605 402
36	Inteligência Emocional na Sala de Aula.	MICHAEL, Brearley.	(não identificado)	Madras	2004	85737 49067
37	Aprenda as Chaves da Inteligência Emocional	DANN, Jill.	(não identificado)	Planeta do Brasil	2005	85766 50533

	TÍTULO	AUTOR(ES)	TRADUTOR	EDITORA	ANO	ISBN
38	Chega de Oba-oba: porque desempenho e disciplina rendem mais que IE, espírito de equipe e soft skills.	MAIR, Judith.	HOLZHHAUSEN, Marlene	Martins Fontes	2005	85336 21280
39	Teste sua Inteligência Emocional	DAVIS, Mark.	ESTEVES, Luiz Fernando	Arx	2006 (©2004)	85758 12017
40	Capital Espiritual: usando as inteligências racional, emocional e espiritual para realizar transformações pessoais e profissionais.	ZOHAR, Danah, MARSHALL, Ian.	MASSARO, Evelyn Kay.	Best Seller	2006	85768 40537
41	Inteligência Social: além do QI, além da IE.	KARL, Albrechet.	(não identificado)	M. Books	2006	85893 84969
42	As Dúvidas que Eu Tenho: IE para Crianças.	ROCHA, Ruth, LORCH, Dora.	---	Ática	2006 (©2006)	85081 01589
43	Liderança com IE: liderando e administrando com competência e eficácia.	SALOVEY Peter, CARUSO, David.	SANTOS, Roger Maioli.	M. Books	2006 (©2004)	85768 0008X
44	Desenvolva a sua Inteligência Emocional	BRADBERRY, Travis, GREAVES, Jean.	MOTTA, Marisa	Sextame	2007 (©2003)	97885 75422
45	Além da Inteligência Emocional	AGUERA, Llorenç Guilera.	(não identificado)	Cengage Learning	2008	85221 06479
46	Dominando o Mentoring e o Coaching com Inteligência Emocional.	BRIDOUX, Denis C., MERLEVEDE, Patrick E.	ALVES, Ebreia de Castro.	Qualitymark	2008 (©2008)	97885 73037 463
47	Relacionamentos no Trabalho: como usar a IE p/ melhorar sua eficiência com outras pessoas.	WALL, Bob.	GOUVEIA, Tereza, DUARTE Sérgio.	Landscape	2008 (2008)	97885 77750 719
48	Educar os Filhos com Inteligência Emocional.	ALARCON, Maria José Galego	---	Paulus Editora	2009	85349 29866
49	IE para Gerenciamento de Projetos.	MERSINO, Anthony C.	(não identificado)	M. Books	2009	97885 76800
50	Neuro-aprendizagem e Inteligência Emocional.	OLIVARES, Inês Cozzo.	---	Qualitymark	2009	85730 38489

Nota: Elaborado pela autora através da busca virtual em livrarias nacionais, conforme exposto no quadro 2.

A construção da listagem acima permitiu observar que ela é de grande representatividade, pois a maioria das obras aparece repetidamente em várias livrarias consultadas. Também foi possível observar que, para a possibilidade de existirem outras obras não citadas, supõe-se não estarem sendo comercializadas, e, portanto, indisponíveis.

Lembra-se também que foram pesquisadas apenas as obras que continham o termo Inteligência Emocional no título, e não eventualmente citadas no corpo de argumentações.

Por fim, ainda sobre as obras descritas, merece destaque o *Manual da Inteligência Emocional*, publicado originalmente em 2000 por Reuven Bar-On e James Parker⁹, e traduzido para o português em 2002 pela Artmed Editora. Esta obra, embora de título apelativo comercial, pode ser considerada o primeiro tratado da Inteligência Emocional.

Ao pesquisar o assunto e resenhar este livro, Cobêro (2003, p.95) afirma que:

O livro *Manual de Inteligência Emocional* (2002) é um livro bem abrangente e destinado a profissionais interessados na **área** da inteligência emocional. Os autores participantes foram eficazes e claros ao descrever o assunto, colaborando para torná-lo um livro de grande valia para pesquisadores da **área**, dando uma visão global do construto e de suas implicações em diversos contextos. É um livro mais acadêmico, baseado em pesquisas, com rigor científico, podendo ser considerado o primeiro livro acadêmico base sobre a inteligência emocional, ao contrário do livro de Goleman que é um livro popular (grifo nosso).

A obra difere-se das demais pela forma com que foi elaborada. Bar-On e Parker mobilizaram outros 35 pesquisadores-autores que elaboraram 22 artigos, publicados em 4 partes. O livro está sumarizado conforme o quadro abaixo.

Quadro 4: Sumário do livro “Manual da Inteligência Emocional”

Prefácio	
<i>Daniel Goleman</i>	Ix
Lista de Siglas e abreviaturas	13
Introdução	
<i>Reuven Bar-On e James D. A. Parker</i>	17
PARTE UM	
Constructos básicos	
1 Inteligência social: o desenvolvimento e a manutenção do comportamento proposital <i>Sabrina Zirkel</i>	22
2 Competência social: a construção social do conceito <i>Keith Topping, William Bremner e Elizabeth A. Holmes</i>	39
3 Uma visão geral do constructo de alexitimia <i>Graeme J. Taylor e R. Michael Bagby</i>	47
4 Competência emocional: uma perspectiva evolutiva <i>Carolyn Saarni</i>	65
5 Inteligência emocional como <i>zeitgeist</i> , como personalidade e como aptidão mental <i>John D. Mayer, Peter Salovey e David R. Caruso</i>	81
6 Disponibilidade psicológica e inteligência emocional <i>Mary McCallum e William E. Piper</i>	99
7 Inteligências em excesso? Integrando as inteligências social, emocional e prática <i>Jennifer Hedlund e Robert J. Sternberg</i>	111

⁹ © Jossey-Bass Inc., Publishers, 2000. Originalmente publicado sob o título *The Handbook of emotional intelligence: theory, development, assessment, and application at home, school, and the workplace*.

PARTE DOIS		
Desenvolvimento normal e anormal da inteligência emocional		
8	Níveis de consciência emocional: perspectivas neurológicas, psicológicas e sociais <i>Richard D. Lane</i>	134
9	Baixa capacidade de julgamento apesar de um alto intelecto: evidências neurológicas da IE <i>Antoine Bechara, Daniel Tranel, Antonio R. Damásio</i>	148
10	A inteligência prática e seu desenvolvimento <i>Robert J. Sternberg e Elena L. Grigorenko</i>	165
11	O desenvolvimento da expressão, do entendimento e da regulação emocional em bebês e crianças pequenas <i>Elaine Scharfe</i>	185
12	A inteligência emocional segundo a perspectiva do modelo da personalidade dos cinco fatores <i>Robert R. McCrae</i>	198
13	Inteligência, emoção e criatividade: da tricotomia à trindade <i>James R. Averill</i>	207
PARTE TRÊS		
Questões e métodos de avaliação		
14	Avaliação da alexitimia: medidas de auto-avaliação e avaliação por meio de um observador <i>Graeme J. Taylor, R. Michael Bagby e Olivier Luminet</i>	224
15	Selecionando uma medida para a inteligência emocional: em defesa das escalas de aptidão <i>John D. Mayer, Peter Salovey e David R. Caruso</i>	237
16	Agrupando as competências da inteligência emocional: visões do <i>Emotional Competence Inventory</i> <i>Richard E. Boyatzis, Daniel Goleman e Kennet S. Rhee</i>	252
17	Inteligência social e emocional: visões do <i>Emotional Quotient Inventory</i> <i>Reven Bar-On</i>	266
PARTE QUATRO		
Estratégias e intervenções de prevenção		
18	Critérios para avaliar a qualidade de programas escolares de aprendizagem social e emocional <i>Patrícia A. Graczyk, Roger P. Weissberg, John W. Payton, Maurice J. Elias, Mark T. Greenberg e Joseph E. Zins</i>	286
19	A eficácia de programas escolares para a promoção da competência social <i>Keith Topping, Elizabeth A. Holmes e William Bremner</i>	300
20	Competência social e emocional no local de trabalho <i>Cary Cherniss</i>	315
21	Inteligência emocional, adaptação às situações de estresse e os resultados para a saúde <i>Gerald Matthews e Moshe Zeidner</i>	333
22	Inteligência emocional: implicações clínicas e terapêuticas <i>James D. Parker</i>	355
	Índice remissivo	365
	Índice onomástico	379

Nota de Catalogação: CDU 159.92/.925 - ISBN 85-7307-918-5

B265m Bar-On, Reuven.

Manual da Inteligência Emocional: teoria, desenvolvimento, avaliação e aplicação em casa, na escola e no local de trabalho / Reuven Bar-On e James D. A. Parker; trad. Ronaldo Cataldo Costa. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

1. Psicologia – Inteligência emocional. I. Parker James D. A. II. Título.

Bar-On e Parker (2002, p. 17) explicam que um dos objetivos da obra foi “juntar um conjunto de capítulos, escritos por reconhecidos expoentes do campo, a respeito dos modelos conceituais mais proeminentes de inteligência emocional e dos conceitos relacionados”, dentre eles: alexitimia, níveis de consciência emocional, competência emocional, abertura à experiência, inteligência prática, disponibilidade psicológica, competência social e inteligência social. Também há um capítulo destinado especialmente aos métodos mais válidos e confiáveis para avaliar a inteligência emocional e ainda um enfoque para as estratégias e intervenções de prevenção na escola e no trabalho e as variáveis que interferem no resultado: fatores de personalidade, criatividade, saúde física e mental, e a qualidade dos relacionamentos interpessoais. Em suma: uma obra de referência.

Assim, com um marco referencial definido, a seguir apresenta-se sucintamente a caracterização da Inteligência Emocional, tomando por base o artigo 5 do Manual da Inteligência Emocional, redigido por Mayer, Salovey e Caruso (*In: BAR-ON e PARKER, 2002, p. 81*).

3 Caracterização da Inteligência Emocional

No artigo intitulado “Inteligência Emocional como *Zeitgeist*, como Personalidade e como Aptidão Mental”, Mayer, Salovey e Caruso (*In: BAR-ON e PARKER, 2002, p. 81*), confirmam a Teoria da Inteligência Emocional originalmente proposta e publicada em 1990, e tecem correlações e críticas com outras abordagens posteriormente surgidas, dentre elas a de Goleman (1995).

Inicialmente, os autores explicam que a partir de Goleman, e de ter aparecido na capa da revista *Times* e do jornal *USA Today*, o conceito Inteligência Emocional foi definido e redefinido muitas vezes, e destacam três significados usuais para o termo:

- 1) **Zeitgeist:** o significado cultural e político de uma época; O espírito de um tempo.
- 2) **Personalidade:** o significado mais popular, que designa o termo como grupo de *traços de personalidade* importantes para se obter sucesso na vida;
- 3) **Aptidão Mental:** o significado encontrado na literatura científica, que designa um *conjunto de capacidades* que dizem respeito ao processamento de informações emocionais.

3.1 A Inteligência Emocional como *zeitgeist*

Segundo os autores, na propagação da Inteligência Emocional, Goleman e seus seguidores procederam a uma mistura de sensacionalismo e ciência. Defendiam a ideia de que uma parte negligenciada da personalidade, ao ser desenvolvida, poderia levar o indivíduo ao sucesso.

Além dessa promessa, esta abordagem realiza uma interseção entre duas áreas de tensão histórica no pensamento ocidental: emoção e razão. Duas citações explicitam esta tensão:

1) “Um termo que unisse emoção e inteligência poderia ser considerado um oxímoro por alguns, pois as emoções transmitem uma ideia de irracionalidade”¹⁰;

2) “Payne previu um tempo em que as emoções e a inteligência seriam integradas pela aprendizagem de respostas emocionais na escola, e os governos seriam compreensivos ao sentimento dos indivíduos”¹¹.

Também nesta época, outra tensão tomava força no pensamento ocidental: a dicotomia elitismo e igualitarismo.

Herrnstein & Murray (1994)¹² haviam publicado a obra “A Curva do Sino”, defendendo a importância do Q.I. no entendimento da distribuição das classes sociais americanas. Os autores afirmavam que as pessoas estariam distribuídas nas classes sociais segundo seu quociente intelectual, e que, “a baixa inteligência explicava em parte porque certas pessoas eram pobres e estavam desempregadas, ao passo que a alta inteligência explicaria a razão pela qual outras estavam empregadas e eram ricas”.

¹⁰ MAYER John D.; DiPAOLO M. T.; SALOVEY, Peter. Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of emotional intelligence. **Journal of Personality Assessment**, [S.l.], n. 54, 1990 (p. 772-781) *apud* MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, (p. 82) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002; COBÊRO; PRIMI; MUNIZ, 2006 (p. 337).

¹¹ PAYNE, Wayne Leon. A study of emotion: developing emotional intelligence; self-integration: relating to fear, pain and desire. **Dissertation Abstracts International**, 47 (01), 203A, 1986. (University Microfilms No. AAC 8605928) *apud* SALOVEY; MAYER; CARUSO, 2002 (p. 83) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

¹² HERRNSTEIN, R. J; MURRAY. C. **The bell curve: intelligence and class in American Life**. New York: Free Press, 1994 *apud* MAYER, SALOVEY e CARUSO, 2002 (p. 82) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

A abordagem discriminatória destas ideias provocou reações intelectuais, e a publicação de “Inteligência Emocional”, de Goleman, soou como uma resposta à altura. Ele afirmou: “a inteligência emocional pode ser tão poderosa e, às vezes, mais poderosa do que o QI”, e “competências emocionais essenciais podem ser, de fato, aprendidas”¹³.

Suas ideias corroboraram as ideias de pesquisadores de outras linhas do pensamento, que ensaiavam uma *rebelião emocional* desde os anos 60 do século XX. Neste período, nos Estados Unidos da América, a militância política ascendeu à discussão dos direitos civis, o ativismo estudantil contra a guerra do Vietnã e o movimento feminista.

“Havia uma promessa de libertação nacional, havia a profanação de tudo o que era sagrado [...] houve um salto rumo à igualdade, uma degradação de padrões, repugnância para com a perversão da razão pelo Pentágono, uma fuga dos rigores do intelecto” (GITLIN, 1993, p. 341). “A fuga dos rigores do intelecto” incluía uma forte dose de emotividade. De maneira interessante, a emotividade estava fortemente ligada ao crescimento emocional (MAYER, SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 83) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002).

Neste sentido, Inteligência Emocional representou o *zeitgeist* – o espírito da época, daquela sociedade.

O termo *inteligência emocional* transmite alguns aspectos dos *zeitgeists* atuais; ele captura algo dos vários interesses ou espíritos conflitantes de nossa época. Em alguns contextos, ele se refere a uma integração na guerra entre emoção e racionalidade através da história humana. Neste sentido, **uma sociedade emocionalmente inteligente é aquela que entende como integrar a razão e a emoção.** Em outros contextos, a inteligência emocional sugere uma inteligência mais calma e gentil – uma inteligência que qualquer um pode ter. Neste sentido, **uma sociedade emocionalmente inteligente é aquela em que todos – mesmo aqueles que anteriormente não seriam considerados muito brilhantes - poderiam ser inteligentes** (MAYER, SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 85) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002). (grifo nosso).

Posteriormente, os mesmos autores levantam uma questão em tom de crítica: “Serão esses usos adequados para o termo *inteligência emocional*?”. Eles sugerem que um entendimento científico do que seja inteligência emocional pode ou não sustentar tais descrições da sociedade.

¹³ GOLEMAN. Daniel. **Emotional intelligence**. New York: Bantam, 1995 *apud* MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 82) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

3.2 A Inteligência Emocional como personalidade

Na segunda acepção, Inteligência Emocional sai do domínio popular e entra no domínio científico, em que se faz necessário o uso de padrões terminológicos superiores, com a premissa de que os termos devem ser claramente definidos e relacionados de forma coerente com outros termos.

Os autores explicam que, na medida em que a mente é dividida em seus elementos constitutivos – mecanismos, estruturas, funções e processos – cada qual é cuidadosamente concebido, e, um novo elemento da mente somente deveria ser nomeado quando uma nova entidade fosse descoberta, ou, somente fosse renomeado quando isso representasse forma mais precisa. Para entender a diferença entre Inteligência Emocional e Personalidade, sugerem breve visão geral da personalidade e seus elementos.

Normalmente, *motivação*, *emoção*, *cognição* e *consciência* – os quatro processos básicos empregados pela psicologia como as bases *quase-biológicas* da personalidade – são utilizados equivocadamente para falar da Inteligência Emocional. Os autores explicam:

A **motivação** básica é introspectiva e está relacionada com necessidades evolutivas básicas como a necessidade de comida e água, assim como a necessidade de segurança e apego básico. O sistema de motivação traduz essas necessidades sob a forma de desejo de comer, beber, vincular-se com o outro e, às vezes, de atacá-lo ou escapar dele (...). O sistema da **emoção** envolve experiências internas que surgem em resposta a modelos de relacionamentos externos. Se uma pessoa acredita que outra pessoa que lhe é significativa a ama, isso a deixará feliz. Se ela acredita que foi maltratada, ela ficará brava e assim por diante. (...) A **cognição** é responsável por cuidar das coisas cotidianas de forma planejada. Para fazê-lo, deve criar mapas do mundo detalhados, testá-los por meio da experimentação e da experiência, raciocinar eficazmente, separar a verdade da ficção e processar informações sobre o mundo. (...) A **consciência** é, das quatro modalidades básicas da mente, a menos entendida. Ela é a percepção que a pessoa tem do resto da mente (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 86) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002). (grifo nosso).

Para eles, esses quatro fatores relacionam-se ainda com um segundo grupo de elementos da personalidade: processos de aprendizagem que criam modelos: 1) do Eu, 2) do mundo, 3) e do Eu no mundo; e um terceiro aspecto da personalidade, traços ou temas, “que emergem quando um dado motivo, emoção ou pensamento é repetidamente apresentado em modelos do Eu e do mundo (ou seja, em mapas mentais aprendidos)”.

O quadro 5 a seguir é uma representação gráfica proposta pelos pesquisadores para compreensão destes principais sistemas da personalidade:

Quadro 5: Principais sistemas da personalidade segundo Mayer, Salovey e Caruso (2002)

NÍVEL 3: Traços Mentais	Traços Relevantes para o Eu: autoestima; autoconsciência; inteligência pessoal; força do ego.		Traços Gerais: extroversão, inteligência verbal, escrúpulo, dogmatismo, amizade.	
NÍVEL 2: Mapas Mentais	Modelos do Eu: autoconcepção, Eu ideal, identidade, história de vida.	Modelos do Eu no Mundo: papéis, vínculos, identificações, regras de conduta.		Modelos do Mundo: saber como soletrar, conhecimento especializado.
NÍVEL 1: Mecanismos Mentais	Motivações Básicas: desejo de comer, beber, dormir, unir-se a outros, defender-se.	Emoções Básicas: alegria, tristeza, raiva e medo; psicofisiologia associada.	Operações Cognitivas Básicas: aprendizagem, lembrança, julgamento, comparação.	Consciência Básica: percepção, atenção, fluxo de consciência.

Fonte: MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 87) *IN*: BAR-ON; PARKER, 2002.

Em resumo, o que os autores sinalizam é que os mecanismos mentais básicos da personalidade (motivação, cognição, consciência e emoção) relacionam-se permanentemente durante os processos de aprendizagem. Experiências de aprendizagem repetidas criam mapas mentais, ou seja, modos de funcionamento e de interpretação do Eu, do mundo, e do Eu no mundo que vincam traços, que passam a caracterizar os indivíduos, criando um sistema de personalidade complexo.

Essa breve síntese sobre os elementos constituintes da personalidade torna mais fácil a percepção dos equívocos cometidos por muitos autores ao definir a Inteligência Emocional. Por exemplo:

No livro de Goleman (1985), a inteligência emocional é composta de cinco partes: 1) conhecer as próprias emoções, 2) lidar com emoções, 3) motivar-se, 4) reconhecer emoções nos outros, e 5) lidar com relacionamentos. Mais adiante, no mesmo livro, o autor a redefine, acrescentando a) autopercepção, b) controle dos impulsos, c) protelação de gratificações e d) manejo do estresse e da ansiedade. Nestas definições, Goleman inclui traços baseados na motivação, nas emoções e no modo como o Eu maneja o mundo, abrangendo quase toda a personalidade (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 88) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002).

Outra definição equivocada para Inteligência Emocional, justamente porque a confunde com personalidade, é a de Bar-On (1997)¹⁴. Para ele, a Inteligência Emocional é caracterizada como uma “gama de aptidões, competências e habilidades não cognitivas que influenciam a capacidade do indivíduo de lidar com as demandas e pressões do ambiente”.

Interpretando os resultados da *EQ-i – Escala de autoavaliação da Inteligência Emocional*, Bar-On sugere a sua divisão em cinco categorias: 1) *QE intrapessoal*: autopercepção emocional, assertividade, autorrespeito, autoavaliação e independência; 2) *QE interpessoal*: empatia, relacionamento interpessoal e responsabilidade social; 3) *QE de adaptabilidade*: resolução de problemas, teste de realidade e flexibilidade; 4) *QE de administração de estresse*: tolerância ao estresse e controle de impulsos; e 5) *QE de humor geral*: felicidade e otimismo.

Nesta definição, percebe-se também que muitos atributos do modelo parecem ir além do que geralmente é considerado emoção ou inteligência.

Deste modo, Mayer, Salovey e Caruso (2002, p. 89 *In*: BAR-ON; PARKER, 2002) levantam a seguinte questão: “quais atributos de personalidade, então, *não* seriam considerados Inteligência Emocional?”

Os autores tecem uma segunda crítica:

Por que não rotulamos todos os elementos da personalidade como inteligência emocional? Se a inteligência emocional não se refere exclusivamente à emoção ou à inteligência, fica difícil saber a que ela se refere. **Qualidades como orientação para o serviço, relacionamentos interpessoais, intuição e auto-realização parece haver expandido o conceito sem qualquer consideração por seus limites.** Talvez o maior custo, contudo, seja que rotular a pesquisa da personalidade como “inteligência emocional” – ou seja, um campo novo – afasta as pessoas de pesquisas relevantes a respeito das novas alegações que são feitas. (...) Por exemplo, teorias que definem a inteligência emocional como uma lista diversificada de qualidades como a percepção política, a orientação para o serviço, a autoconfiança, a consciência e a motivação para a realização, não parecem se sustentar, pois tais agrupamentos juntam elementos da personalidade muito diferentes (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 89) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002). (grifo nosso).

Eles concluem que o campo da psicologia da personalidade está amplamente centrado no uso de *grupos de variáveis* e que misturar elementos de grupos de variáveis diferentes,

¹⁴ BAR-ON. *BarOn Emotional Quotient Inventory (EQ-i): technical manual*. Toronto, Canadá Multi-Health Systems, 1997 *apud* MAYER, SALOVEY e CARUSO, 2002 (p. 88) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

como motivação e consciência, podem resultar em conflitos (uma vez que a alta motivação para realizar algo frequentemente reduz a consciência quanto a cumpri-la com responsabilidade e adesão às regras), e deste modo, não pode ser característica de inteligência.

Concluem ainda que alegações do tipo “esse tipo de inteligência pode ser tão ou mais valioso que o Q.I.”, como a que foi proferida por Goleman (2001, p. 47), contradiz a literatura de pesquisas científicas, que aderem a padrões cuidadosamente desenvolvidos.

3.3 A Inteligência Emocional como aptidão mental

Na terceira acepção do termo, Mayer, Salovey e Caruso afirmam que o uso de Inteligência Emocional deve enfatizar o conceito de uma inteligência específica que processe as emoções e se beneficie delas, e nessa perspectiva, é composta de aptidões, habilidades ou capacidades mentais. Eles explicam:

Escolhemos empregar o termo *inteligência emocional* após uma cuidadosa revisão bibliográfica ter-nos convencido de que uma **inteligência emocional – até mais do que uma inteligência social – poderia ser operacionalizada e medida de maneira diferente das inteligências anteriormente descritas** (e outros elementos da personalidade; Mayer e Salovey, 1993, p. 433-444). Esse trabalho primordial representou o primeiro uso formal do termo definido como uma inteligência e introduziu os primeiros testes que viriam a permitir suas investigações empíricas (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 90) *In*: BAR-ON; PARKER (2002). (grifo nosso).

Nesse sentido, a inteligência é definida como um grupo de aptidões mentais, e, uma aptidão é “característica de um indivíduo quando este consegue completar com sucesso (ou seja, obter um determinado resultado desejado) uma tarefa de dificuldade definida, quando as condições do teste são favoráveis” (CARROLL, 1993)¹⁵. Um exemplo de teste de aptidão física é solicitar que uma pessoa levante 45 quilos, e um teste de aptidão mental consiste em medir o desempenho de um indivíduo ao lembrar sete dígitos seguidos, em tarefas semelhantes.

¹⁵ CARROLL, J. B. **Human cognitive abilities: a survey of factor-analytic studies**. New York: Cambridge University Press: 1993 *apud* MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, (p. 91) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

Dentro desta perspectiva, aptidão mental é sinônimo de capacidade mental, semelhante à habilidade mental e à competência mental.

Figura 1: Correlações da aptidão mental

Aptidão mental = capacidade mental = habilidade mental = competência mental
--

Os autores, todavia, destacam que aptidão mental cognitiva não constitui uma inteligência propriamente dita. Admitir o contrário seria uma ameaça para a área da pesquisa a respeito da inteligência e para outras áreas científicas:

Existem muitas virtudes humanas que não são suficientemente recompensadas em nossa sociedade, como a bondade nos relacionamentos humanos e os talentos em música, dança e pintura. Chamá-las de inteligência não faz justiça à teoria da inteligência ou aos traços de personalidade e talentos especiais que estão além da definição consensual de inteligência. Nem chamar todas as virtudes humanas de inteligência reorganiza as recompensas sociais, o que, creio, eu, é o objetivo dessas teorias (SCARR, 1989, p.78)¹⁶.

Em seu argumento, Mayer, Salovey e Caruso (2002, p. 91 *In: BAR-ON; PARKER, 2002*) consideram que “o termo *inteligência* é aplicado para traços mentais cujo principal propósito seja a resolução de problemas em certo domínio”. De modo geral, as definições de inteligência colocam ênfase primária no raciocínio abstrato, e secundária, no processo de adaptação. Terman (1921, p. 128)¹⁷ afirmou que “um indivíduo é inteligente em proporção àquilo que ele é capaz de realizar no pensamento abstrato”.

Quanto às emoções, “transmitem significados específicos, (...) satisfazem um sistema de símbolos complexo, coerente e consistente, que pode ser manuseado, entendido e planejado com o pensamento abstrato”, como é o caso da perda real ou percebida que desencadeia a tristeza, ou o caso da injustiça real ou percebida que desencadeia a raiva, ou ainda, a manifestação simultânea de alegria e tristeza, quando um amigo arruma um emprego novo em uma cidade distante.

¹⁶ SCARR, S. Protecting general intelligence: constructs and consequences for interventions. In R. Linn (Ed.) **Intelligence: Measurement, theory, and public policy**. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1989, p. 78 *apud* MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 91) *In: BAR-ON; PARKER, 2002*.

¹⁷ TERMAN, L. M. Intelligence and its measurement: a symposium (II.) **Journal of Educational Psychology**, 12: 1921 (127-133) *apud* MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 239) *In: BAR-ON; PARKER, 2002*.

Partindo desses conceitos sobre inteligência e emoções, os autores propõem uma *Teoria das Aptidões da Inteligência Emocional*, onde “a inteligência emocional opera por meio dos sistemas cognitivo e emocional”.

Nesta teoria, embora operando de modo unitário, a Inteligência Emocional é subdividida em quatro etapas:

- 1) **Percepção e identificação emocional:** envolve reconhecer e inserir informações do sistema emocional;
- 2) **Facilitação emocional do pensamento:** utilizar a emoção para melhorar processos cognitivos;
- 3) **Entendimento emocional:** processamento cognitivo de emoções;
- 4) **Administração de emoções:** envolve a autoadministração e a administração de emoções em outras pessoas.

Na primeira etapa, está a *capacidade de perceber e expressar sentimento*, pois entende-se que, “se a pessoa desviar sua atenção cada vez que um sentimento desagradável surgir, não aprenderá quase nada a respeito dos sentimentos”. Neste sentido, a percepção emocional está no fato de se prestar atenção e decifrar mensagens emocionais demonstradas em expressões faciais, tom de voz, objetos e artefatos culturais.

Na segunda etapa, as emoções entram no sistema cognitivo como *sentimentos percebidos*; por exemplo, quando alguém pensa “estou triste”, ou como *cognição alterada*, como “não sirvo para nada”. Nesta etapa, as emoções alteram a cognição, tornando-a otimista quando a pessoa está feliz, ou pessimista, quando está infeliz. Estas mudanças emocionais forçam o sistema cognitivo a *enxergar* através de perspectivas diferentes, e como consequência disso, pensar a respeito de um problema mais profundamente, e, talvez, de forma mais criativa.

Na terceira etapa, mais contemplativa, o indivíduo é levado a entender e *raciocinar com emoção*, por meio de um complexo conjunto de símbolos e relações, compreendendo verdades fundamentais da natureza humana e dos relacionamentos interpessoais.

A quarta etapa, da *administração das emoções*, ocorre a partir da etapa 1 (percepção da emoção), quando o indivíduo passa a fazer uso das alterações do humor de modo planejado. “De fato, o indivíduo emocionalmente inteligente deve lidar regularmente com os

estados de instabilidade de humor, e isso exige um entendimento considerável do humor” (SALOVEY et al., 1999)¹⁸.

Para acomodar reações emocionais, além da administração emocional, o indivíduo faz usos de outros aspectos da personalidade sejam espirituais, pragmáticos, ou outros. Por isso, Inteligência Emocional entendida como *aptidão*, não apresenta correlação alta com otimismo, alegria ou amizade.

A figura 2 a seguir demonstra as correlações das 4 etapas da Inteligência Emocional entendida como aptidão mental.

Figura 2: Modelo da Inteligência Emocional como aptidão mental.



Fonte: MAYER e SALOVEY, 1997¹⁹.

¹⁸ SALOVEY, P.; BEDELL, B. T.; DETWEILER, J. B.; MAYER, J. D. Coping intelligently: emotional intelligence and the coping process. In: C. R. Snyder (Ed.), **Coping: The psychology of what works**, New York: Oxford University Press: 1999 (141-164) *apud* MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 94) In: BAR-ON; PARKER, 2002.

¹⁹ MAYER; SALOVEY. What is emotional intelligence? In F. Salovey & D. Sluyter (Eds). Emotional development and emotional intelligence: implications for educators (p. 3-31). New York: Basic Books. *apud* MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 94) In: BAR-ON; PARKER, 2002.

Os autores concluem a Teoria das Aptidões da Inteligência Emocional afirmando que “existe uma crescente quantidade de evidências de que a inteligência emocional, conceitualizada como uma aptidão mental e medida com testes objetivos, na verdade constitui uma inteligência unitária”. Reforçam o posicionamento de que “voltando ao campo da personalidade, usar o termo *inteligência emocional* para referirem-se a áreas amplas da personalidade, além da emocional e cognitiva, nos parece desnecessariamente vago”. Deste modo, complementam:

Grande parte do que é identificado na literatura da inteligência emocional parece não pertencer a ela. Traços como controle de impulsos, autorrealização, zelo e persistência dizem respeito à motivação; assertividade e relacionamentos interpessoais envolvem aptidões sociais que abrangem motivações, emoções e cognições, e assim por diante. Sugerir que estas novas constelações de traços, em outras palavras, *inteligência emocional*, implica em fazer considerações fora de aspectos bem-entendidos da psicologia da personalidade (MAYER, SALOVEY e CARUSO, 2002 (p. 95) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002). (grifo nosso).

Por fim, considerando a Inteligência Emocional como uma aptidão, deve ser plausível medida. Assim, ao mesmo tempo em que surgem as teorias da inteligência emocional, surgem também os testes psicométricos – ou escalas – para medi-la. Assunto tratado a seguir.

4 Testes da Inteligência Emocional

O primeiro teste foi proposto por Mayer, Di Paolo e Salovey, em 1990, e a partir deste, inúmeras escalas não-científicas de autoavaliação aparecem quase todos os dias em jornais, revistas e internet.

Outros testes-científicos também surgiram, sendo que os conteúdos variam pelo fato de haver as divergências conceituais para o termo Inteligência Emocional e também por divergirem significativamente na metodologia empregada.

O quadro 6 a seguir oferece uma comparação entre os quatro principais testes-científicos que existem para mensuração da Inteligência Emocional, entre os quais, o primeiro emprega medidas de *autoavaliação*, o segundo e o terceiro empregam *avaliação por meio de um observador*, e o quarto utiliza medidas de *avaliação de aptidão*.

Quadro 6: Escalas científicas de avaliação da Inteligência Emocional

Avaliação de Aptidão	Autoavaliação		Avaliação por meio de Informantes
<p align="center">MEIS <i>Multifactor Emotional Intelligence Scale</i> Mayer, Salovey e Caruso (1997, 1999)</p>	<p align="center">Bar-On EQ-i Bar-On (1997)</p>	<p align="center">EQ-Map Cooper (1996/1997)</p>	<p align="center">ECI <i>Emotional Competence Inventory</i> Boyatzis, Goleman e Hay/McBer (1996/1997)</p>
<p>Percepção emocional: identificar emoções em rostos, imagens, músicas e histórias.</p>	<p>Intrapessoal: autoconsciência emocional, assertividade, autorrespeito, autorrealização, independência.</p>	<p>Ambiente atual: pressões da vida, satisfações da vida.</p>	<p>Autoconsciência: autoconsciência emocional, autoavaliação precisa, autoconfiança.</p>
<p>Facilitação emocional: traduzir sentimentos (sinestesia), utilizar emoções para fazer julgamentos (preconceitos emocionais).</p>	<p>Interpessoal: empatia, relacionamento interpessoal, responsabilidade social.</p>	<p>Alfabetização emocional: autoconsciência emocional, expressão emocional, consciência emocional do outro.</p>	<p>Consciência social: empatia, consciência organizacional, orientação para servir.</p>
<p>Entendimento emocional: definir emoções, misturas emocionais complexas, transições emocionais, perspectivas emocionais.</p>	<p>Administração do estresse: resolver problemas, testar a realidade, flexibilidade.</p>	<p>Competências do QE: intencionalidade, criatividade, resiliência, conexões interpessoais, descontentamento construtivo.</p>	<p>Autoadministração: autocontrole, confiabilidade, consciência. Adaptabilidade, orientação para realizações, iniciativa.</p>
<p>Administração Emocional: administrar as próprias emoções, e as emoções dos outros.</p>	<p>Adaptabilidade: Tolerância ao estresse, controle dos impulsos.</p>	<p>Valores e atitudes do QE: perspectiva, compaixão, intuição, raio de confiança, poder pessoal, <i>self</i> integrado.</p>	<p>Aptidões sociais: desenvolver o outro, liderança, influência, comunicação, catalisar mudanças, administrar conflitos, construir laços, trabalho em equipe.</p>
	<p>Humor Geral: felicidade, otimismo.</p>	<p>Resultados do QE: saúde geral, qualidade de vida, taxa de relacionamentos, desempenho ótimo.</p>	

Fonte: MAYER, CARUSO e SALOVEY, 2002 (p. 238).

Estas escalas são assim mencionadas por seus criadores:

“O MEIS mede a inteligência emocional *per se*, no sentido de que está relacionada com o processamento de informações (MAYER; SALOVEY, 1997²⁰; SALOVEY et al, 1999²¹)”.

²⁰ MAYER, J. D.; SALOVEY, P. What is emotional intelligence? In P. Salovey & D. Sluyter (Eds.), **Emotional development and emotional intelligence: implications for educators**. New York: Basic Books, 1997 (p. 3-31) *apud* MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2002 (p. 238) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

²¹ SALOVEY, et al. Coping intelligently: emotional intelligence and the coping process. In C. R. Snyder (Ed.), **Coping: The psychology of what works**, New York: Oxford University Press: 1999 (141-164) *apud* MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002 (p. 94) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

O EQ-i de Bar-On “propõe-se a medir uma gama de capacidades, competências e habilidades não cognitivas que influenciam a capacidade do indivíduo de lidar com demandas e pressões ambientais” (BAR-ON, 1997, p. 14)²².

O EQ-Map “também divide a inteligência emocional em cinco atributos” (COOPER, 1996/1997)²³.

O ECI, aproximando-se de uma escala conjunta de autoavaliação e por observador, “define a inteligência emocional como a capacidade de reconhecer nossos próprios sentimentos e os do outro, para nos motivar a para administrar as emoções dentro de nós e em nossos relacionamentos” (BOYATZIS et al., 1999, p.1)²⁴.

A principal crítica que se levanta à maioria dos testes e suas teorias é que refletem Inteligência Emocional como personalidade, esquecendo-se de que a personalidade envolve todas as partes importantes da psicologia da pessoa – mecanismos, processos e estruturas, como estas partes estão organizadas e como se desenvolvem, e que, testes de personalidade já estão amplamente difundidos e validados, como é o caso do *CPI – Califórnia Personality Inventory*, proposto por Gough, em 1994.

Só para exemplificar, o CPI mede quatro aspectos: 1) *Estilo interpessoal*, que contém medidas de dominação, capacidade de *status*, sociabilidade, presença-social, autoaceitação, independência e empatia; 2) *Comportamento social normativo*, que mede responsabilidade, socialização, autocontrole, boa impressão, senso de comunidade, bem-estar e tolerância; 3) *Funcionamento cognitivo-realização*, incluindo uma medida de realização por conformidade, realização por independência e eficiência intelectual; 4) *Aspectos qualitativos do pensamento*, incluindo disponibilidade psicológica, flexibilidade, feminilidade/masculinidade. Assim, conclui-se a crítica verificando que “algumas escalas de inteligência emocional parecem ter considerável sobreposição com medidas-padrão de personalidade, como o CPI” (MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2002, p. 239).

A preocupação com o grau de sobreposição entre as escalas de medida da personalidade e da Inteligência Emocional é legítima, de um lado para garantir os limites do

²² BAR-ON. **BarOn Emotional Quotient Inventory (EQ-i): technical manual**. Toronto, Canadá Multi-Health Systems, 1997 (p. 14) *apud* MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2002 (p. 238) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

²³ COOPER, R. K. **EQ Map**. San Francisco: AIT and Essi Systems, 1996/1997 *apud* MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2002 (p. 238) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

²⁴ BOYATZIS, R. E, GOLEMAN, D. e HAY, Mc Ber. **Emotional competence inventory**, Boston: Hay Group, 1999 (p. 1) *apud* MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2002 (p. 238) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

que seja personalidade, e por outro, para garantir que o conceito Inteligência Emocional apresente realmente algo de novo. Pensando nisso e objetivando consolidar a Teoria da Inteligência Emocional como Aptidão Mental, procedem uma revisão de todos os enfoques dado ao termo e fazem a proposição de um novo teste psicométrico para a Inteligência Emocional.

4.1 Pela validação da Inteligência Emocional como aptidão mental

A primeira questão a ser respondida num teste de inteligência emocional é: como determinar o que é uma resposta correta para um dado problema?

Mayer, Caruso e Salovey (2002, p. 241) partem do princípio de que “existem fundamentos culturais e evolutivos para a consistência das informações comunicadas emocionalmente”. Eles explicam:

Do ponto de vista biológico, há uma linguagem corporal nas diferentes espécies, de maneira que reconhecemos estados emocionais como o contentamento do gato e a raiva no cachorro. A evolução da emoção foi consideravelmente discutida por Darwin (1872/1965), que defendia uma “linguagem” emocional consistente em muitas espécies, e expressões faciais universais da emoção entre os humanos – uma posição ainda vigorosamente defendida cem anos depois (Ekman, 1973). **Do ponto de vista cultural**, momentos culturais – ideias que se replicam em livros, gravações, artigos e na internet – podem ser considerados como um análogo dos genes biológicos. As ideias emocionais são disseminadas e reproduzidas como ideias populares de acordo com o grau em que as pessoas de uma mesma cultura as consideram úteis. Essa transmissão cultural perpetua ainda mais a evolução biológica e cultural do entendimento emocional (BALL, 1984)²⁵. (grifo nosso).

Deste modo, os autores estabelecem três critérios para avaliação de uma resposta correta nos testes de aptidão emocional: 1) critério do sujeito; 2) critério dos especialistas; 3) critério de consenso.

No *critério de sujeito*, o próprio indivíduo testado responde “como está se sentindo” em determinada circunstância, e os outros sujeitos em torno respondem “como fulano se sente”. No *critério dos especialistas*, o mesmo caso acontece, e a resposta do sujeito é validada na medida em que os especialistas – psicólogos clínicos, pesquisadores das emoções

– a confirmam. No terceiro caso, do *critério de consenso*, a pessoa tem sua resposta validada por ter sido endossada por um grupo grande de pessoas.

Resultados semelhantes pelos três critérios demonstram que certas respostas são mais plausíveis do que outras.

Todavia, “há pesquisas que questionam o grau de confiabilidade de tais testes e seus critérios (BUCK, 1984²⁶; MAYER; DiPAOLO; SALOVEY, 1990²⁷; DAVIES; STANKOV; ROBERTS, 1998²⁸)”. Os testes iniciais apresentavam baixo grau de confiabilidade, entre a faixa de $r = 0,50$, e então, partindo de uma revisão do MEIS (*Multifactor Emotional Intelligence Scale*), seus autores propuseram o MSCEIT (*Mayer, Salovey, and Caruso Emotional Intelligence Teste*), que passou a apresentar “coeficientes alfa de 0,81 a 0,96, com uma consistência interna de 0,96 para a escala como um todo [...]. As consistências internas da MEIS e do MSCEIT são comparáveis a vários testes-padrão da inteligência” afirmam Mayer, Caruso e Salovey (2002, p. 243).

O MSCEIT é composto por 141 itens, distribuídos em oito seções, sendo as *seções A (faces) e E (figuras)* destinadas à avaliação da capacidade de perceber emoções em faces e paisagens, respectivamente; *seções B (facilitação) e F (sensação)*, compostas por tarefas relacionadas à utilização da emoção para facilitação do pensamento; *seções C (transição) e G (mistura)* avaliam a compreensão de emoções; e *seções D (administração das emoções) e H (relações emocionais)* trazem tarefas destinadas à avaliação do nível de gerenciamento das emoções.

Diferentes níveis de combinação dos subtestes fornecem escores por área e geral, que podem ser validados por *consenso*.

Os resultados do MSCEIT fornecem evidências de que a Inteligência Emocional é de fato uma forma de inteligência, pois cumpre determinados critérios de uma inteligência-padrão.

²⁵ BALL, J. A. Memes a replicator. **Ethology and Sociobiology**, v. 5, 1984 (p. 141-161) *apud* MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2002 (p. 241) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

²⁶ BUCK, R. **The communication of emotion**. New York: Guilford Press, 1984 *apud* MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2002 (p. 241) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

²⁷ MAYER John D.; DiPAOLO M. T.; SALOVEY, Peter. Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of emotional intelligence. **Journal of Personality Assessment**, [S.I], n. 54, 1990 (p. 772-781) *apud* MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2002 (p. 242) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

²⁸ DAVIES, M.; STANKOV, L.; ROBERTS, R. D. Emotional intelligence: In search of an elusive construct. **Journal of Personality and Social Psychology**, 75, 1998 (p. 989-1015) *apud* MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2002 (p. 245) *In*: BAR-ON; PARKER, 2002.

Para que uma inteligência seja considerada uma inteligência-padrão, ela deve cumprir certos critérios. Ela deve ser confiável, é claro. Além disso, os testes que a medem devem apresentar uma correlação entre si, e a candidata à inteligência deve ser relacionada, mas independente, de outras inteligências existentes. Finalmente, a inteligência deve se desenvolver com a idade (MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2002, p. 245 *In*: BAR-ON; PARKER, 2002).

Os autores finalizam a apresentação do MSCEIT afirmando que “existem dados suficientes para encorajarmos os pesquisadores e os profissionais a considerarem uma medida de aptidão da inteligência emocional em seu trabalho”, seja porque a escala mede um conjunto de aptidões de uma inteligência real; portanto, mede algo que é novo e único, e não apenas habilidades, extroversão, ou estabilidade emocional; ou porque as medidas de aptidão são menos suscetíveis à falseação de respostas do que realizadas por autoavaliação ou avaliação por meio de um observador.

De posse do MSCEIT, os pesquisadores do LabAPE – Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional ligado ao Programa de Mestrado e Doutorado em Avaliação Psicológica da Universidade São Francisco, em Itatiba/SP, parecem ter aceito o desafio dos autores do MSCEIT e desenvolveram uma série de pesquisas sobre a Inteligência Emocional.

Primi, Bueno e Muniz (2006, p. 26) explicam que foram feitos uma série de estudos no LabAPE, com versões traduzidas para o português do MEIS e sua versão atualizada MSCEIT, e citam os trabalhos de Dantas (2004)²⁹, Jesus Jr. (2004)³⁰, Cobêro (2004)³¹ para afirmar que:

Como se verificou na literatura, ainda são ambíguos os dados que evidenciam se tais fatores presentes no *MSCEIT*, destinados a operacionalizar a inteligência emocional, se configuram como capacidades cognitivas separadas das já conhecidas e independentes das medidas de personalidade. Ainda não há evidências seguras de que a inteligência emocional, operacionalizada pelo *MSCEIT*, se constitua uma capacidade cognitiva específica. Parece ser mais seguro que os subtestes do *MSCEIT*

²⁹ DANTAS, M. A. **Evidências de Validade do Mayer Salovey Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Universidade São Francisco, Itatiba, 2004 *apud* PRIMI; BUENO; MUNIZ, 2006 (p. 26-45).

³⁰ JESUS JÚNIOR, A. G. **Estudo de Validade e Precisão do Mayer - Salovey - Caruso Emotional Intelligence Test**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Universidade São Francisco, Itatiba, 2004 *apud* PRIMI; BUENO; MUNIZ, 2006 (p. 26-45).

³¹ COBÊRO, C. **Inteligência Emocional: Validade do MSCEIT no Contexto Organizacional**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Universidade São Francisco, Itatiba, 2004 *apud* PRIMI, BUENO e MUNIZ, 2006 (p. 26-45).

divirjam em medidas de traços de personalidade, mas ainda não são tão claras as associações com medidas cognitivas.

Ao que tudo indica, as pesquisas continuam e ainda não há consenso sobre a real caracterização da Inteligência Emocional, mas, considerando-se as duas décadas de estudos e o interesse crescente de Psicólogos e outros profissionais de áreas correlatas, pode-se afirmar que Inteligência Emocional é uma subárea em constituição dentro da Psicologia, seja através da Neuropsicologia ou da Psicometria. Assim, o quadro 7 abaixo, apresenta a relação destas subáreas da Psicologia, dentro do contexto maior denominado conhecimento científico.

Quadro 7: Inteligência Emocional: uma subárea em constituição

Conhecimento	Mitologia						
	Religião						
	Filosofia						
	Senso Comum						
	Ciência	Factual (coisas)	Formal (ideias)				
			Aplicadas				
			Exatas	Matemática	Psicometria	Alexitimia, Inteligência Emocional	
				Estatística			
			Humanas	Psicologia (Clínica, Escolar, do Esporte, Social , Organizacional, da Saúde, Hospitalar, ...)	Neuropsicologia	Inteligência Prática, Inteligência Social, ...	
							Sociais
			da Saúde				
			Medicina				
Naturais							

Após apresentação da *área temática*, a seguir serão apresentados os fundamentos da *área técnica* da pesquisa: a Terminologia.

III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: TERMINOLOGIA

A Terminologia é o *ramo das especialidades* dentro da Lexicologia, pois seu objeto de estudos é justamente a linguagem especializada. Andrade (2001 p. 192) explica que, enquanto a Lexicologia trata da palavra e de seu conteúdo conceptual na língua geral, a Terminologia se ocupa do “termo”, ou seja, da palavra especializada. Para ela:

[...] a língua apresenta uma linguagem geral, comum a todos os falantes, e inúmeras linguagens especializadas, sejam regionais, profissionais, sociais, técnicas ou científicas. Essas linguagens especializadas constituem um conjunto de subcódigos que, evidentemente, mantêm coincidências parciais com o código e subcódigos da língua comum, caracterizando-se por algumas peculiaridades, específicas de cada uma delas.

Embora haja uma relação de alimentação e realimentação científica entre Lexicologia, Terminologia, Lexicografia e Terminografia, é preciso destacar que existe para cada um destes ramos das Ciências da Linguagem uma autonomia epistemológica e metodológica que lhes asseguram independência.

A Terminologia tem por objeto a “recompilação, descrição e ordenação dos termos científicos e tecnológicos das linguagens especializadas”, contrapondo-se à Lexicologia que “se ocupa dos vocábulos e de vocabulários das diferentes normas linguísticas”, Andrade complementa (2001, p. 192).

Krieger e Finatto (2004, p. 13) chamam a atenção para o caráter polissêmico do termo Terminologia, pelo menos em dois aspectos: 1) terminologia (grafado com *t* minúsculo) é o conjunto de termos específicos de uma área científica e/ou técnica; e 2) Terminologia (grafado com *T* maiúsculo) é a disciplina ou campo de estudos teórico e aplicado dedicado aos termos técnico-científicos.

Destaca-se que neste trabalho assumimos a Terminologia tal qual foi descrita, como uma disciplina autônoma, embora saibamos que este posicionamento não seja unânime, pois, conforme explica Dias:

As diferentes posições frente à disciplina terminológica têm origem nas diversas concepções que se pode ter do objeto, conforme a perspectiva da qual este é abordado. Para a linguística, as terminologias são conjuntos de signos linguísticos que constituem um subconjunto do léxico geral da

língua; a filosofia concebe os termos como unidades cognitivas que representam o conhecimento especializado; e para as disciplinas científico-técnicas, a terminologia é o conjunto das unidades de expressão e comunicação que permitem transferir o conhecimento especializado (DIAS, 2004, p. 54).

Então, sendo disciplina em pleno desenvolvimento, observa-se o fato de que a Terminologia pode ser considerada por diferentes finalidades, métodos, escolas e perspectivas do objeto. O item a seguir, histórico da Terminologia, permitirá compreender essa amplitude.

1 Histórico da Terminologia

Segundo especialistas, a história da Terminologia moderna começa na década de 30 do século XX, simultaneamente na ex-União Soviética e na Áustria, o que suscita uma polêmica sobre o pioneirismo dessa atividade. Em Viena, o trabalho estava voltado para as atividades práticas de elaboração de vocábulos especializados, enquanto que em Moscou a preocupação estava na reflexão teórica sobre princípios, métodos, funcionamento e características das línguas de especialidade e dos termos.

Guy Rondeau³², um dos responsáveis pela tradução dos primeiros trabalhos terminológicos russos para o Ocidente, defende o pioneirismo do soviético D. S. Lotte (1889 – 1950), denominando-o o “primeiro verdadeiro professor da Terminologia”, preocupado com aspectos teóricos e metodológicos da Terminologia. Rondeau afirma que em 1933, Lotte participou da criação da Comissão de Terminologia Técnica da Academia de Ciências e, em 1937, publicou em colaboração com Caplygin “*Tarefas e Métodos do Trabalho de Sistematização da Terminologia Técnica*”.

Talvez a polêmica sobre o pioneirismo da Terminologia tenha origem no fato da produção científica de Lotte ter ficado restrita à antiga União Soviética, divulgada no Ocidente por Rondeau e Helmut Felber apenas em 1981, enquanto que a produção do austríaco Eugen Wüster (1898–1977) tenha vindo a público em 1930, com a tese de doutorado *Internationale Sprachnormung in der Technik*, e confirmada em 1931 com a publicação do livro *Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik*, onde

³² RONDEAU, *apud* BARROS, L. 2004 (p. 49)

propunha a elaboração de princípios terminológicos, e que acabou por suscitar a criação da Associação Internacional de Normalização – ISA (BARROS, 2004, p. 50).

Sobre o estabelecimento da Terminologia como disciplina, o próprio Wüster atribui esta tarefa a quatro homens:

[...] ao alemão A. Schloman, que foi o primeiro a considerar o carácter sistemático dos termos de especialidade, ao linguista suíço F. Saussure, que foi o primeiro a registrar a sistematicidade das línguas, ao russo E. Drezen, pioneiro em destacar a importância da normalização e impulsor da organização ISA; ao inglês J. E. Holmstrom, que da UNESCO impulsionou a difusão internacional das terminologias e foi o primeiro a clamar por uma organização internacional que se ocupe desta disciplina. (WÜSTER, 1974, p. 61)³³.

Com o propósito pragmático de favorecer a comunicação das ciências em âmbito internacional, os trabalhos de Lotte e Wüster tinham aspectos fundamentais distintos e originaram escolas terminológicas diferentes: a *Escola Soviética* e a *Escola de Viena*. Neste mesmo período, soma-se aos fazeres terminológicos, a *Escola de Praga*. Juntas, as três formam as *Escolas Clássicas da Terminologia*, que mais tarde inspiraram a *Escola do Canadá* e a *Escola Ibero-Americana*, dentre outras, consolidando a Terminologia como disciplina científica.

1.1 Escola Soviética

Embora conhecedor dos trabalhos do austríaco Wüster, o russo Lotte interessava-se pela elaboração de métodos de trabalho fundamentados em uma Teoria da Terminologia. Ele tinha um modo de pensar a Terminologia global e abrangente, considerando os termos como unidades da língua geral e, portanto, sujeitos a “adquirir todas as características da palavra comum” (LOTTE, 1961, p. 8)³⁴.

³³ Wüster, Eugen. Die allgemeine Terminologielehre - Ein Grenzgebiet zwischen Sprachwissenschaft, Logik, Ontologie, Informatik und den Sachwissenschaften. **Linguistics**, v. 119, 1974, p. 61-106 *apud* CABRÉ, M.T. **Terminologia, selecció de textos d'E. Wüster**, Servei de Llengua Catalana, Universitat de Barcelona, Barcelona, 1996.

³⁴ LOTTE, D. S. **Osnovy postroeniya naucno-tehniceskoj terminologii**, 1961 *apud* BARROS, L. 2004 (p. 51)

Segundo Lotte, os termos e as línguas de especialidade estão inseridos em um contexto sociocultural e, neste caso, não são unidades controladas (ou totalmente controláveis) por determinações extralinguísticas: é no contexto e no discurso que o termo é investido de valor. Não visa assim, à monosemia absoluta do termo, contrariamente à posição de Wüster (BARROS, 2004, p. 50).

Outros pesquisadores russos também se destacaram na consolidação da Terminologia como disciplina científica: Reformackij, Drezen, Vinogradov, Kulebakin, Klimovickij, Kutina, Golovin, Kandelaki, Ahmanova, Danilenko, Marusenko e Trpigorov.

Em parceria com o especialista em aerodinâmica S. A. Caplygin, na *Comissão de Terminologia Técnica*, Lotte trabalhou na elaboração de uma metodologia baseada em uma teoria da Terminologia.

Assim, a *Escola Soviética* caracteriza-se por sua concepção linguística da Terminologia, menos filosófica e lógica que a austríaca, e também por conciliar teoria e prática. Ela parte do princípio que os *termos são denominações de conceitos*.

[...] os elementos essenciais da comunicação profissional são os conceitos e os signos associados e a esses conceitos, cuja precisão deve ser assegurada por meio de léxicos padronizados. Tais pressupostos caracterizam o enfoque cognitivo sobre os termos, privilegiado por essa escola (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 31).

Barros (2004, p. 51) corrobora: diversamente da linha austríaca, a *Escola Soviética* considera os termos elementos linguísticos de uso nos discursos técnicos e científicos, estudando os fatores que levam os neologismos ao sucesso ou ao insucesso, preocupando-se com os aspectos sociolinguísticos, distinguindo normalização de recomendação.

1.2 Escola de Viena

Na Alemanha da década de 20, o espírito científico de técnicos e linguistas preocupados com o estudo dos termos técnicos e científicos buscava a eliminação de ruídos na comunicação entre especialistas de uma mesma área do saber ou de áreas diferentes. Assim surge o processo de *normalização*, cujo princípio era da *univocidade* entre o conceito e termo que o designa (um único termo para um único conceito).

Wüster, então estudante na Universidade Técnica de Berlim, formou-se em Engenharia Elétrica e participou deste processo, juntando-se a inúmeras associações profissionais que aderiram ao projeto de normalização das linguagens técnicas.

A obra *Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik*, publicada em 1931 é considerada a base da *Teoria Geral da Terminologia* (TGT), difundida por Wüster de 1972 a 1974 nas classes em que lecionava como professor honorário no Departamento de Linguística Geral e Aplicada da Universidade de Viena.

Segundo seu discípulo Felber, o livro de Wüster

contém uma análise detalhada da terminologia considerada como instrumento de comunicação, tratando da natureza dos conceitos, das relações entre os conceitos, da descrição dos conceitos (definições), da formação dos termos, da internacionalização dos conceitos e dos termos (*Apud* BARROS, 2004, p. 53).

Wüster teve uma participação de destaque internacional: foi presidente de inúmeros comitês e associações técnico-científicas, e suas ideias marcaram os trabalhos de normalização terminológica da Unesco, da Federação Europeia de Associações Internacionais de Engenheiros (Feani) e da Organização Internacional de Normalização (ISO), onde elaborou diversas normas e recomendações para a Terminologia: normalização, documentação, transliteração, teoria dos símbolos, classificação, teoria dos *thesauri*, Classificação Decimal Universal (CDU), planejamento linguístico, lexicologia, vocabulários, métodos de lexicografia, indicativos de língua e ortografia (Felber)³⁵.

Faleceu em 1977 e o acervo de sua obra, incluindo originais inéditos, encontra-se centralizada na Wüster Library, em Viena.

Foi com o trabalho de Wüster que a Terminologia assumiu contornos científicos na Europa Ocidental e espalhou-se pelo mundo.

1.3 Escola de Praga

Na Checoslováquia também floresceram os estudos terminológicos. Barros (2004, p. 52) expõe que as pesquisas abarcavam quatro campos: 1) análise de textos científicos e

técnicos, descrevendo o funcionamento das línguas de especialidade; 2) normalização das línguas e das terminologias por intervenção voluntária; 3) aplicação de teoria da formação das palavras; 4) aplicação dos princípios lógicos para a classificação dos conceitos e dos termos (relação termo-conceito).

Dentre os principais representantes da *Escola de Praga* estão Drozd, Havranek, Honecky, Roundý e Kocourek.

Na *Escola de Praga*, destaca-se o trabalho de Drozd, considerando que o termo faz parte de um estilo profissional: “As linguagens de especialidade são consideradas como ‘estilo’ profissional, que coexiste junto com outros estilos da linguagem, como o estético, o jornalístico e o convencional” (BARROS, 2004, p. 52).

Recebendo influência direta da *Escola Funcional* também de Praga – cujo princípio fundamental era considerar a língua em seu aspecto de funcionalidade comunicativa na vida social – a *Escola de Praga* considerava o termo a menor unidade da língua, sendo a língua de especialidade integrante da língua geral.

Quanto à normalização, interessante notar que os trabalhos tchecoslovacos estão voltados à defesa de dois códigos linguísticos e duas culturas: a Checa e a Eslovaca:

[...] o grupo considera que a codificação das normas linguísticas garante maior estabilidade às línguas e que a normalização por organismos oficiais ou associações profissionais tem mais poder de implantação que o simples registro em dicionários ou vocábulos. Para este trabalho de normalização oficial, associações de categorias profissionais cooperam com os comitês checo e eslovaco de normalização terminológica (BARROS, 2004, p. 53).

A questão social da linguística suscitada pela *Escola de Praga* serviu de modelo para a produção terminológica do Canadá, país oficialmente bilíngue. Neste país, a questão das traduções científicas deixou de ser necessidade meramente pragmática para transformar-se em campo de pesquisa linguística. Kocourek, que passou seus últimos anos de vida trabalhando como professor de Linguística do Departamento de Estudos Franceses da Universidade Dalhousie, em Halifax, no Canadá, foi o grande interlocutor da *Escola de Praga* junto à *Escola do Canadá*, consolidando-a com seu *know-how* vienense.

³⁵ *Op. Cit.* p. 55.

1.4 Escola Canadense

Inicialmente, sem representar uma corrente epistemológica original, a *Escola Canadense* ganhou destaque na medida em que conjugou teoria e prática na busca de melhores resultados para as traduções de textos especializados em diferentes áreas do saber.

Silva (2003, p. 104) explica

A tradução no país é imperiosa, não só para a realização das atividades econômicas, como para a administração e o bom entendimento dos cidadãos em todos os setores da vida pública. Decorre daí a urgência da tradução de textos dos mais diversos ramos e especialidades diferentes. Tais textos são sempre ricos em UCEs [unidades de conhecimento especializado] específicas, muitas vezes não existentes na língua alvo. Essas lacunas determinam a criação de neologismos de tal sorte que a pesquisa neológica e a investigação linguística relativa ao uso dos formantes de UCEs novas era atividade prioritária dos laboratórios de terminologia.

O mesmo autor assinala que a *Escola Canadense* trabalha com duas tendências: 1) a orientação normativa para a perspectiva tradutória, objetivando encontrar na língua-alvo o termo equivalente à língua de partida; 2) a política linguística, numa abordagem social privilegiando a visão comunicativa, e onde, no planejamento linguístico, a língua francesa – minoritária no Canadá – luta para sobreviver.

Praticada no âmbito das Universidades – Montréal e Laval em Québec, e Moncton em Nova Brunswick, por exemplo – e no Departamento de Tradução do Ministério de Obras Públicas e de Serviços Governamentais do Canadá, o trabalho terminológico da Escola Canadense multiplica-se pelo mundo. É do Departamento de Tradução a seguinte afirmação:

O Departamento de Tradução do governo do Canadá tem trabalhado, nos últimos anos, na elaboração de uma metodologia de pesquisa e de normalização terminológica e no aperfeiçoamento do banco de dados TERMIUM[®] como instrumento de reunião, de gestão e de difusão dos resultados de seus trabalhos terminológicos. Com nossa colaboração e de outros interlocutores internacionais de engenharia linguística e de normalização, temos contribuído para o estabelecimento de princípios e de métodos de pesquisa terminológica que são reconhecidos hoje mundialmente e que nós aplicamos em nossas práticas quotidianas.

Por sua vez, a importância de utilizar uma terminologia precisa, para assegurar uma comunicação eficaz entre especialistas, torna-se, cada vez mais, evidente, tanto quanto a necessidade de normalizar essa terminologia empregada no meio profissional e nas diversas organizações que têm interesses comuns (KENNEDY, 2009, grifo do autor).

A *Escola Canadense* fez surgir a Socioterminologia³⁶, na qual a terminologia é efetuada a partir do uso real da língua, e a sinonímia e polissemia – vistas até então como problema – são incorporadas na comunicação especializada como variantes terminológicas. Passa-se da unificação – reduzir a um – para a harmonização – estabelecer padrões de equivalência (DIAS, 2004, p. 88).

1.5 Escola Ibero-Americana

Seguindo a linha que considera a realidade variacional do termo, a *Escola Ibero-Americana* surge e destaca-se mais recentemente, a partir dos anos 90, notadamente pelo debate sistemático e crítico à TGT. Esta Escola tem como principais expoentes Maria Teresa Cabré e os pesquisadores do IULA/ UPF – Instituto Universitário de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona.

Apontando a insuficiência da TGT, Cabré propõe uma teoria baseada na valorização dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas, em que uma unidade lexical pode assumir valor de termo em função de seu uso em um contexto e uma situação determinada. Esta teoria é denominada TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia (DIAS, 2004, p. 91).

Diferente da TGT, a TCT tem base interdisciplinar, integrando aspectos da Linguística, das Ciências Cognitivas e das Ciências Sociais, sendo de aplicação transdisciplinar, pois entende que não há representação e comunicação eficiente do conhecimento sem uma terminologia, afirma Sales (2007, [s.p.]).

Cabré (1999, p. 13) explica que:

*El trabajo descriptivo y aplicado sobre los términos me llevó a reconsiderar algunos de los pilares fundamentales de la teoría clásica, como el principio de univocidad entre concepto y denominación, la consideración de los términos fuera de contexto o la consideración del concepto como punto de partida exclusivo en el trabajo terminográfico*³⁷.

³⁶ BOULANGER, Jean-Claude. **Terminogramme do OLF**, n. 7-8, 1991 *apud* FAULSTICH, 1995.

³⁷ “O trabalho descritivo e aplicado sobre os termos levou-me a reconsiderar alguns dos pilares fundamentais da teoria clássica, como o princípio da univocidade entre conceito e denominação, a consideração dos termos fora do contexto ou a consideração do conceito como ponto de partida exclusivo no trabalho terminográfico”. (trad. nossa).

Silva (2003, p. 107) lembra que a TCT vem abrindo caminhos consistentes para a terminografia, assumindo necessariamente a diversificação discursiva em função da temática, do tipo de emissor, dos destinatários, do nível de especialização, do grau de formalidade, do tipo de situação, da finalidade, do tipo de discurso em análise, e este modelo implantado pela *Escola Ibero-Americana* ganha cada vez mais adeptos, inclusive no Brasil.

Para melhor compreensão das linhas epistemológicas e metodológicas de cada uma das *escolas terminológicas* citadas, no tópico a seguir apresentam-se as teorias correspondentes.

2 Teorias da Terminologia

São três os principais marcos teóricos da Terminologia: 1) a *Teoria Geral da Terminologia (TGT)*, proposta por Wüster e a Escola de Viena, pautada na univocidade do termo; 2) a *Socioterminologia*, surgida na Escola Canadense que considera a variação lexical um fato social a ser levado em conta na produção terminológica; 3) a *Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)*, representada por Maria Teresa Cabré e a Escola Ibero-Americana, enfocando as dimensões textual e discursiva dos textos.

Há também um destaque para a *Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST)*, de Temmerman³⁸, pautada nos princípios e metodologias da semântica cognitiva, e a *Etnoterminologia*, proposta em 2007 pela pesquisadora brasileira Maria Aparecida Barbosa, sinalizando a sutil fronteira entre o termo-técnico científico e o vocábulo etno-literário.

Embora não tenha conquistado ainda ampla aceitação internacional (até mesmo por ser uma proposição bastante recente), a *Etnoterminologia* é uma novíssima abordagem teórico-epistemológica para a Terminologia, comprovando que no Brasil desenvolvem-se também estudos terminológicos, e não apenas terminográficos. Por esta razão, a Etnoterminologia também está descrita a seguir.

³⁸ TEMMERMAN, (2000) **Towards new ways of terminology description: the sociocognitive-approach.** Amsterdam/Filadelfia, John Benjamins *apud* DIAS, 2004.

2.1. A Teoria Geral da Terminologia (TGT)

A TGT surge com o objetivo de dar as bases para eliminação da ambiguidade dos discursos técnicos-científicos.

No curso *Introdução à Teoria Geral à Terminologia e à Lexicografia Terminológica*, Wüster defende a tese de que a Terminologia mantém relação com a Lógica e a Teoria da Classificação, e é uma ciência de caráter filosófico. Mantém também com a Linguística uma relação, embora difusa, uma vez que só se interessa pelos termos, dissociando o léxico da gramática, do contexto e do discurso, como se fossem unidades isoladas. Neste sentido, choca-se com as teorias linguísticas saussurianas, na medida em que separa conteúdo e expressão. Gaudin (1993, p. 23 *Apud* BARROS, 2004, p. 55) explica que “essa ruptura introduz um deslize subreptício que faz passar da língua natural a uma metalíngua. Tal visão corresponde às finalidades da normalização, mas não à realidade linguística”.

Krieger e Finatto (2004, p. 33) explicam que os temas principais da TGT são os conceitos: suas características, relações, descrições (mediante definições), atribuições de termos-conceitos ou conceitos-termos. Complementam:

Como se depreende, a prevalência do componente conceptual sobre o linguístico está intimamente relacionada à concepção wüsteriana de que os termos expressam conceitos e não significados. Ao contrário destes, que são linguísticos e variáveis, conforme o contexto discursivo e pragmático, os conceitos científicos são atemporais, paradigmáticos e universais. Nesta concepção positivista de ciência, os conceitos veiculados pelos termos constituem os objetos que interessam às comunidades especializadas, e conseqüentemente, a uma teoria da Terminologia. Trata-se ainda de uma teoria que, epistemologicamente, fundamenta-se no princípio da dissociação entre pensamento e linguagem.

A visão reducionista da TGT para os termos contribuiu para que fossem vistos como designação de conhecimento científico, e assim sendo, não são vistos como elementos naturais de uma língua natural. Neste sentido, os termos são compreendidos como unidades de conhecimento que comportam designações, identificados por meio de rótulos que os distinguem das ambiguidades do léxico comum (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 33).

Veja o que Wüster diz sobre o mecanismo de funcionamento dos termos, em especial à noção de monovalência:

Em sentido restrito, um termo unívoco ou monovalente é um termo que, em um contexto de discurso determinado, apenas tem um ‘significado atual’ embora possa ser polissêmico. Por ‘contexto de discurso’, é preciso entender, ou bem o contexto da frase, ou bem a situação do discurso determinada pelas circunstâncias [...]. A distinção entre, por uma parte, a monossemita, e por outra, a monovalência, ou univocidade em sentido estrito, permite limitar a exigência teórica da monossemita em terminologia a uma única condição econômica: que os termos sejam ‘monovalentes’, sem serem necessariamente monossêmicos (WÜSTER, 1998, p. 140)

Barros (2004, p. 55) explica que na visão de Wüster, se não existe uma designação única para um conceito, a terminologia normativa pode criá-la. Neste sentido, “pode-se identificar um conjunto de conceitos de um domínio especializado, organizá-los em um sistema estruturado e defini-los sem mesmo identificar os termos que os designam”.

De acordo com a proposta de Wüster, a Terminologia pode ser classificada em *normativa e descritiva*, e a primeira, tentando eliminar sinonímia e homonímia, ocupa-se da uniformização de conceitos e da atribuição de termos para designá-los, e a segunda – a descritiva –, é voltada à coleta de dados terminológicos e à descrição dos termos por meio de definições.

Independente das críticas, destaca-se que a Terminologia normativa pautada na TGT tornou-se referencial internacional, sendo executada por organismos nacionais e internacionais no mundo todo, autorizados a deliberar sobre a definição de um conceito e a escolha do termo para designá-lo, levando a Terminologia a alcançar identidade própria no âmbito das ciências do léxico.

Todavia, a intensa produção de obras terminográficas ao longo das décadas promoveu a inevitável reflexão sobre as limitações da TGT, notadamente quanto à ausência do aspecto linguístico-comunicacional. O apagamento destes aspectos comunicativos e pragmáticos fez surgir as mais severas críticas à TGT, e, com novo direcionamento, intensificam-se os estudos fundamentados no funcionamento da linguagem e do sentido. Assim surge a Socioterminologia, por exemplo, descrita a seguir.

2.2 A Socioterminologia

É de Enilde Faulstich (1995), pós-doutorada pela Universidade de Laval, em Québec, o resumo sintético do que seja a Socioterminologia:

Socioterminologia é a disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua. Para que o linguista, especialista em terminologia, desenvolva seu trabalho de pesquisa, é preciso levar em conta critérios básicos de variação terminológica no meio social, bem como critérios etnográficos, porque as comunicações entre membros da comunidade em estudo podem gerar termos diferentes para um mesmo conceito ou mais de um conceito para o mesmo termo.

Pelo resumo, é possível identificar claramente a diferença epistemológica entre a Socioterminologia e a TGT. Se no início os terminógrafos registravam somente o uso aceito ou aprovado do termo, atualmente, a fixação de uso deve preceder a prescrição ou normalização. Isso porque, conforme observa Sager (1993)³⁹, “a linguagem falada adquire importância por meio da mídia, e é necessário investigar as formas faladas do léxico”. Na fala, há uma variação léxica/terminológica considerável, manifestando-se com mais ou menos intensidade o tempo todo.

Desde o artigo publicado por Jean-Claude Boulanger⁴⁰ em 1981 propondo o termo Socioterminologia, vários linguistas passaram a defender o estudo e o registro social do termo, tais como Gaudin (1983)⁴¹, Auger (1994)⁴², Boulanger (1995), Faulstich (1995, 1996, 1997, 2001), dentre outros. E François Gaudin, com a publicação de sua tese de doutorado transformada no livro “*Pour une Socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*” é quem permite cancelar o caráter de disciplina teórica, e não apenas um método analítico aplicado da Terminologia, bastante distinto da TGT.

³⁹ SAGER, Juan C. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología** [Trad. del inglés, Laura Chumillas Moya, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, Madrid, Pirámide, 1993, 448 p. *apud* FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, (S.l.), v. 24, n. 3, 1995

⁴⁰ BOULANGER, Jean-Claude. **Terminogramme do OLF**, n. 7-8, 1991 *apud* FAULSTICH, op cit.

⁴¹ GAUDIN, François. **Socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles**, Publications de l'Université de Rouen n° 182, 1993 *apud* FAULSTICH, 1995, *Op. Cit.*

⁴² AUGER, Pierre. Pour un modèle variationniste de l'implantation terminologique dans les entreprises au Québec, em: **Les actes du colloque sur la problématique de l'aménagement linguistique (enjeux théoriques et pratiques)**, Québec, OLF, Université du Québec à Chicoutimi, pp. 483-493 *apud* FAULSTICH, 1995, *Op. Cit.*

Como disciplina descritiva, fundamentada na análise das condições de circulação de um termo no funcionamento da linguagem, a Socioterminologia parte de dois princípios: 1) *princípio da Sociolinguística*, estudando o termo sobre a perspectiva da interação social, ou seja, considerando a variação linguística e a perspectiva de mudança; 2) *princípio da Etnografia*, em que as comunicações entre os membros de uma comunidade são capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou gerar termos diferentes para um mesmo conceito.

Faulstich (1995) apresenta a base metodológica da Socioterminologia, na qual o especialista terminógrafo deve:

1) *Identificar o usuário da terminologia a ser descrita*. É necessário conhecer o perfil do usuário para que o repertório terminológico em produção se torne instrumento de consulta útil e seja fonte de consulta lexical e semântica da área de especialidade em questão.

2) *Adotar atitude descritiva*. O termo é descrito com as características linguísticas próprias do contexto, observando-se as variantes de uso. Descrever é diferente de prescrever.

3) *Consultar especialista da área*. A fim de que os dados sejam elaborados corretamente, uma vez que, nem sempre, o terminógrafo tem pleno domínio do significado dos termos nas diversas áreas do conhecimento científico ou tecnológico.

4) *Delimitar o corpus*. Ao fazer a taxonomia do campo de trabalho, definindo a macroárea, as áreas intermediárias e a subárea de conhecimento, ganha-se maior segurança para recortar o universo terminológico que interessa classificar e sistematizar.

5) *Selecionar documentação bibliográfica pertinente*. A seleção da documentação que servirá de base para a pesquisa deve ser rigorosa, considerando aspectos fundamentais, tais como: 1) o discurso (a linguagem em uso) científico ou técnico; 2) a fonte referenciada para a recolha de termo e de contexto; 3) o discurso científico ou técnico oral gravado, com os registros pessoais dos informantes, que também permita a recolha de termo e de contexto; 4) audiovisuais, publicações seriadas, impressos científicos ou técnicos que ofereçam as mesmas condições; 5) deve ser utilizada, também, a literatura teórica que dará suporte de conteúdo ao pesquisador.

6) *Precisar as condições de produção e recepção do texto científico e técnico*. Elaborar os critérios que facilitem a descrição da terminologia: quem escreve; para quem escreve; com que finalidade; em que situação de fala e de escrita o texto foi produzido; quais as condicionantes das variações linguísticas dos termos, ou das mudanças, se for o caso.

7) *Conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica.* Identificando a dimensão de termo que se compõe de mais de uma unidade. Para isso, dois princípios adaptados da linguística funcional podem auxiliar o especialista em terminologia no decorrer de sua análise: 1) Atribuir à Unidade Terminológica Complexa (UTC) papel de predicador semântico, sendo o predicador cada item lexical pleno de significado (CASTILHO, 1994, p. 81)⁴³; e 2) Adotar critério de predicação sintático-semântica na delimitação das unidades terminológicas complexas.

8) *Registrar o termo e a(s) variante(s) do termo:* em uma ficha de terminologia, observando: 1) o termo e as variantes nas dimensões oral e escrita; 2) as ocorrências do termo na estratificação vertical e horizontal da língua; 3) a interação entre usuários de terminologias; 4) a dimensão discursiva do termo (usado em discurso científico, técnico, de vulgarização científica, jornalístico, de línguas de especialidade, por exemplo).

9) *Redigir repertório terminológico:* que se constituirá em um documento de referência para consulta precisa.

Ciente de que a adoção do critério de predicação sintático-semântica na delimitação das unidades terminológicas complexas é uma das tarefas mais difíceis da Socioterminologia (sugerida no item 7), a pesquisadora explica:

‘A predicação é um processo gerador de significados não contidos no sentido dos itens lexicais envolvidos e depende crucialmente da relação entre um item-predicador e um item-sujeito’ (CASTILHO, 1994, p. 81). Assim, a predicação sintático-semântica na formação de unidades terminológicas complexas corresponde à relação entre um predicador, representado por um adjetivo, por uma locução iniciada por preposição ou um advérbio, e um substantivo, que é o núcleo semântico da UTC, chamado de sujeito. A dimensão sintático-semântica de uma UTC depende da incidência de um predicador sobre o item anterior, formando predicações de diversos níveis até que o significado se complete. O significado resulta da ‘combinação dos sentidos de dois itens lexicais relacionados sintaticamente. O predicador, portanto, transfere a seu sujeito uma propriedade sua, que poderá ser (1) a emissão de um juízo sobre o valor de classe-sujeito, (2) a alteração da extensão dos indivíduos designados pela classe-sujeito, ou (3) a alteração das propriedades intensionais da classe-sujeito’ (*Op. Cit.*) (FAULSTICH, 1995).

⁴³ CASTILHO, Ataliba T. de. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. *ALFA*, Revista de Linguística, São Paulo, UNESP. v. 38, 1994, pp. 75-96, *apud* FAULSTICH, 1995, *Op. Cit.*

Por fim, destacando o caráter etnográfico da Socioterminologia, a pesquisadora lembra também que esta linha deriva de um postulado fundamental: o engajamento entre as pessoas, a interação de uns com outros. Deste modo, as atitudes dos grupos precisam ser observadas. Então, tomando por base Hammersley e Atkinson (1994, p. 15)⁴⁴:

El etnógrafo, o la etnógrafa, participa, abiertamente o de manera encubierta, de la vida cotidiana de personas durante un tiempo relativamente extenso, viendo lo que pasa, escuchando lo que se dice, preguntando cosas; o sea, recogiendo todo tipo de datos accesibles para poder arrojar luz sobre los temas que él o ella han elegido estudiar (Apud FAULSTICH, 1995)⁴⁵.

Faulstich (1995) explica ainda que o paradigma etnográfico abarca duas vertentes antagônicas entre si: 1) o *positivismo*, que privilegia métodos quantitativos; 2) o *naturalismo*, método legítimo da Etnografia, que propõe, tanto quanto for possível, que o meio social seja estudado em seu modo natural, sem interferência do pesquisador. A pesquisa Socioterminológica requer, então, procedimentos precisos, observando-se:

a) *As características da empresa, da instituição em que a terminologia é gerada*: tipo de atividade; divisão do trabalho; rede de comunicação; frequência da interação no plano horizontal e no plano vertical; impacto das novas tecnologias sobre a produção e sobre a linguagem, por exemplo;

b) *As características do pessoal*: postos que ocupam; formação profissional, especialização, qualificação; idade; condições e frequência de atualização;

c) *A competência e os usos linguísticos*: comunicação mais falada, escrita, lida; domínio de terminologias; emprego de terminologias; consulta a obras de referência, interesse pelas línguas de especialidade; desenvolvimento de pesquisa dentro da empresa; difusão de terminologias por meio de obras específicas;

d) *Registro da variação linguística na terminologia*.

⁴⁴ HAMMERSLEY; MARTYN; ATKINSON, Paul. **Etnografía. Métodos de investigación**. [Trad. Mikel A. Otazu], Barcelona/ Buenos Aires/México, Paidós, 1994, 297 p. *apud* FAULSTICH, 1995, *Op. Cit.*

⁴⁵ O etnógrafo, ou a etnógrafa, participa, abertamente ou de maneira encoberta, da vida cotidiana das pessoas durante um tempo relativamente longo, vendo o que se passa, escutando o que se diz, perguntando coisas; ou seja, recorrendo a todo tipo de dado acessível para poder colocar luz sobre os temas que ele ou ela elegeu estudar (Trad. nossa).

Ao situar a variação linguística como um fato relevante na língua de especialidade, a Socioterminologia firma novo modo de pensar a Terminologia, abrindo caminho para outras teorias variocionais do termo, como a TCT que será descrita a seguir.

2.3 A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

A *Teoria Comunicativa da Terminologia* (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré, também é resultado das novas necessidades surgidas a partir do desenvolvimento da Terminologia. Para ela, “os termos não pertencem a um domínio, mas *são usados em um domínio* com valor singularmente específico”⁴⁶.

Barros (2004, p. 57) explica: é apenas no contexto expressivo e comunicacional específico que uma unidade linguística assume valor de termo. Considerando o termo uma unidade linguística poliédrica – com uma face formal, uma face semântica e uma face pragmática – deve ser observado em seus aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e linguísticos.

Krieger e Finatto (2004, p. 35) lembram que

o conteúdo de um termo não é fixo, mas relativo, variando conforme o cenário comunicativo em que se insere. Tais proposições levam a TCT a postular que, *a priori*, não há termos nem palavras, mas somente unidades lexicais, tendo em vista que estas adquirem estatuto terminológico no âmbito das comunicações especializadas.

Cabré⁴⁷ ensina que a TCT tem seus fundamentos assentados em um tripé teórico: 1) a *Teoria do Conhecimento*: que se ocupa das possibilidades de conceptuação da realidade e da relação conceito-designação; 2) a *Teoria da Comunicação*: que estuda os tipos de situação comunicativa e explica os diferentes sistemas de expressão de um conceito; 3) *Teoria da Linguagem*: que seja capaz de analisar as unidades terminológicas em sua generalidade (como unidade da língua geral) e em suas particularidades (em uma área de domínio).

Quanto ao objeto de estudo, corroborando a citação de Krieger e Finatto (2004, p. 35) acima, Dias (2004, p. 94) explica que são as *unidades terminológicas (UTs)* que inicialmente

⁴⁶ Cabré, M.T. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona, IULA, 1999. (p. 123) *apud* BARROS, 2004 (p. 57)

⁴⁷ *Op. Cit.* (p. 58)

não são palavras nem termos, são somente termos potenciais e não termos. O caráter terminológico depende do contexto da comunicação especializada.

Os objetivos da Terminologia pela ótica da TCT são: 1) descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico; 2) dar conta de como são ativadas e explicar suas relações com outros tipos de signos do mesmo sistema ou de sistemas diferentes, com o intuito de fazer progredir o conhecimento sobre a comunicação especializada e as unidades nela utilizadas; 3) compilar as unidades de valor terminológico em um tema e situação determinados e estabelecer suas características de acordo com esta situação (DIAS, 2004, p. 96).

A TCT está pautada em oito princípios, descritos no quadro 8 a seguir.

Quadro 8: Princípios da Teoria Comunicativa da Terminologia

PRINCÍPIOS	A Terminologia é concebida como uma disciplina interdisciplinar (não autônoma), que deve ser explicitada dentro de uma teoria da linguagem, a qual se insere na teoria da comunicação e do conhecimento. Essa teoria da linguagem, por sua vez, inclui aspectos propriamente linguísticos, cognitivos e sociais.
	Deve explicar as concordâncias e diferenças entre o conhecimento geral e o especializado sem dissociá-los na competência do falante-especialista, respeitando a idiosincrasia de cada um. Deverá, portanto, assumir a existência de traços diferenciadores do conhecimento especializado, o qual não está interiorizado de forma independente na mente do falante.
	Deve explicar a interdisciplinaridade das Unidades Terminológicas (UTs) e dar conta da diversidade de visões que dela têm os diferentes especialistas implicados. Por isso, concebe as UTs como unidades poliédricas integradas pelas três faces disciplinares que as descrevem (linguísticas, cognitivas e sociais).
	Deve dar conta de como um conceito pode fazer parte da estrutura conceptual de distintas disciplinas conservando, mudando ou matizando suas características, explicando se se trata ou não de um mesmo conceito e como se produz esta circulação conceptual. A teoria parte do princípio de que os termos não pertencem de maneira natural a nenhuma área do conhecimento, o que não elimina o fato de que um termo pode ser inicialmente empregado no âmbito de uma especialidade ou ser transferido de uma área de especialidade para outra ou ainda da língua geral para uma língua de especialidade.
	Deve adotar critérios para descrever as unidades denominativas monossêmicas ou polivalentes e definir os limites dessa variação. Assume, portanto, o caráter polissêmico das unidades lexicais, assim como a possível diversidade de níveis especializados para uma mesma unidade. Desse modo, considera a possibilidade de banalização de unidades especializadas em um determinado momento, e de terminologização contínua de unidades da língua geral e ainda de entrada constante de termos de um âmbito de especialidade em outro âmbito, adquirindo traços característicos desse novo âmbito.
	Deve admitir a sinonímia como um fenômeno real dentro da comunicação especializada. A TCT parte do princípio de que a sinonímia na comunicação especializada é um fato real, quantitativamente dependente do nível de especialização de um discurso.
	Deve levar em conta que as Uts aparecem de maneira natural no discurso e, conseqüentemente, apresentam uma projeção sintática que vai além dos limites denominativos e variam em função do discurso.
	Deve contemplar a variação do discurso e estabelecer as variantes pertinentes que descrevem essa variação no âmbito da comunicação, em geral, e da comunicação especializada, em particular.

Nota: elaborado pela autora com base em Dias, 2004, p. 92 a 94.

Almeida (2006, p. 86) orienta que a TCT em pouco tempo passou a ser referência em muitos estudos terminológicos, inclusive no Brasil, mas chama atenção para o fato de que ainda há um elo fraco entre a teoria e a prática.

O que se observa, muitas vezes, é que apesar de o embasamento teórico da pesquisa ser a TCT, a prática terminológica ainda se aproxima muito da concepção clássica da terminologia, que estabelece algumas características fundamentais: a) a prioridade do conceito em detrimento do termo; b) a precisão do conceito, o que retoma, de certo modo, a eliminação da ambiguidade e a busca da univocidade; c) a consequente abordagem onomasiológica, já que toda a atividade terminológica parte do conceito; d) a proeminência do nível lexical em detrimento dos demais níveis de descrição linguística (morfológico, sintático, textual, discursivo); e finalmente; e) a prescrição (ALMEIDA, 2006, p. 86).

Considerando que uma determinada metodologia explicita uma teoria, a autora lembra que, além de refletir os princípios expressos acima, uma pesquisa terminológica pautada na TCT deve percorrer a seguinte metodologia:

1. A organização do corpus, entendido por:

o conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extenso em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SANCHES e CANTOS, 1996)⁴⁸

O *corpus* inicia-se com a seleção dos textos relevantes para a pesquisa, cumprindo os seguintes requisitos: autenticidade, representatividade, balanceamento, amostragem, diversidade e tamanho.

Quanto ao tamanho, um *corpus* médio, balanceado e diversificado é bastante representativo, pois constitui amostra fiel das possibilidades comunicativas do domínio estudado.

Orienta-se que o *corpus* seja balanceado, pois num *corpus* genuinamente científico, redigido de especialista para especialista, dificilmente encontra-se as explicações ou definições, e assim, as glosas estão ausentes destes textos. Por isso, a utilização de textos do

⁴⁸ SANCHES, A.; CANTOS, P. **Cumbre – Curso de Español**. Madri, SGEL, 1996 *apud* SARDINHA, 2004 (p. 18)

gênero científico de divulgação e instrucional (apostila, livro-texto, manuais, por exemplo) são importantes, pois auxiliam na posterior elaboração das definições.

Outros aspectos relevantes para a constituição de um *corpus*, além da seleção, são: 1) compilação e manipulação dos textos; 2) a nomeação dos arquivos e a geração de cabeçalhos; 3) a proteção da identidade dos autores; 4) o pedido de direitos de uso dos textos (para os *corpora* que ficarão disponíveis na Web, por exemplo); 5) os padrões de anotação; 6) os métodos de extração de termos (estatístico, linguístico ou híbrido); 7) e as formas de disponibilização dos *corpus*.

Após a organização do *corpus*, os candidatos a termo são extraídos. Para seu estatuto de termo ser confirmado, precisam ser validados por um especialista. Após a validação, os termos são inseridos no mapa conceptual.

2. A elaboração do mapa conceptual, pois, lembrando Cabré (2003)⁴⁹, “as unidades terminológicas ocupam um lugar preciso num mapa conceptual; e o seu significado específico é determinado pelo lugar que ocupam desse mapa”.

O mapa pode ser elaborado concomitantemente à extração dos termos, sendo importante para: 1) possibilitar uma abordagem mais sistemática de um campo de especialidade; 2) circunscrever a pesquisa, já que todas as ramificações da área-objeto, com seus campos, foram previamente consideradas; 3) delimitar o conjunto terminológico; 4) determinar a pertinência dos termos, pois separando cada grupo de termos pertencente a um determinado campo, poder-se-á apontar quais termos são relevantes para o trabalho e quais não são; 5) prever os grupos de termos pertencentes ao domínio, como também os que fazem parte de matérias conexas; 6) definir as unidades terminológicas de maneira sistemática e, finalmente; 7) controlar a rede de remissivas (TERMCAT, 1990⁵⁰; ALMEIDA, 2000⁵¹).

3. O planejamento do protocolo de preenchimento das fichas terminológicas, que constitui etapa imprescindível numa pesquisa terminológica, representando verdadeiro dossiê do termo.

⁴⁹ CABRÉ, M. T. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. **Terminology**, v.9, n.2, p.163-200, 2003 *apud* ALMEIDA, 2006 (p. 89)

⁵⁰ TERMCAT. Centre de Terminologia. **Metodologia del treball terminològic**. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1990 *apud* ALMEIDA, 2006 (p. 89)

⁵¹ ALMEIDA, G. M. B. **Teoria comunicativa da terminologia: uma aplicação**. 2000. 2 v. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000 *apud* ALMEIDA, 2006, (p. 89)

A ficha terminológica deve levar em conta as necessidades do projeto (“para que” e “para quem” está sendo produzido), por isso, não existe um modelo de ficha ideal, todavia, levando em conta o caráter descritivo da TCT, o que deve orientar a abertura de cada ficha é o termo, e não o conceito, percorrendo um percurso semasiológico. Além do termo de entrada, da definição e da informação enciclopédica, a ficha pode conter campos de equivalência em outras línguas, variantes e sinônimos, por exemplo.

4. A *redação das definições*, levando em conta o ponto de vista cognitivo da TCT, estabelecendo que as unidades terminológicas sejam subordinadas a um contexto temático. Deste modo, os termos devem ser definidos respeitando-se esse contexto, ou seja, a significação do termo deve estar circunscrita ao domínio delimitado no projeto.

Para a elaboração da definição terminológica, buscam-se os contextos definitórios e explicativos no próprio *corpus*, ou em outras fontes, como livros, manuais, revistas científicas ou mesmo dicionários. Estas informações coletadas devem constituir uma *base definicional*, ou seja, um repositório de definições ou explicações dos termos, tendo o formato de uma tabela com quatro colunas, conforme o quadro 9 abaixo:

Quadro 9: modelo de base definicional

Termo	Definições ou explicações	Fonte	Data de inserção do termo na base

Nota: Elaborada pela autora com base em ALMEIDA, 2006, p. 91.

Levando em conta que a base definicional será um arquivo grande, recomenda-se que seja dividida em ordem alfabética, colocando cada letra em arquivos diferentes, otimizando o trabalho. E, tanto a base definicional quanto o *corpus* devem funcionar como guias para o trabalho do terminólogo.

Na etapa de produção da definição, o terminólogo deve levar em conta que esta é uma tarefa complexa, exigindo domínio de conhecimentos teóricos e metodológicos 1) *da área temática*; 2) *da Terminologia*, 3) *da Linguística*, posto que fará uso de conhecimentos da Linguística Textual, Análise do Discurso e demais subáreas que têm o *texto* como objeto de estudo, e 4) *da Língua*, já que a definição é um verdadeiro exercício de redação.

Outro fator importante a ser considerado pelo terminólogo é a seleção dos traços (ou características) dos conceitos cujos termos serão definidos. A partir do mapa conceitual, pode-se visualizar as relações de hiperonímia, hiponímia e co-hiponímia, e atestar se os traços observados ocorrem com todos ou com a maioria dos termos daquele campo, garantindo a sistematicidade na redação da definição (PAVEL 2006)⁵².

A redação da definição e da informação enciclopédica devem ser submetidas à aprovação do especialista, para então, serem inseridas na ficha terminológica, de onde será elaborado o verbete, ou microestrutura da obra terminográfica.

5. A *microestrutura*, ou verbete, é constituída de informações sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) e não sistemáticas (informações não recorrentes).

As *informações sistemáticas* são: 1) *entrada*; 2) *classe morfológica* seguida de gênero – para os substantivos – ou transitividade, para os verbos; 3) *equivalência* em língua estrangeira, no caso de obras bilíngues ou plurilíngues; 4) *definição* (nos casos de polissemia, o verbete poderá conter duas ou mais definições, que neste caso, deverão aparecer numeradas); 5) *contexto*; 6) *remissivas* – simbolizadas por “Cf” (conferir).

As *informações não sistemáticas* podem ser: 1) *informações enciclopédicas*; 2) *sinônimos*, tratando-se de dado muito importante na terminologia descritiva que prevê a variação linguística, observando-se que a definição deve vir junto ao termo mais difundido, com remissões para as demais formas, mesmo que o termo mais difundido não seja o normalizado; 3) *indicações de usos para variação socioletal*, nos casos de homonímia e polissemia, no qual a diferença entre elas pode ser estabelecida por meio de critério semântico ou da similaridade/dissimilaridade entre os significados. E sob essa perspectiva, deve ser tratada da seguinte forma: a) para os casos de *homonímia*, as entradas devem ser separadas e numeradas, já que pertencem a campos lexicais diferentes – como *manga*¹ parte do vestuário onde se enfia o braço, *manga*² haste de tropas, *manga*³ fruto da mangueira; b) para o caso da polissemia, o termo deve encabeçar o verbete, e as definições devem vir numeradas, já que cada uma representa um conceito diferente, como no exemplo *decoração*⁵³ 1. etapa do processo de fabricação dos revestimentos cerâmicos em que ocorre a aplicação de desenhos sobre a superfície da placa cerâmica. 2. desenho obtido pelo processo de decoração.

⁵² O PAVEL: curso interativo de terminologia. Disponível em: <http://www.termium.gc.ca/didacticiel_tutorial/portugues/lecon3/page3_5_3_p.html>. Acesso em: 15 ago. 2006 apud ALMEIDA, 2006 (p. 91)

Por fim, para consolidação de uma obra terminológica, os verbetes devem estar estruturados dentro de uma macroestrutura.

6. A *macroestrutura*, que, seguindo orientações do TERMCAT⁵⁴, deve ter a seguinte sequência apresentada no quadro 10 abaixo:

Quadro 10: Macroestrutura de uma obra terminológica segundo TERMCAT

CAPÍTULOS	ESPECIFICAÇÕES
Introdução	Apresentando os objetivos, o método empregado e o conteúdo do trabalho, subdivido em: <ol style="list-style-type: none"> a. Campo de trabalho: explicitando a área de domínio e eventuais subáreas; Âmbito de difusão e público-alvo; Situação terminológica em que se encontra a referida área. b. Características da obra: se monolíngue, bilíngue ou plurilíngue; Forma de organização dos verbetes: se alfabética ou sistemática. c. Metodologia de elaboração: apresentando as fases do trabalho; os critérios para seleção dos termos; equipe de especialistas e colaboradores. d. Conteúdo dos verbetes: as particularidades da microestrutura. e. Forma de consulta: incluindo as abreviaturas utilizadas.
Mapa Conceptual	É um capítulo essencial, já que a ordem dos campos em que serão apresentados os verbetes deve coincidir com a ordem dos campos do mapa conceptual do domínio.
Apresentação dos verbetes	Apresentação dos verbetes propriamente dita.
Índice Alfabético dos Termos	Capítulo indispensável num trabalho de organização sistemática, facilitando para que o termo seja encontrado independente do consulente saber o campo nocional ao qual pertence.
Índice Alfabético das equivalências	Permitindo que o usuário encontre o termo mesmo partindo dos termos de língua estrangeira.
Bibliografia	Podendo ser subdividida em obras lexicológicas, terminológicas e especializadas, como as que compuseram o <i>corpus</i> e a base definicional.

Nota: Elaborada pela autora com base em ALMEIDA, 2006, p. 96-97.

⁵³ Extraído do Dicionário de Revestimento Cerâmico *apud* ALMEIDA, 2006 (p. 94).

A macroestrutura sugerida para um dicionário terminológico padrão, conforme exposta acima, “visa a garantir uma das maiores preocupações da TCT, qual seja: a melhoria da comunicação especializada” finaliza Almeida (2006), em seu artigo que, didaticamente, explicita a necessidade de observância entre a teoria e prática na produção terminológica genuinamente pautada na TCT.

2.4 A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST)

Seguindo a linha da Socioterminologia e da TCT, a Teoria Sociocognitiva da Terminologia, proposta por Rita Temmermann, também compreende os termos como unidades linguístico-comunicacionais.

Todavia, estruturada sobre o paradigma da hermenêutica, com enfoque interpretativo, a teoria correlaciona-se a uma abordagem cognitivista da ciência, ou seja, “os termos são unidades de compreensão e representação, funcionando em modelos cognitivos e culturais. Nessa perspectiva o conhecimento corresponderia a um padrão sócio-cognitivamente modelado” (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 37).

A TST considera que os termos estão em constante evolução, comportando, em consequência, sinonímia e polissemia, resultante de movimentos metafóricos.

Para Temmerman (2000, p. 236)⁵⁵, “essa propriedade evolutiva reflete o ‘poder das palavras de (se) mover’, comprovando, por sua vez, os diferentes papéis da linguagem na constituição dos saberes.

A autora considera também que o mundo é mais bem compreendido por meio de esquemas cognitivos e modelos, nos quais se relacionam unidades de conhecimento estruturadas prototipicamente, sendo chamadas de categorias.

Dias (2004, p. 101) explica que para estudar e descrever as categorias é necessário combinar quatro perspectivas:

⁵⁴ TERMCAT. Centre de Terminologia. **Metodologia del treball terminològic**. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1990 *apud* ALMEIDA, 2006 (p. 96).

⁵⁵ TEMMERMAN, Rita - **Towards new ways of Terminology description: the Sociocognitive approach**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000. 258 p. (Terminology and Lexicography research and practice) *apud* KRIEGER e FINATTO, 38.

a **nominalista**, na qual a unidade de conhecimento é o sentido da palavra; a **mentalista**, para a qual a unidade é uma ideia que existe na mente das pessoas; a **realista**, que considera a unidade como uma forma externa que existe no universo; e a **espaço-temporal**, em que a unidade evolui no espaço e no tempo (Cf. p. 79). A Terminologia deveria descrever a relação entre essas quatro perspectivas, o que proporcionaria uma visão mais ampla das unidades de conhecimento (DIAS, 2004, p. 101).

Assim, a TST estrutura-se em cinco princípios: 1) não há conceptualização sem categorização; 2) A compreensão é estruturável em moldes cognitivos; 3) existe variação, consoante o nível de especialização, na definição das unidades de significação; 4) a sinonímia e a polissemia são funcionais no discurso de especialidade; 5) os modelos cognitivos encontram-se em constante transição (MINEIRO, 2004).

A partir dos cinco princípios, a TST pode ser compreendida através de cinco ideias-chaves que estão descritas no quadro 11 abaixo:

Quadro 11: Cinco ideias-chave da TST

1	As palavras são, em primeiro lugar, o combustível que impulsiona o poder de criação da mente, e, graças a elas, pode-se realizar a construção do mundo, por meio de modelos cognitivos.
2	As palavras têm o poder de variar ao longo do tempo, de modo que, ao reconstruir seu percurso, pode-se reconstruir os fragmentos da história, da experiência e estudar o papel da língua na criação de uma nova experiência.
3	Por meio da comunicação e do intercâmbio de informações, as palavras têm o poder de transferir o conhecimento de um usuário a outro.
4	As palavras têm a faculdade de oscilar sutilmente quando revelam diferentes facetas e nuances da experiência. As palavras têm o poder de variar e mudar ao longo do desenvolvimento do significado e isso explica, parcialmente, a polissemia.
5	As palavras têm a faculdade de movimentar-se em estruturas de redes, o que implica que orientam e restringem nossa forma de pensar. Enfim, os termos no discurso especializado, da mesma forma que as palavras em textos poéticos e literários, têm o poder de determinar e modificar nossa experiência.

Nota: Adaptado de Dias (2004, p. 104-105).

Mineiro (2004) explica que a TST encontra respaldo nas propostas de Geeraerts (1994)⁵⁶, revelando uma nova forma bastante nítida de descrição dos termos sobre o enfoque

⁵⁶ GEERAERTS, et al. **The Structure of Lexical Variation – Meaning, Naming and Context**. Mouton de Gruyter, Berlim / N.Y., 1994 *apud* MINEIRO, 2004.

cognitivo. A questão é que “nem sempre a forma como conhecemos é prototípica e categorial”. Segundo a autora, existem duas linhas de concepção de cognição, que, no cérebro humano não se anulam, e se utilizam alternativamente: 1) *conhecimento analógico*: que inclui taxonomicamente a informação em classes que se organizam de forma prototípica; 2) *conhecimento lógico*: que organiza a experiência segundo relações de tipológico: superordenadas, causais, sequenciais, entre outras.

Por fim, a autora destaca o papel da metáfora na criação terminológica. Para ela, a metáfora é um mecanismo produtivo em terminologias, e importa saber como poderá ser feita a análise deste recurso denominativo, tendo em conta seu caráter de fusão entre linguagem e cognição. Neste sentido, a metáfora é entendida como

um processo cognitivo de denominação do conhecimento especializado. (...) definida como uma “operação intelectual” com valor cognitivo próprio não consistindo em identificar semelhanças existentes a priori, mas “criando” essas semelhanças, “inovando” conceptualmente (cf. Matos Amaral: 2003: 245)⁵⁷ (MINEIRO, 2004).

Assim, a TST também vai se consolidando como nova linha de pesquisa terminológica⁵⁸.

2.5 A *Etno-terminologia*

Finalizando a apresentação das teorias terminológicas, e conforme mencionado anteriormente, merece atenção a *Etno-terminologia* proposta por Maria Aparecida Barbosa.

Partindo do princípio de que existe uma tênue fronteira entre o termo e o vocabulário da língua geral, Barbosa (2007, p. 433) argumenta a favor da consolidação de uma nova subárea nos domínios da Terminologia: a *Etno-terminologia*.

Para a autora, algumas unidades lexicais dos discursos etnos-literários têm características muito particulares, sendo “quase-termo técnicos”, e assim, ela propõe três princípios que sustentam a *Etno-terminologia*:

⁵⁷ MATOS AMARAL, P. Metáfora e Linguística Cognitiva. In (org.) Augusto Soares da Silva. **Linguagem e Cognição**, APL / UCP, Braga: 2003 *apud* MINEIRO, Ana. 2004.

⁵⁸ Para uma apresentação pormenorizada da metodologia da TST, remetemos a: TEMMERMAN 2000 e 2001.

1) Uma unidade lexical não é termo ou vocábulo, em si mesma, mas ao contrário, *está em função 'termo' ou 'vocábulo'*, ou seja, o universo do discurso em que se insere determina o seu estatuto;

2) Nos discursos etno-literários as unidades lexicais têm sememas muito especializados, constituídos por semas específicos do discurso em causa, provenientes das narrativas, cristalizados, tornando-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos;

3) As unidades lexicais sustentam o pensamento e o sistema de valores da cultura, associando aspectos referenciais, pragmáticos e simbólicos, próprios dos vocábulos, mas apresentam também, características de uma linguagem de especialidade.

Noutras palavras, [as unidades lexicais do discurso etno-literário] reúnem qualidades das línguas especializadas e da linguagem literária, de maneira a preservar um valor semântico social e constituir, simultaneamente, documentos do processo histórico da cultura. Resultam do cruzamento de metaterminologização e metavocabularização. Propõem-se, assim, a consolidação das disciplinas Etno-terminologia e Terminologia Aplicada (BARBOSA, 2007, p. 434).

A autora explica que a diferença entre um vocábulo e um termo consiste na identificação do universo do discurso onde está inserido – o da *linguagem comum* (que caracteriza o vocábulo), ou da *linguagem de especialidade* (que caracteriza o termo) – porém, argumenta que há quatro tipos de movimentos horizontais que provocam a ruptura com esta estabilidade normativa para *vocábulo* e *termo*, dependendo da dinâmica da relação interuniversos de discursos. São eles:

1) *Terminologização*: quando um vocábulo transforma-se em termo, a exemplo de *sintagma*, que na linguagem comum significava “reunião” e que nas ciências da linguagem passa a significar “combinatória intersignos ou inter-palavras”.

2) *Vocabularização*: quando um termo transforma-se em um vocábulo. Este processo também pode ser chamado de *banalização*, *vulgarização*, ou *popularização*, como o exemplo de “entrar em órbita”, que por processo de metaforização foi transposto da área técnico-científica para a linguagem geral.

3) *Metaterminologização*: ocorre quando há a transposição de um termo de uma área de especialidade para outra área de especialidade, podendo dar-se de dois modos:

3.1) *sem a modificação total do significado*: a exemplo de *estrutura e função*, em diferentes áreas.

3.2.) *com a modificação do significado*: o termo perde os traços semânticos do ponto de partida. É o caso de *arroba* (medida de peso) e *arroba* (símbolo de endereço eletrônico).

Aumentando o grau de complexidade na dinâmica das unidades lexicais (UL), propõe-se um outro tipo de movimento, agora no sentido vertical, que não resulta da transposição desta UL de um universo de discurso para outro, e sim da passagem do conceitual para o terminológico, instaurando uma nova grandeza sígnica, numa nova combinatória fonológica, sintagmática e semântica. A este processo denomina *Terminologização lato sensu*, “que subjaz a todos os anteriormente apresentados, visto que, em estrutura profunda, o ponto de partida é sempre o nível conceitual” (PAIS, 1998)⁵⁹.

Em função do exposto, afirma:

Uma unidade lexical não é termo ou vocábulo, em si mesma, mas ao contrário, *está em função ‘termo’ ou ‘vocábulo’*, ou seja, o universo do discurso em que se insere determina o seu estatuto, em cada caso. (...) em suma, toda unidade lexical é plurifuncional, no nível de sistema, e monofuncional, no nível de uma norma ou do falar concreto (BARBOSA, 2007, p. 439).

Percebe-se então que o desafio do trabalho etno-terminológico constitui-se em determinar qual o estatuto do termo coletado: *terminologização*, *vocabularização*, *metaterminologização* ou a *terminologização lato sensu*. E, para determinar se a UL sofreu um processo de *terminologização* ou de *vocabularização*, será necessário conhecer a natureza do discurso onde se apresentava anteriormente.

2.6 Resultados da diversidade teórica na Terminologia

A *Etno-terminologia*, estabelecendo relações entre a Terminologia e a Literatura, assim como a *Socioterminologia* que estabelece relações da Terminologia com a Tradução e a Informática, a *TST* que estabelece contato entre a Terminologia e a Semântica Cognitiva, e a

⁵⁹ PAIS, Cidmar T. Conceitualisation, dénomination, désignation, référence: réflexions à propôs de l'énonciation et Du savoir sur Le mode. POULET, Jacques et al. (Orgs.). **Revista Textures**. Cahiers de C.E.M.I.A. *Recueil d'Homage à Mme. Le Professeur Simone Saillard*. Lyon, v 2, p. 43-65, 1998 *apud* BARBOSA, 2007, p. 438.

TCT que aponta sua interface com a Análise do Discurso e a Linguística de Corpus, demonstram a capacidade de ampliação de fronteiras da Terminologia, principalmente na interdisciplinaridade com outros campos científicos.

No início, com a TGT, a Terminologia entendia o termo como signo linguístico, e assim, *conteúdo* (entendido como conjunto de traços universais e imutáveis de um objeto) e *expressão* não eram elementos indissociavelmente ligados. Em decorrência deste posicionamento, a Terminologia tinha caráter normalizador e normativo, sendo *normalizador* tornar normal o termo no meio que o adota, e *normativo*, recomendado por uma autoridade que prescreve qual deve ser o ‘bom uso’ da língua e na língua, registrado nos documentos prescritivos e normativos (FAULSTICH, 2006, p. 28).

Profissionais de diferentes áreas reunidos em Congressos, Comitês e Associações, passaram a produzir terminologias diversificadas com o objetivo de garantir maior confiabilidade nas comunicações especializadas, nascidas da necessidade de internacionalização de conhecimento. O impulso dessa produção foi a incorporação da Microinformática aos trabalhos, possibilitando a formação de banco de dados terminológicos e o desenvolvimento de técnicas de documentação (DIAS, 2004, p. 64). Um dos resultados foi a propagação de projetos de planificação linguística e o fomento de uma indústria da linguagem que se estabilizou com os intercâmbios e a formação de redes internacionais de Terminologia.

Hoje, cerca de 80 anos após sua formulação como Ciência da Linguagem, a Terminologia e seu caráter de planificação linguística é um fato, assim como o seu caráter descritivo e variacional também o é.

Embora reconhecendo-se a importância fundamental da Terminologia normativa e da TGT, são inúmeros os trabalhos que consolidam a abordagem comunicacional e social do termo, e por isso, variacional. Lembra-se que esta abordagem já encontrava espaço com o trabalho pioneiro de Lotte, na União Soviética, onde ele já considerava os termos como unidades da língua geral e, portanto, sujeitos a “adquirir todas as características da palavra comum” (LOTTE, 1961, p. 8)⁶⁰.

Faulstich (1997, p. 18) destaca que, atualmente, a Academia tem dado prioridade à Terminologia em suas linhas de pesquisa, com ênfase na formação de pessoal e à descrição linguística de termos técnicos e científicos.

⁶⁰ LOTTE, D. S. *Osnovy postroeniya naucno-tehniceskoj terminologii*, 1961 *apud* BARROS, L. 2004 (p. 51)

Dias (2004, p. 86) concluindo, diz que nos dias atuais, os manuais de Terminologia ainda trazem resquícios de uma Terminologia wüsteriana, mas também as novas abordagens da Terminologia.

3 Organização internacional da Terminologia

Diante do histórico do desenvolvimento da Terminologia, quatro períodos são bem demarcados por Cabré: 1) as origens, 2) a estruturação, 3) a eclosão e a 4) ampliação.

O quadro 12 a seguir traz as características destes períodos⁶¹.

Quadro 12: Períodos do desenvolvimento da Terminologia

Período	Denominação	Características
1930 / 1960	Origens	Representantes: Lotte e Wüster. Primeiras teorizações; criações de metodologias.
1960 / 1975	Estruturação	Incorporação da Microinformática e desenvolvimento de técnicas de documentação. Organização de bancos de dados internacionais.
1975 / 1985	Eclosão	Propagação dos projetos de planificação linguística.
1985 - atual	Ampliação	Inovações tecnológicas; consolidação do mercado da linguagem; projetos de intercâmbio e redes internacionais de Terminologia estabilizados.

Nota: elaborado pela autora com base em Cabré (1999) *Apud* Dias, 2004.

O quadro sinóptico a seguir demonstra sucintamente os caminhos da Terminologia durante todo o século XX e primeira década do século XXI.

⁶¹ CABRÉ, M.T. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona, IULA, 1999. (p. 123) *apud* DIAS, 2004 (p. 68).

Quadro 13: A Terminologia no século XX e primeira década do século XXI

DATA	EXPOENTES	OBRA	CARACTERÍSTICAS	ABORDAGEM
1930 1931	Eugen Wüster (Escola de Viena)	<u>Tese de doutorado:</u> <i>Internationale Sprachnormung in der Technik</i> <u>Livro:</u> <i>Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik,</i>	Formulação da TGT <u>Características Metodológicas:</u> termos expressam conceitos e não significados = dissociação de pensamento e linguagem. Para cada conceito deve haver um termo mais adequado que o represente; se não houver, cria-se.	<ul style="list-style-type: none"> • Mais normativa que descritiva • Normalizadora • <u>Quanto ao termo:</u> signo linguístico; unívoco.
1933 1937	Lotte (Escola de Moscou)	<u>Criação da:</u> <i>Comissão Técnica da Academia de Ciências</i> <u>Livro:</u> <i>Tarefas e Métodos do Trabalho de Sistematização da Terminologia Técnica</i>	Sistematização da Terminologia	<ul style="list-style-type: none"> • Mais normativa • Normalizadora • <u>Quanto ao termo:</u> signo da linguagem geral, sujeito às características da palavra comum.
1981	Jean-Claude Boulanger (Escola Canadense)	<u>Propõe o termo Socioterminologia</u>	Defende o registro social do termo.	<ul style="list-style-type: none"> • Mais descritiva • <u>Quanto ao termo:</u> variacional; unidade linguístico-comunicacional.
1983	François Gaudin (França) Outros autores: Auger (1994), Boulanger (1995), Faulstich	<u>Tese de doutorado e Livro:</u> <i>Pour une Socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles</i>	Consolida a Socioterminologia; <u>Características metodológicas:</u> Sociolinguística + Etnografia	<ul style="list-style-type: none"> • Mais descritiva • <u>Quanto ao termo:</u> variacional; unidade linguístico-comunicacional.
1992	Maria Teresa Cabré (Escola Ibérica)	<u>Artigos:</u> (vários) <u>Livro:</u> <i>Manual La terminologia: la teoria, els mètodes, les aplicacions.</i>	Proposição da TCT <u>Características metodológicas:</u> pautada no tripé teórico: Teoria do Conhecimento + Teoria da Comunicação + Teoria da Linguagem	<ul style="list-style-type: none"> • Mais descritiva • <u>Quanto ao termo:</u> variacional; unidade linguística poliédrica: formal, semântica, pragmática.
1995 2000	Rita Temmerman	<u>Artigos:</u> (vários) <u>Livro:</u> <i>Towards new ways of Terminology description: the Sociocognitive approach</i>	Proposição da TST <u>Características metodológicas:</u> Estruturação de categorias + abordagem funcionalista da sinonímia e da polissemia = fusão da linguagem e cognição.	<ul style="list-style-type: none"> • Mais descritiva • <u>Quanto ao termo:</u> variacional; unidade linguístico-comunicacional, representando modelos cognitivos e culturais.
2007	Maria Aparecida Barbosa (Escola Brasileira)	<u>Artigo:</u> <i>Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação.</i>	Proposição da Etno-terminologia <u>Características metodológicas:</u> identificação do estatuto do termo: <i>terminologização, vocabularização, metaterminologização ou terminologização lato sensu.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Mais descritiva • <u>Quanto ao termo:</u> unidade linguístico-comunicacional: transpõe-se de discursos literários à científicos e vice-versa. Uma unidade lexical <i>está</i> termo ou vocábulo.

Nota: elaborado pela autora.

Em termos de Brasil, a Terminologia ganha força no período identificado por Cabré como “ampliação”. Barbosa, propositora da *Etno-terminologia*, faz parte desta história, assim como os demais autores nacionais supracitados. A história da Terminologia brasileira está descrita a seguir.

4 Terminologia no Brasil

No ano de 1986, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) é formado o *Grupo de Trabalho em Lexicologia e Lexicografia*, o qual, em 1988, foi ampliado para *GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*.

A Anpoll, fundada em 1984, se caracteriza por associar Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística, e que atualmente (ano base: 2009) são noventa e três Programas associados, e os trabalhos são organizados em torno de GTs, representando o fundamento da atividade intelectual da Associação. Há 32 GTs em funcionamento na Anpoll, sendo um deles o *GT Lexicologia, lexicografia e Terminologia* (www.anpoll.org.br).

Coordenado pelas pesquisadoras Maria José Borcony Finatto (UFGRS) e Lídia de Almeida Barros (Unesp), o GTLEX⁶², como é conhecido, possui 48 membros efetivos e 43 membros convidados. Essa união de pesquisadores trabalhando incessantemente demonstra os frutos colhidos pelos pioneiros da Lexicologia e da Terminologia do Brasil.

Um ponto de destaque na história da Terminologia brasileira é a realização do *II Simpósio Ibero-Americano de Terminologia*, ocorrido em Brasília em 1990, paralelamente ao *I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica*, sob a coordenação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Ao final do evento, uma das recomendações foi a criação de um banco de dados terminológico no Brasil.

Em 1992, para efetivar essa recomendação, foi criada a Comissão de Estudo Especial Temporária de Terminologia, iniciativa conjunta do Ibict com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Krieger e Bevilacqua (2005) explicam que o Brasil, integrando o mundo Ibero-americano de formulações terminológicas,

⁶² <http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex>

[...] superou o plano das proposições, apresentou resultados de aplicações concretas, sem preocupações prescritivas, desenvolveu teorias, assumiu postulados, fez, enfim, avançar importantes investigações com luz própria. Diante disso, não há como contestar que este universo latino é um dos espaços geográficos de maior representatividade do trabalho terminológico, seja sob o prisma da investigação pura, seja dos resultados de aplicação, traduzidos sob múltiplas formas de atuação (KRIEGER e BEVILACQUA, 2005).

Para conquistar este destaque, muitos esforços foram empreendidos, e o quadro 14 a seguir demonstra os principais marcos.

Quadro 14: Destaques da história da Terminologia no Brasil

Data	Expoentes	Ações
1986	ANPOLL	Criação do GTLEX
1990	IBICT	II Simpósio Ibero-americano de Terminologia
		I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-científica
1994	Enilde Faulstich (UnB) Lígia Café (IBICT)	Projeto Integrado para Implantação e Difusão de Terminologia Científica e Técnica no Brasil que resultou no BRASILERM – Banco nacional de dados terminológicos.
1992	Maria Aparecida Barbosa (USP) Ieda Maria Alves (USP)	Trabalhos basilares, incluindo a relação Terminologia e Neologia. Constituição do CITRAT – Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia.
Início da década 90	Pesquisadores da PUC-RJ	Estudos de tradução; problemática da padronização terminológica.
1995	Pesquisadores da UFRGS	Projeto TERMISUL: constituição de glossário e dicionários bilíngues para facilitar a comunicação no Mercosul.
Meados da década 90	Pesquisadores da UFPE	Pesquisas sobre formação neológica no português contemporâneo.
Final da década 90	Pesquisadores da UNESP – Araraquara e São José do Rio Preto; UFCE; UFSCAR; Univ. Federal de Uberlândia.	Terminologia em nível de Mestrado e/ou Doutorado

Nota: elaborado pela autora com base em KRIEGER e BEVILACQUA, 2005.

A partir do incremento da Terminologia nas universidades, muitos grupos de pesquisadores formaram-se, inclusive com incentivo do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq), a saber:

Universidade Estadual do Ceará (UFCE)
 Grupo: Tradução, Lexicologia e Processamento da Linguagem
 Coordenador: Antônio Luciano Pontes

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
 Grupo: Grupo de Estudos Terminológicos
 Coordenadora: Leonilde Favoreto de Mello

Universidade Estadual Paulista (UNESP)
 Grupo: Tradução, Ling. Computacional, Estudos do léxico e dos dicionários
 Coordenadora: Lídia Almeida Barros

Universidade de Brasília (UnB)
 Grupo: Léxico e Terminologia
 Coordenadora: Enilde Leite de Jesus Faulstich

Universidade Federal de Goiás (UFG)
 Grupo: Léxico-Gramática e terminologia
 Coordenador: Oto Araújo Vale

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
 Grupo: TERMISUL
 Coordenadora: Maria da Graça Krieger

Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)
 Grupo: Grupo de Estudos e Pesquisas em Terminologia
 Coordenadora: Gladis Maria de Barcellos Almeida

Universidade de São Paulo (USP)
 Grupo: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia
 Coordenadora: Maria Aparecida Barbosa
 Grupo: Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo
 Coordenadora: Ieda Maria Alves

(KRIEGER e BELILACQUA, 2005)

A estes grupos soma-se ainda o “Núcleo de Pesquisas em Léxico Geral e Especializado do Português Contemporâneo” da Universidade Estadual de Maringá, formado em 2004 e coordenado pelo Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva, do qual esta autora também faz parte.

Com a participação de um número cada vez maior de pesquisadores, o fortalecimento da área consolida-se com as publicações. Além dos incontáveis artigos, teses e dissertações publicadas em meio impresso e eletrônico, destacam-se as seguintes obras editadas sobre Terminologia e áreas afins, dispostas em ordem cronológica de publicação:

OLIVEIRA, Ana Maria P. P.; ISQUERDO, Aparecida N. (org.). *As ciências do léxico I. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: UFMG, 2001.

KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria B. (Org). *Temas de terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade / UFRGS / Humanitas / USP, 2001.

FAULSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina. *Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia cooperação internacional: Brasil e Canadá*. Porto Alegre: Edufrgs, 2003.

BARROS, Lídia. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da Graça (Org.) *As ciências do Léxico 2. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

ALVES, Ieda Maria e ISQUIERDO, Aparecida Negri (org). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Volume III. Campo Grande: Ed. UFMG; São Paulo: Humanitas, 2007.

Dias (2004, p. 74) destaca que a Terminologia continua ganhando espaço como disciplina e área científica, todavia, assinala que há pelo menos três pontos de carências que precisam ainda serem superadas: 1) um intercâmbio mais intenso entre os pesquisadores, 2) maior cooperação entre pesquisadores do Brasil e Portugal a fim de harmonizar a terminologia da língua portuguesa em todas as suas variantes, e 3) a integração terminológica de caráter bilíngue com os países do Mercosul, em função das relações comerciais, culturais e comunicativas.

5 Importância da Terminologia na Atualidade

Aubert⁶³ citado por Silva (2003, p. 111) explica que as terminologias constituem a base 1) do ordenamento do conhecimento; 2) da transferência de conhecimentos; 3) da formulação e disseminação de informações especializadas; 4) da transferência de textos científicos para outros idiomas; 5) da armazenagem e recuperação de informação especializada.

⁶³ AUBERT, Francis. Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe. **Cadernos de terminologia**. 1996, p. 25 *apud* SILVA, 2003 (p. 111).

Dentre as aplicações da Terminologia, Barros (2004, p. 71) destaca a tradução especializada, o ensino de línguas, o ensino de disciplinas técnicas e científicas, nas Ciências Sociais, no planejamento linguístico, na normalização terminológica. O quadro 15 abaixo traz as principais questões para as abordagens citadas.

Quadro 15: Aplicações da Terminologia

Aplicações	Justificativa
Tradução especializada	Ao trabalhar textos técnico-científicos, o tradutor entra no campo da Terminologia Bilíngue. Ele deve conhecer a área do texto que traduz, ter domínio das línguas de partida e de chegada, não expressando apenas o conteúdo do texto de partida, mas fazê-lo com as mesmas formas que um falante nativo da língua de chegada utilizaria. Sendo os dicionários a principal fonte de consulta de um tradutor, este deve receber formação de terminógrafo, pois nem sempre estas obras contemplam todos os termos.
Ensino de Línguas	Os dicionários bilíngues, multilíngues e monolíngues, especializados e de língua geral, são fundamentais para a ampliação progressiva do léxico do aluno.
Ensino de Disciplinas Técnicas e Científicas	A Terminologia pode colaborar na elaboração de estratégias de aprendizado de vocabulário especializado haja vista o pouco domínio da metalinguagem da disciplina ensinada.
Nas Ciências Sociais	O estudo das características de um povo necessita obrigatoriamente da descrição de seu sistema linguístico, seu universo léxico e de conjuntos terminológicos.
No Planejamento Linguístico	Processo de intervenção do Estado com o objetivo de modificar o comportamento linguístico de seus cidadãos, por motivos variados.
Normalização Terminológica	Busca da eficácia na comunicação entre especialistas.

Nota: elaborado pela autora com base em Barros, 2004.

6 Tipologia de obras terminográficas

Silva (2003, p. 118), após empreender extensa pesquisa sobre o assunto e levantar o histórico da constituição da normalização terminológica no Brasil, desde a Norma ISO 1087, (sua tradução realizada pela Comissão de Estudo Especial Temporária de Terminologia instalada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) em 1992 e sua revisão conceitual) somada ao posicionamento de diferentes autores, a partir de pontos de vistas distintos, assim apresenta a caracterização das obras lexicográficas e terminográficas:

i. os chamados **dicionários de línguas** processam as unidades lexicais da língua geral; ii. os **dicionários terminológicos** processam unidades lexicais especializadas de uma determinada língua de especialidade, podendo ser denominados também por **vocabulários** (quando a coleta não se mostrar exaustiva de uma determinada área de especialidade), ou **glossário**, como sinônimo.

Ainda de acordo com o mesmo autor, um dicionário pode ser de caráter formal (dicionário alfabético) ou semântico (dicionário conceitual).

O pesquisador informa ainda que as obras lexicográficas ou terminográficas podem variar de acordo com: seu *caráter* (formal: direto ou inverso – ou semântico); *critério linguístico* (puro ou misto); *cronologia* (sincrônico ou diacrônico); *sistema linguístico* (individual ou independente); *número de línguas* (monolíngue ou plurilíngue); *critério de seleção do léxico* (geral ou especializado); *quanto ao papel do emissor ou receptor* (onomasiológico, ortoépico, ortográfico, de formação de palavras, de dúvidas); *das relações estruturais do léxico* (sinônimos, antônimos, ideológicos); *de descrição da evolução dos sistemas linguísticos* (históricos, etimológicos), por exemplo (SILVA, 2003, p. 124 a 132).

Nota-se, que uma obra desta natureza pode facilmente ser encaixada em mais de uma categoria, adquirindo caráter tanto descritivo quanto normativo, sendo ao mesmo tempo *de uso* e *prescritivo*, independente de ser uma obra geral (lexicográfica) ou de especialidade (terminográfica).

O posicionamento terminográfico ou lexicográfico de uma obra passa a ser definido, então, pela temática (geral ou especializada), pelo *corpus* e os objetivos do trabalho.

E, para compreensão de *corpus*, o tópico a seguir retratará a Linguística de Corpus, onde este conceito estrutura-se.

7 Linguística de Corpus

“A Linguística de Corpus se ocupa da coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística” (SARDINHA, 2000, p. 1). Em outras palavras, o autor complementa: “A Linguística de Corpus não parte de uma teoria, mas sim da exploração de um *corpora*”.

Historicamente, o linguista ensina que Randolf Quirk e sua equipe, em 1953, elaboraram o *Survey of English Usage* (SEU), *corpora* planejado para ter um milhão de palavras, a partir de um número fixo de 200 textos e uma quantidade fixa de 5.000 palavras em cada texto. Após análise do material, as palavras extraídas compunham cada qual uma ficha, em papel, recebendo uma categoria gramatical.

O SEU, com suas categorias gramaticais, tornou-se modelo para formação de outros *corpora*, e, a partir da década de 60, inspiração para os etiquetadores informatizados que fazem as identificações das categorias gramaticais automaticamente.

Sardinha (2004, p. 25) também explica que a principal característica de um *corpus* é sua representatividade, embora não haja critérios objetivos para determiná-la. Assim, inicialmente, cabe o raciocínio: quanto maior um *corpus*, maior probabilidade de que seja representativo. Neste sentido, “tem-se falado em representatividade como um ato de fé”⁶⁴.

Os usuários de um *corpus* atribuem a ele a função de ser representativo de uma certa variedade. O ônus de demonstrar a representatividade da amostra e de ser cuidadoso em relação à generalização de seus achados para uma população inteira (um gênero ou a língua inteira, por exemplo) é dos usuários (SARDINHA, 2004, p. 25).

O pesquisador complementa que um critério fundamental na representatividade é a extensão do *corpus*, e explica que há *três tipos de abordagens* para determinação da extensão: 1) *Impressionista*, onde a extensão é sugerida por autoridades da área. Por exemplo, Aston⁶⁵ que menciona de 20 a 200 mil palavras um patamar pequeno, e 100 milhões ou mais como grande; Leech⁶⁶ que fala em um milhão de palavras como patamar mínimo, ou Sinclair⁶⁷, mais vago, que afirma que o *corpus* deve ser tão grande quanto os equipamentos de última geração sejam capazes de suportar; 2) *Histórica*, fundamentada na monitoração dos *corpora* efetivamente usados por uma comunidade. Por exemplo, após quatro anos de conferência sobre o assunto Linguística de Corpus, Sardinha propõe: menos de 80 mil palavras (pequeno), de 80 a 250 mil (pequeno-médio), 250 mil a 1 milhão (médio), 1 milhão a 10 milhões (médio-

⁶⁴ LEENCH, G. The state of the art in corpus linguistics. In: AIJMER, K.; ALTENBERG, B. (Orgs.) **English corpus linguistics: studies in honour of JanSvartvik**. Londres, Longman, 1991, p. 8-29 *apud* SARDINHA, 2004 (p. 25).

⁶⁵ ASTON, G. Small and large corpora in language learning. In: **PALC Conference**. Lodz, University os Lodz, abr. 1997 *apud* SARDINHA, 2004, (p. 25)

⁶⁶ *Op. Cit.* 65.

grande), 10 milhões a mais (grande); 3) *Estatística*, empregando fórmulas matemáticas para identificar a quantidade mínima de palavras, gêneros e textos que se constituem em amostra representativa.

Na obra *Linguística de Corpus*, Sardinha (2004, p. 9) afirma que “na língua portuguesa, há vários *corpora* eletrônicos de destaque”, sendo o maior deles o “*Banco de Português*”, com 233 milhões de palavras do português brasileiro escrito e falado, localizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Ele, todavia explica que para uma pesquisa focalizada, como na terminografia da inteligência emocional, o uso de uma amostra do *corpus* geral pode ser utilizado, entretanto, ela pode não ser tão significativa da área pesquisada. Uma maior densidade terminológica e mais significativa pode ser encontrada em um *corpora* compilado em pequena escala, originário de textos especializados.

Uma vez selecionado o *corpora*, a obra lexicográfica pode adquirir determinadas características. Veja o que diz Dias (2004, p. 185), com base em Sardinha (2000) e Gijón (2003)⁶⁸:

Quando se trata de estabelecer uma tipologia dos *corpora*, deve-se levar em conta o conteúdo e a finalidade dos mesmos. Dessa forma, a tipologia poderá se dar conforme: *modalidade da língua; aspectos cronológicos; seleção; aspectos temáticos ou conteúdo; número de línguas; etiquetagem; e informações extralinguísticas.*

- **Modalidade:**

- Oral (composto por transcrições de fala, geralmente usado em estudos de fonética e fonologia)
- Escrito (composto por textos escritos)

- **Aspectos cronológicos:**

- Diacrônico (abrange vários períodos de tempo, com o intuito de verificar a evolução histórica dos fatos de uma língua)
- Sincrônico (abrange um determinado período do tempo, sem levar em conta os processos de evolução da língua)
- Contemporâneo (representa o período atual)
- Histórico (representa um período passado).

⁶⁷ SINCLAIR, J. McH. RENOUF, A. A Lexical syllabus for language learning. In: CARTER, R; McCARTHY, M. (Orgs.) **Vocabulary and language teaching**. Londres, Longman, 1998 *apud* SARDINHA, 2004 (p. 26).

⁶⁸ GIJÓN, P. S. **Els documents digitals especializats: utilització de la lingüística de corpus com a font de recursos per a la traducció especialitzada**. Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona/Departament de Traducció i Interpretació (Tesi Doctoral) *apud* DIAS, 2004 (p. 185).

- **Seleção:**
 - Extenso (formado por uma grande quantidade de dados, e constantemente acrescido de novas informações, de forma a ser o mais representativo possível da língua como um todo)
 - Amostragem (formado por um recorte de uma variedade ou de um registro da linguagem, com intuito de ser representativo do todo)
 - Monitor (formado por textos que deverão refletir o estado atual da língua, é um tipo de *corpus* dinâmico em que novos dados vão sendo inseridos, em substituição a outros já defasados, permitindo observar mudanças recentes e a evolução linguística)
 - Equilibrado (formado por textos de diversas variedades da língua, distribuídos em quantias similares)
- **Aspectos temáticos ou conteúdo:**
 - Geral (formado com o intuito de se estudar a língua como um todo, sem limitação temática ou de qualquer outro tipo)
 - Especializado (formado a partir de delimitação imposta pelo gênero de discurso ou registro que se pretende estudar)
- **Número de línguas:**
 - Monolíngue (composto por apenas uma língua)
 - Bilíngue (compostos por duas línguas, bastante usados para trabalhos de tradução)
 - Multilíngue (compostos por três ou mais línguas, também usados no âmbito da tradução)
- **Etiquetagem:**
 - Etiquetado (formado por textos que apresentam marcações internas que informam elementos macro- e microestruturais, como a sinalização de parágrafos, orações e frases, assim como classes de palavras além de outras informações internas, em conformidade com os objetivos da pesquisa)
 - Não etiquetado (formado por textos em sua versão original, sem o acréscimo de qualquer tipo de informação)
- **Informações extralinguísticas:**
 - Documentado (acompanhado de uma série de informações extralinguísticas, tais como autoria, data de publicação, título da publicação, etc)
 - Não-documentado (não apresenta informações adicionais)

Com a tipologia de *corpora*, conclui-se então as ponderações teóricas desta pesquisa. E no capítulo a seguir, será apresentada a metodologia do trabalho para a obra em questão, incluindo as diretrizes de sua macroestrutura e microestrutura.

IV. METODOLOGIA

Definindo *método* como “o caminho a ser percorrido mediante uma série de operações e regras prefixadas de antemão, aptas e válidas para alcançar o objetivo proposto” e *técnica* como não sendo o caminho, “senão a arte de percorrê-lo”, Andrade (2001, p. 195) sugere que para uma pesquisa lexicográfica se estabeleça as seguintes fases: 1) Determinação da área de pesquisa; 2) Conhecimento do tema; 3) Delimitação da amplitude e profundidade da pesquisa; 4) Fixação dos objetivos gerais e específicos; 5) Elaboração de um plano de trabalho, o mais minucioso possível; 6) Documentação preliminar; 7) Pesquisas; 8) Confecção de fichas de pesquisas; 9) Constituição do *corpus*; 10) Ordenação do *corpus* em partes.

No processo preliminar de organização desta pesquisa, em seu projeto, previu-se produzir uma *obra lexicológica* sobre emoções e sentimentos, de abordagem científica, que contribuísse para o desenvolvimento da inteligência emocional, aliando teoria e prática, e, portanto, que pudesse ser caracterizada como obra útil.

Tendo as premissas e os objetivos da obra delimitados, e com a metodologia definida (Andrade, 2001), chegou-se a elaborar uma *metodologia para a metodologia*, composta de 6 etapas: 1) Definição do que significa “obra lexicológica” e identificar: quais tipos existentes e quais diferenças comportam; 2) Identificação de diferenças epistemológicas; 3) Confrontação do projeto de pesquisa com os achados iniciais; 4) Análise e confirmação da temática com a consulta ao especialista; 5) Organização dos dados teóricos e temáticos; 6) Tomada de decisões frente a obra.

Com esta técnica, foi possível, então, determinar os seguintes posicionamentos:

1) Definição do que significa “obra lexicológica” e identificar quais são os tipos existentes e quais diferenças comportam. Nesta primeira etapa, foi possível chegar à primeira definição para a pesquisa: a obra deixa de ser lexicográfica e passa a ser terminográfica, haja vista a premissa de ter caráter científico. E também é nomeada de *glossário*, considerando-se o tempo previsto para sua elaboração (dois anos dentro do programa de Mestrado).

2) Identificação de diferenças epistemológicas: Nesta segunda etapa, diante da definição da Terminologia como abordagem, buscou-se, na revisão da literatura, identificar-se as diferenças epistemológicas e metodológicas deste campo científico, a fim de posicionar-se em um pilar teórico que garantisse a coerência interna da pesquisa. Deste modo, conhecer os aportes da TGT, Socioterminologia, TCT e TST, garantiram a segurança necessária para afirmar que a obra está baseada na *Teoria Comunicativa da Terminologia*. Os principais motivos para esta escolha são três: a) o *caráter polissêmico da própria área temática* inteligência emocional, que, conforme exposto na fundamentação teórica, por si só pode ser compreendido de três modos diferentes; b) o *caráter descritivo*, uma vez que a Inteligência Emocional é uma subárea em formação na Psicologia; c) o *alinhamento com tendência da Escola Ibero-Americana da Terminologia ao qual o Brasil insere-se*, dada a multiplicidade variacional do léxico português, em virtude da própria característica multicultural do país.

3) Confrontação do projeto com os achados iniciais. Esta terceira etapa exigiu o realinhamento da pesquisa, abandonando-se a ideia original de retratar lexicograficamente emoções e sentimentos, e assim, assumir a área temática Inteligência Emocional como centro da pesquisa. Deste modo, os referenciais teóricos que vinham sendo pesquisados até então, tais como Vygotski, Henri Wallon e Antônio Damásio – que reinseriram as emoções nas pesquisas científicas após longo período de abandono desta característica humana das pesquisas – tiveram de ser substituídos por pesquisadores mais contemporâneos, que, dando sequência ao pensamento destes antecessores, formularam e desenvolveram o constructo Inteligência Emocional.

4) Análise e confirmação da temática com a consulta ao especialista. Nesta quarta etapa, foi possível avaliar o nível de assertividade nas escolhas com o tema, através da entrevista ao especialista. A sua opinião chancelou a área temática da pesquisa, sendo fundamental para seu desenvolvimento.

5) Organização dos dados teóricos e temáticos. A quinta etapa aconteceu concomitantemente à elaboração da própria pesquisa. Graças aos recursos tecnológicos e a internet, foi possível construir um interessante banco de dados terminológico e temático, nas duas modalidades: a) *virtual*, com acesso às publicações *on line* através de buscadores que

invariavelmente remetem a bancos de dados científicos tais como o Scielo e a BVS⁶⁹, por exemplo; b) *físico*, através da possibilidade de aquisição de obras de referência das livrarias virtuais, tornando a pesquisa mais rápida e mais barata.

6) Tomada de decisões. Nesta última etapa da *metodologia para a metodologia*, além dos posicionamentos já mencionados, outras decisões surgiram, tais quais:

a) *Substituir a metodologia inicial* proposta por Andrade (2001) pela *metodologia proposta por Almeida (2006) para as obras terminográficas baseadas na TCT*, com as seguintes etapas: 1) organização do *corpus*, 2) elaboração do mapa conceitual, 3) o planejamento do protocolo de preenchimento das fichas terminológicas, 4) a redação das definições, 5) a microestrutura, 6) a macroestrutura.

b) *Assumir o modelo de Ficha Terminológica sugerido por Ieda Maria Alves (Apud Silva, 2003, p. 251)*, com a seguinte estrutura:

Quadro 16: Estrutura da Ficha Terminológica

	Campo	Descrição
1	Código	Gerado automaticamente pelo programa <i>Microsoft Access</i> .
2	Termo	Apresentado sobre forma lematizada : forma nominal no masculino singular e verbo no infinitivo. As exceções implicam que a mesma é sempre utilizada no plural ou que seu conceito comporta vários elementos constitutivos. 2.1) Sigla : forma abreviada como o termo é conhecido. 2.2) Variante : indicação de variações de caráter ortográfico e morfossintático observadas nos termos e seus elementos sintagmáticos.
3	Referências Gramaticais	Indicações morfológicas mínimas para identificação do termo.
4	Contexto	Transcrição do contexto, preferencialmente de caráter definatório, colocada entre <>.
5	Referências do Contexto	Indicações do autor (nome) e fonte (ano de publicação e página), que remetem ao <i>corpus</i> .

⁶⁹ BVS: Biblioteca Virtual da Saúde.

6	Observações Linguísticas	Indicações de particularidades gramaticais, com a utilização da seguinte acrossemia: s (substantivo), adj (adjetivo), ar (artigo), v (verbo), p (preposição), cp (contração prepositiva), c (conjunção), n (numeral), pref (prefixo), suf (sufixo), pr (pronome), adv (advérbio).
7	Observações Enciclopédicas	Indicações de particularidades do termo, não incluídas na definição, do ponto de vista histórico, funcional, etc.
8	Definição	Identificação de traços necessários para identificação do conceito, ou seja, um elemento genérico e suas características específicas que individualizam o termo definido. Deve ser redigida de forma intencionalmente curta, e com o objetivo de ser compreendida por leitores não especializados, observando a mesma estrutura sintática na redação de termos relacionados.
9	Área	Refere-se à área da estrutura conceptual em que o termo está inserido.
10	Subárea	Refere-se à subárea da estrutura conceptual em que o termo está inserido.
11	Dados fraseológicos	Eventuais termos que se juntam a um outro não sintagmático.
12	Termos relacionados	Denominados de unitermos, são aqueles que estejam citados na ficha terminológica, até um número máximo de três, tanto nas definições quanto nas observações enciclopédicas, assim como aqueles que pertençam a uma classificação, sempre em ordem alfabética, e que façam parte do repertório.
13	Sinônimos	Indicações de diferentes significantes para a UCE, que possuem o mesmo significado, utilizados em contextos e fichas terminológicas próprios, com a mesma definição.
14	Autor da Ficha	Nome do pesquisador que preencheu a ficha.
15	Revisor	Nome do pesquisador que revisou a ficha após a colaboração do especialista da área.
16	Data do Registro	Data em que a ficha foi preenchida pela primeira vez, sem mencionar as revisões e reelaborações.

Nota: Elaborada pela autora adaptado de Silva (2003, p. 251) e Anjos (2003, p. 24).

Gerada no programa *Microsoft Access*, as fichas terminológicas têm os campos controlados, facilitando tanto os registros quanto a análise estatística do trabalho, uma vez que o programa disponibiliza recursos para geração de relatórios bastante úteis.

A figura a seguir é um modelo da ficha terminológica preenchida com dados desta pesquisa.

Figura 3: Ficha terminológica no programa *Microsoft Access*

The screenshot shows a Microsoft Access window titled "Cadastro de Ficha Terminológica". The form contains the following fields and values:

- Código:** 296
- UCE:** aceitação
- Variante(s):** (empty)
- Sigla ou forma abreviada:** (empty)
- Referências gramaticais:** sf
- Contexto(s):** A empatia, como vimos, leva ao envolvimento ao altruísmo e à piedade. Ver as coisas da perspectiva dos outros estereótipos tendenciosos, e assim gera a tolerância e a "aceitação" das diferenças
- Referências do contexto:** (GOLEMAN, 2001, p. 196)
- Definição:** Estado afetivo de acolher, receber ou estar aberto a alguém ou alguma coisa. O contrário de aversão.
- Área:** Psicologia
- Subárea:** Estados Afetivos
- Observações linguísticas:** (empty)
- Observações enciclopédicas:** (empty)
- Dados fraseológicos:** (empty)
- Termos relacionados:** aversão
- Sinônimos:** (empty)
- Equivalente:** (empty)
- Auto(a):** Cristiane
- Revisor:** Cristiane
- Data:** 25/10/2010
- Termo normalizado:** (empty)

At the bottom, there is a navigation bar showing "Registro: 1 de 1" and a taskbar with several open applications.

Nota: Ficha gentilmente cedida pelo prof. orientador Manoel Messias Alves da Silva, em 09/out/08.

c) *Utilizar o modelo de microestrutura (verbetes) proposta por Almeida (2006), com apresentação de todas as informações sistemáticas sugeridas (entrada, classe morfológica e gênero ou transitividade, definição, contexto e remissivas), e as seguintes informações não sistemáticas: informações enciclopédicas, sinônimos e indicações de uso para casos de homonímia e polissemia.*

d) *Desenvolver a macroestrutura da obra conforme a proposta por Almeida (2006), e apresentada no quadro 9 (macroestrutura de uma obra terminológica segundo TERM CAT), a saber: 1) introdução, 2) mapa conceitual, 3) apresentação dos verbetes, 4) índice alfabético dos termos, 5) índice alfabético das equivalências e 6) referências.*

e) *Caracterizar a obra, de acordo com a Linguística de Corpus (Dias, 2004), como: escrita, contemporânea, de amostragem, especializada, monolíngue, não etiquetada e documentadas, pois: 1) Escrita: os textos foram escritos e publicados em mídia impressa (livros, periódicos e manuais) de onde foram coletados; 2) Contemporânea: todos os textos*

são datados do século XX e XXI; 3) *De amostragem*: os textos sintetizam os registros da área temática Inteligência Emocional e são representativos do todo desta área de especialidade; 4) *Especializada*: os textos, elaborados por médicos, psicólogos, neurocientistas e mestres de outras áreas afins, e apresentam o rigor do gênero de discurso retratado; 5) *Monolíngue*: Embora alguns originais tenham sido escritos em outras línguas, é sobre suas traduções para o português que recairão os trabalhos de recolha dos terms, somando-se aos autores nacionais. Deste modo, os textos estão escritos em língua portuguesa. 6) *Não etiquetada*: o *corpus* é composto por textos em suas versões originais, sem acréscimos de informações ou marcações internas. 7) *Documentada*: os textos trazem uma série de marcações extralinguísticas, tais como citações, referenciais teóricos e datação, por exemplo.

Quanto à elaboração do *corpus*, seguindo os preceitos descritos por Sardinha (2000, 2004) sobre *representatividade*, este trabalho é composto de textos elaborados por especialistas, onde, portanto, não foi utilizado um banco de dados do léxico geral.

Orientado ainda por Almeida (2006), o *corpus* cumpre os seguintes requisitos: autenticidade, balanceamento e amostragem, sendo: 1) *autenticidade*: só foram considerados os textos originais; 2) *balanceamento*: foram utilizados textos tanto científicos, quanto de divulgação e instrucional, permitindo-se a retirada de definições e explicações que sejam entendidas também pelo público não especializado; 3) *amostragem*: que fosse representativa a partir do autorreferenciamento dos textos, ou seja, como área em formação, os textos em língua portuguesa costumam repetir-se nas fontes.

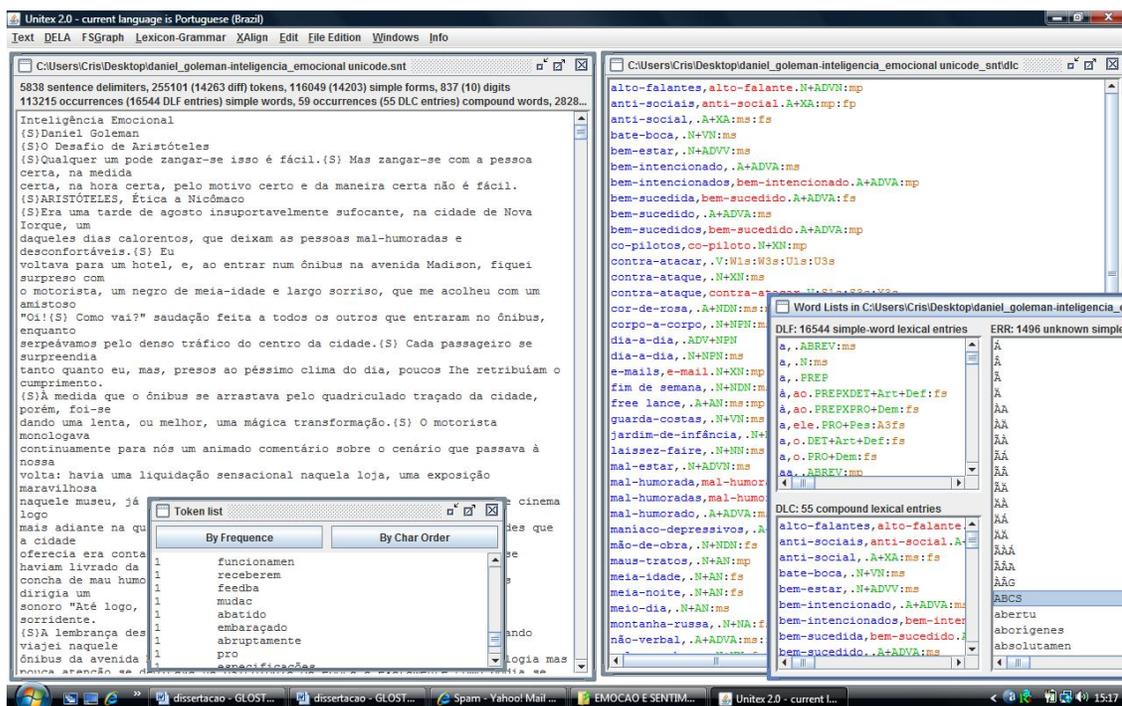
Outros cuidados foram tomados com o *corpus*, tais quais os sugeridos por Almeida (2006): 1) compilação e manipulação dos textos; 2) a nomeação dos arquivos e a geração de cabeçalhos; 3) os padrões de anotações; 4) os métodos de extração de termos (híbrido: estatístico e linguístico).

Quanto ao método de extração dos termos, utilizou-se o *software* UNITEX, “um conjunto de programas que possibilitam o tratamento de textos em língua natural utilizando recursos linguísticos” (RELEX, 2009)⁷⁰. Desenvolvido pelo linguista Maurice Gross, no *Laboratoire d'Automatique Documentaire et Linguistique (LADL)*, é composto por dicionários eletrônicos, gramáticas e tábuas de léxico-gramáticas, sendo representado no país pela Rede RELEX Brasil, que integra pesquisadores da UFES, PUC-RJ, UFSCar, USP/São

⁷⁰ Disponível em : <<http://infolingu.univ-mlv.fr/brasil/>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

Carlos, UFGO, além do *Institut d'électronique et d'informatique Gaspard-Monge* (IGM), em Paris, e o Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) da USP, UFSCar, e Unesp.

Figura 4: Página do *software* Unitex com o texto de Daniel Goleman



Esta ferramenta e todas as informações correlatas estão disponíveis gratuitamente pela internet, através do site do Projeto Relex Brasil, <<http://infolingu.univ-mlv.fr/brasil/>>, com um Manual de Utilização traduzido para a língua portuguesa pelo pesquisador Dr. Oto Araújo Vale, da Universidade Federal de Goiás.

1 Corpus

O corpus do Glossário Terminológico da Inteligência Emocional, apresentado a seguir, é composto pelo total de **10 textos técnicos de alta relevância**, nas seguintes categorias: livro, dissertações e artigos científicos.

GOLEMAN, Daniel (1996). *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. trad. Marcos Santarrita. ed. rev. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

NASCIMENTO, Monalisa Muniz. *Evidências de validade para o teste de inteligência emocional MSCEIT em policiais*. Orientador: Prof. Dr. Ricardo Primi. Dissert. (mestrado) – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia. Universidade São Francisco, 2006.

WOYCIEKOSKI, Carla. *Instrumentos de inteligência emocional de auto-relato medem alguma coisa que instrumentos de personalidade não medem?* Orientadora: Prof. Dr. Claudio Simon Hutz. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8699/000586889.pdf?sequence=1>>. Acesso em 13 jun. 2009.

COBÊRO, Claudia; PRIMI, Ricardo; MUNIZ, Monalisa. Inteligência emocional e desempenho no trabalho: um estudo com MSCEIT e BPR-5 e 16PF. *Paidéia*, Ribeirão Preto, SP, v. 16, n. 35, p. 337-348, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 jun. 2009.

MAYER, John; SALOVEY, Peter D.; CARUSO David R. Inteligência emocional como *Zeitgeist*, como personalidade e como aptidão mental. In: BAR-ON, Reuven; PARKER, James D. A. (org.). *Manual da inteligência emocional: teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho*. trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

MAYER, John D., CARUSO David R., SALOVEY Peter. Selecionando uma medida para a inteligência emocional – em defesa das escalas de aptidão. In: BAR-ON, Reuven; PARKER, James D. A. (org.). *Manual da inteligência emocional: teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho*. trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

MIGUEL, Fabiano Koich; NORONHA, Ana Paula Porto. Inteligência emocional e tipos psicológicos: um estudo correlacional. *Psychologica*, Coimbra, (S.v), n. 43, p. 245-257, 2006. Disponível em: <<http://www.labape.com.br/labape/artigos/IEQuati.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2009.

NORONHA, Ana Paula Porto; PRIMI, Ricardo, FREITAS, Freitas, Fernanda Andrade; DANTAS, Marilda Aparecida. Análise dos itens do Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test: escalas da área estratégica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, PR, v. 12, n. 2, p. 415-422, 2007, (ISSN 1413-7372). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a23.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2009.

PRIMI, Ricardo. Inteligência: avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. *Avaliação Psicológica* (S.l), v. 2, n. 1, p. 67-77, jun. 2003. (ISSN 1677-0471). Disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-04712003000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 7 jul. 2009.

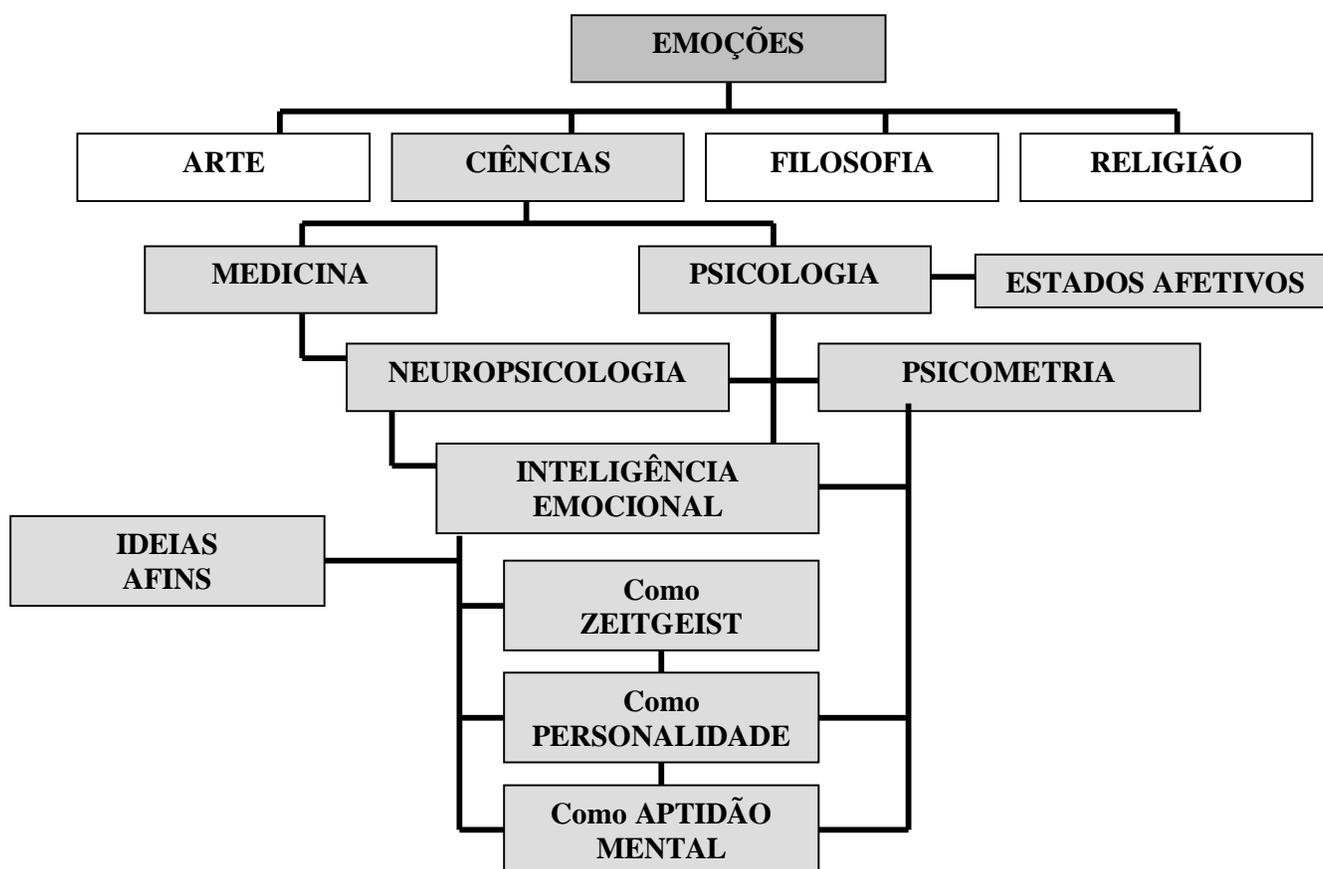
ROBERTS, Richard; MENDOZA, Carmem E. Flores; NASCIMENTO, Elizabeth. Inteligência Emocional: um constructo científico?, *Paidéia* (S.l.), n. 12, v. 23, p. 77-192, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/23/05.doc>>. Acesso em: 13 jun. 2009.

2 Mapa conceptual

Tomando como referência epistemológica e metodológica a TCT, é importante destacar que “as unidades terminológicas ocupam um lugar preciso num mapa conceptual; e o seu significado específico é determinado pelo lugar que ocupam desse mapa” (Cabré, 2003)⁷¹.

O mapa conceptual, também denominado mapa conceitual, árvore do domínio ou estrutura conceptual, busca refletir a realidade da área, especificando suas subáreas, e assim, o mapa conceptual pode ser definido como uma macro-estrutura linguística que localiza termos dentro de uma área de especialidade. Ressalta-se que o mapa conceptual da Inteligência Emocional foi elaborado a partir da análise do *corpus* do trabalho, apresentado anteriormente.

Figura 5: Mapa Conceptual da Inteligência Emocional



No capítulo a seguir, apresenta-se o *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional* propriamente dito.

⁷¹ CABRÉ, M. T. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. *Terminology*, v.9, n.2, p.163-200, 2003 *apud* ALMEIDA, 2006 (p. 89)

V. GLOSSÁRIO

Este glossário é resultado prático da pesquisa em nível de mestrado empreendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM), no biênio 2008-2010.

Intitulado *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional*, tem por objetivo apresentar a nomenclatura sistematizada desta subárea em constituição no âmbito da Psicologia.

Organizado a partir da fundamentação teórica e metodológica da *Teoria Comunicativa da Terminologia* (CABRÉ, 1999; ALMEIDA, 2006) e tomando por base a Linguística de Corpus (SARDINHA, 2004; 2009), tem o *corpus* alicerçado em 10 textos técnicos, incluindo obras de referência, autênticas, dentre as quais livros, dissertações e artigos científicos publicados em língua portuguesa. Para este trabalho, portanto, não foram utilizados textos gerais, oriundos de bancos de dados gerais da língua portuguesa.

A obra destina-se a leitores especializados, muito embora dentre as obras técnicas encontrem-se as de caráter divulgacional e instrucional, permitindo que o glossário seja acessível também ao leitor não especializado.

Este volume caracteriza-se por ser *primeira versão*, organizado na modalidade não-exaustiva, e assim é considerado *embrionário*, ou seja, obra merecedora de ampliação. Este posicionamento foi definido para ajustar a sua produção ao tempo e aos recursos disponíveis.

Outras classificações da obra a partir da Linguística de Corpus são: *escrita*, *contemporânea*, *de amostragem*, *especializada*, *monolíngue*, *não etiquetada* e *documentada*. *Escrita*, pois os textos foram escritos e publicados em mídia impressa (livros e periódicos) de onde foram coletados; *Contemporânea* haja vista todos os textos serem datados do século XX e XXI; *De amostragem*, pois os textos sintetizam os registros da área temática Inteligência Emocional e são representativos do todo desta área de especialidade; *Especializada* considerando-se que os textos, elaborados por médicos, psicólogos e neurocientistas apresentam o rigor do discurso científico; *Monolíngue* pois, embora alguns originais tenham sido escritos em outras línguas, são sobre às traduções para o português que recaíram os trabalhos de recolha dos termos, além disso, há os textos publicados por autores nacionais; *Não etiquetada*, já que o *corpus* é composto por textos em suas versões originais em língua portuguesa, sem acréscimos de informações ou marcações internas; e *Documentada*,

observando que os textos trazem uma série de marcações extralinguísticas, tais como citações, referenciais teóricos e datação, por exemplo.

O glossário, seguindo recomendações de Termcat⁷², apresenta na sua *macroestrutura* as seguintes seções: 1) Apresentação; Introdução temática 2) Índice Alfabético dos Termos (índice geral e índice por seções), 3) Apresentação dos Verbetes. As demais seções recomendadas (mapa conceptual, *corpus*, e bibliografia) não constam deste capítulo a fim de evitar-se redundância com a estrutura geral do trabalho.

Quanto à *microestrutura* dos verbetes, tomando por base as sugestões de Almeida (2006), constitui-se das seguintes *informações sistemáticas*: 1) entrada, 2) classe morfológica, 3) definição, 4) contexto. Também compõem a *microestrutura* as *informações não-sistemáticas*: 5) remissivas, 6) informações enciclopédicas, 7) sinônimos, 8) indicações de usos para variação socioletal.

É importante destacar que no procedimento metodológico utilizou-se o *software* Unitex (RELEX, 2009)⁷³ para recolha dos termos, o *Microsoft Access*, importante apoio na elaboração do banco de dados das *fichas terminológicas*, e o *Microsoft Excell*, para a organização da *base definicional* e dos índices.

Para uma melhor compreensão da obra, a seguir, será apresentada em detalhes a *microestrutura* dos verbetes e os critérios definitórios.

1 Microestrutura dos verbetes

Os 133 verbetes estão organizados em **ordem alfabética**, dentro da classificação do *mapa conceptual*, e os termos apresentam-se sob **forma lematizada**, ou seja, substantivos no masculino singular exceto quando são compostos por vários elementos (números e letras; por exemplo, *I6PF*) ou quando são categoricamente femininos (*Inteligência Emocional*).

⁷² TERMCAT. Centre de Terminologia. **Metodologia del treball terminològic**. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1990 *apud* ALMEIDA, 2006 (p. 96).

⁷³ UNITEX. Conjunto de programas que possibilitam o tratamento de textos em língua natural utilizando recursos lingüísticos. É desenvolvido pela RELEX, Rede Lexical que agrupa cerca de doze laboratórios para construção de dicionários eletrônicos, e inclui o Projeto Relex-Brasil. Disponível em : <<http://infolingu.univ-mlv.fr/brasil/>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

As *informações sistemáticas*⁷⁴ dos verbetes incluem ainda a **classe morfológica** seguida do **gênero**.

Em relação às **definições terminológicas**, neste trabalho procurou-se seguir 14 os princípios propostos por Anjos (2003), compilados a partir de Alves (1996, p. 125-136)⁷⁵, Arnts e Pitsch (1995, p. 96-102)⁷⁶, Cabré (1993, p. 208-213)⁷⁷ e Felber (1987, p. 130-40)⁷⁸:

1. A definição deve situar-se na perspectiva do campo conceitual a que pertence o conceito;
2. A definição deve apresentar as características essenciais do conceito, de modo a distingui-lo dos demais conceitos pertencentes à mesma área de especialidade [...];
3. A definição deve ser adequada ao tipo de usuário e ao nível de abstração que se propõe, levando em consideração as necessidades específicas da área de conhecimento em análise.
4. A definição deve ser constituída por palavra conhecidas pelo usuário em geral [...];
5. O termo inicial da definição deve pertencer à mesma categoria gramatical do item definido e estar em relação de inclusão semântica com ele;
6. A definição deve, de modo geral, ser concisa e constituída por uma frase. Essa convenção, no entanto, nem sempre pode ser cumprida, pois, dependendo da característica do termo definido, da área de especialidade e das necessidades do usuário, pode comportar vários períodos sintáticos.
7. A definição deve ser atualizada periodicamente, pois alterações no conceito levam a alterações nas definições, como observam Arntz e Pitch.
8. A definição não deve conter o termo definido. Entretanto, como salienta Alves, na definição de sintagmas o termo genérico é, na maioria das vezes, o termo determinado do sintagma, o qual deve ser definido no trabalho.
9. A definição não deve ser circular, ou seja, não devemos definir um termo utilizando outro termo cuja definição tem o auxílio do primeiro.
10. A definição não deve ser constituída por estruturas negativas, exceto quando o conceito for em si negativo;
11. A redundância deve ser evitada, pois não é necessário enunciar as características implícitas dos conceitos utilizados nas definições;
12. As paráfrases desnecessárias, comuns na definição de termos transparentes, devem ser evitadas. Esses tipos de termos, segundo Sager, dispensam definição;

⁷⁴ Informações sistemáticas: obrigatórias em todos os verbetes.

⁷⁵ ALVES, Ieda Maria. **Definição terminológica: da teoria a prática**. *TRADTERM*, n. 3, São Paulo, 1996, p. 125-136.

⁷⁶ ARNTZ, Reiner; PITCH, Heribert. **Introducción a la terminología**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez/Pirâmide, 1995.

⁷⁷ CABRÉ, Maria Tereza. **La terminología – teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida/Empuries, 1993.

⁷⁸ FELBER, Helmut. **Manuel de terminologie**. Paris: UNESCO et Infoterm, 1987.

13. As formas metalinguísticas como “palavra significa”, “termo que designa” devem ser evitadas no início das definições, pois são redundantes em obras de referência.
14. As definições de um trabalho terminográfico devem seguir um estrutura lexical e sintática uniforme [...].

Ainda sobre as *informações-sistemáticas*, os **contextos** são fragmentos de textos nos quais os termos aparecem, e normalmente são de caráter definitório ou explicativo. Os fragmentos de texto dos contextos podem ser precedidos do sinal [...], quando alguma parte foi omitida na transcrição, e ainda, traz os termos destacados com os sinais < >, delimitando-os das outras palavras. Finalizam este campo as referências das fontes de onde foram extraídos os termos.

Em relação às *informações não-sistemáticas*, as **remissivas**, representadas pela forma abreviada **Cf.** relacionam os termos que constituem o glossário, seja pelo caráter hiperonímico (ideia do todo, por exemplo: *mente*), hiponímico (indicativo de parte do todo: *elementos da mente*), ou polissêmico (vários sentidos, por exemplo *Inteligência Emocional*).

Já as **informações enciclopédias**, quando utilizadas, indicam particularidades do termo não incluídas na definição, aumentando a sua compreensão. Apresentam-se sobre a forma de **Nota**.

Quanto aos **sinônimos**, quando ocorrem, são indicados no verbete principal (mais frequente), fazendo uma remissiva ao menos frequente. No verbete menos frequente, além de um contexto ilustrativo, inclui-se a palavra **Ver**, que antecede o termo a consultado (*Sentinela emocional. Ver Amígdala cortical*).

Por fim, no campo das **variações**, identificadas pela sigla **Var.** destacam-se as de uso socioletal que se diferem no nível de especialidade, nível de língua (familiar, culto, formal) e nível estilístico (Auger, 2001)⁷⁹ (*Aprendizagem emocional. Var. Aprendizagem de respostas emocionais*).

⁷⁹ AUGER, P. Éssai d'élaboration d'un modèle terminologique/terminographique variationniste. *TradTerm*, São Paulo, v. 7, p. 183-224, 2001 *apud* JESUS, Ana Maria Ribeiro de; BARROS, Lídia Almeida. A variação terminológica em português no domínio da dermatologia. UFG. *Signótica*. v. 17, n. 2, p. 165-189, jul./dez. 2005

2 Introdução temática

A década de 1990 viu surgir no meio científico à hipótese de existência de uma inteligência nova, ainda não mapeada, cujo desenvolvimento seria capaz de determinar o sucesso dos indivíduos em todas as esferas da vida: a Inteligência Emocional.

Popularizada mundialmente por Daniel Goleman (1996) através da obra “*Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*” despertou o interesse de profissionais de diferentes áreas, e, antes que estivesse suficientemente categorizada, foi definida e redefinida de diferentes modos, indiscriminadamente, tendo suas fronteiras estendidas para todos os setores da vida humana, sendo fator de bom desempenho na escola e no trabalho, e determinante de sucesso ou fracasso individual, profissional e dos relacionamentos.

Algumas críticas foram tecidas pelos principais especialistas da subjetividade humana para esta profusão de significados e aplicações da inteligência emocional, dentre as quais, a de que estariam qualificando-se equivocadamente características da personalidade como inteligência. Personalidade e inteligência são estruturas diferentes e independentes da mente humana, e atributos como *motivação, emoção, cognição e consciência* são próprios da personalidade, e não da inteligência (MAYER, SALOVEY e CARUSO, 2002, p. 89)⁸⁰.

Mayer, Salovey e Caruso (1990; 2002), pioneiros das pesquisas da Inteligência Emocional, esforçaram-se para desfazer os equívocos em torno do que fosse realmente essa nova inteligência. Eles enfatizaram que o termo deveria conceituar uma inteligência específica, que processasse as emoções e se beneficiassem delas. Através da *Teoria das Aptidões da Inteligência Emocional*, estabeleceram os limites da Inteligência Emocional, demonstrando que sua singularidade reside no fato de operar através dos meios cognitivos e emocionais.

De acordo com estes pesquisadores, a Inteligência Emocional, embora unitária, subdivide-se em quatro etapas:

⁸⁰ MAYER, John; SALOVEY, Peter D.; CARUSO David R. Inteligência emocional como *Zeitgeist*, como personalidade e como aptidão mental. In: BAR-ON, Reuven; PARKER, James D. A. (org.). **Manual da inteligência emocional: teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho.** trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

1) Percepção emocional, envolvendo a capacidade de identificar emoções em si e nos outros. Tem relação também com a capacidade de avaliar a autenticidade de uma expressão emocional, identificando sua veracidade, falsidade ou tentativa de manipulação. Primi (2003, p. 74) explica que esta “abertura às experiências emocionais abre as portas para a compreensão das informações veiculadas por elas e sobre os eventos importantes que eventualmente ocorrem no meio”. Como consequência, a percepção emocional facilita o processo de adaptação.

2) Facilitação emocional do pensamento, utilizando-se a emoção para melhorar processos cognitivos. Ou seja, a emoção funciona como um sistema de alerta que dirige a atenção para as informações (internas e externas) mais importantes, gerando sentimentos que ajudarão nas tomadas de decisões adaptativas.

3) Entendimento emocional, representando o processamento cognitivo de emoções, que sem síntese, significa saber nomear o que se sente. “Esta capacidade está ligada ao vocabulário conceitual sobre as emoções, à identificação de diferenças e nuances sobre as emoções, e ao entendimento de emoções complexas que são compostas de emoções básicas”. (PRIMI, 2003, p. 75). Esta tarefa nem sempre é fácil, pois como lembra Goleman (2001, p. 303) não há consenso entre os especialistas sobre quais sejam as emoções básicas e quais são as complexas. Para contribuir com o entendimento emocional, o autor oferece uma lista com o que denomina “famílias emocionais”:

- *Ira*: fúria, revolta, ressentimento, raiva, exasperação, indignação, vexame, acrimônia, animosidade, aborrecimento, irritabilidade, hostilidade e, talvez, no extremo, ódio e violência patológicos.
- *Tristeza*: sofrimento, mágoa, desânimo, desalento, melancolia, autopiedade, solidão, desamparo, desespero e, quando patológica, severa depressão.
- *Medo*: ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, consternação, cautela, escrúpulo, inquietação, pavor, susto, temor; e como psicopatologia, fobia e pânico.
- *Prazer*: felicidade, alegria, alívio, contentamento, deleite, diversão, orgulho, prazer sensual, emoção, arrebatamento, gratificação, satisfação, bom-humor, euforia, êxtase e, no extremo, mania.
- *Amor*: aceitação, amizade, confiança, afinidade, dedicação, adoração, paixão, ágape.
- *Surpresa*: choque, espanto, pasmo, maravilha.
- *Nojo*: desprezo, desdém, antipatia, aversão, repugnância, repulsa.
- *Vergonha*: culpa, vexame, mágoa, remorso, humilhação, arrependimento, mortificação, contrição (GOLEMAN, 2001, p. 303).

4) *Administração de emoções*, a última etapa de processamento da Inteligência Emocional, envolvendo a auto-administração emocional e/ou a administração de emoções em outras pessoas. Atuando no Eu, esta capacidade “refere-se ao monitoramento, a avaliação e a utilização do conhecimento dos próprios humores, para mantê-los ou modificá-los conforme as necessidades” (PRIMI, 2003, p. 75); e atuando no outro, refere-se à capacidade de regular o próprio comportamento para produzir, regular ou manter as emoções desejáveis em outras pessoas. Dado o caráter prático-comportamental, a administração das emoções confunde-se com o próprio conceito de inteligência emocional.

Para validação dessa teoria, os autores propuseram um *teste-psicométrico* baseado na avaliação por aptidão, o MSCEIT – *Mayer, Salovey, and Caruso Emotional Intelligence Test*⁸¹, garantindo a não-sobreposição de características mensuráveis com as medidas-padrão de personalidade já amplamente validadas e aceitas, como o *CPI – California Personality Inventory*, proposto por Gough, em 1994.

Além de restabelecer os limites para a Inteligência Emocional, e fornecer um instrumento para sua avaliação, a abordagem de Mayer, Salovey e Caruso, de que a IE é uma aptidão mental, é uma demonstração clara de que há um esforço científico em torno do conceito Inteligência Emocional.

Eles explicam ainda que as demais utilizações do termo Inteligência Emocional podem ser agrupadas em outros dois eixos temáticos⁸²:

1) Inteligência Emocional como *zeitgeist*, representando o espírito de liberdade emocional ansiada pela sociedade da época (1990), pois, ao contrário das ideias racionais e elitistas que predominavam no meio científico, artístico e cultural (principalmente nos EUA onde ela foi lançada), a IE representava a oportunidade de autossuperação que poderia levar ao sucesso social. A popularização da inteligência emocional levou a uma *rebelião emocional* que marcou toda uma geração.

⁸¹ MAYER, John D., CARUSO David R., SALOVEY Peter. Selecionando uma medida para a inteligência emocional – em defesa das escalas de aptidão. In: BAR-ON, Reuven; PARKER, James D. A. (org.). **Manual da inteligência emocional: teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho**. trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

⁸² MAYER, John; SALOVEY, Peter D.; CARUSO David R. Inteligência emocional como *Zeitgeist*, como personalidade e como aptidão mental. In: BAR-ON, Reuven; PARKER, James D. A. (org.). **Manual da inteligência emocional: teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho**. trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

2) Inteligência Emocional como *personalidade*, pois, no período em que o desenvolvimento emocional significava liberdade e autonomia, todo e qualquer atributo mais desenvolvido de personalidade era considerado sinônimo de inteligência emocional. E assim, orientação para o serviço, relações interpessoais, intuição e autorrealização, por exemplo, entraram no rol das características da inteligência emocional.

O somatório dessas duas abordagens transformou a Inteligência Emocional em sinônimo de *panacéia universal*, criando uma grande confusão conceitual do que seja realmente a IE.

Esse histórico confuso justifica o esforço de psicólogos clínicos e neurocientistas no desenvolvimento de pesquisas que forneçam o mapeamento da Inteligência Emocional como aptidão mental. O objetivo é dar ao conceito seu real significado.

Neste sentido, e sob o olhar das Ciências da Linguagem, o esforço de mais de duas décadas de pesquisas para validar a Inteligência Emocional como uma nova inteligência de fato, singular, com seus limites científicos demarcados, resultou numa neologística rica, específica e especializada, que foi transformada no objeto de estudo desse trabalho: a terminologia da Inteligência Emocional.

3 Índice geral dos termos

TERMO	SIGLA	Var. ou Fras.	Sin.	Cf.	LOCALIZAÇÃO	Pág.
aceitação	x	x	x	Aversão	Estados Afetivos	126
administração das emoções	x	x	x	entendimento e.; facilitação e.; inteligência e.; percepção e.	IE como Aptidão Mental	148
afeição	x	x	x	Amor	Estados Afetivos	126
afeto	x	Fras: afeto negativo; afeto positivo.	x	afeto-como-informação; humor.	Estados Afetivos	126
afeto-como-informação	x	x	x	X	Estados Afetivos	127
afinidade	x	x	amor	X	Estados Afetivos	127
alegria	x	x	x	emoção primária, felicidade	Estados Afetivos	128
alexitimia	x	x	x	X	Ideias Afins	175
amígdala cortical	x	amígdala; sentinela emocional.	x	Hipocampo	Neuropsicologia	168
amor	x	x	x	afeição; afinidade; emoção primária; ternura.	Estados Afetivos	128
análise fatorial	x	x	x	X	Psicometria	153
antipatia	x	x	repugnância	X	Estados Afetivos	128
ansiedade	x	x	x	X	Estados Afetivos	129
aprendizagem emocional	x	aprendizagem de respostas emocionais	x	X	IE como Zeitgeist	139
aptidão	x	aptidão mental	x	mente	IE como Aptidão Mental	148
aptidão emocional	x	x	x	X	IE como Aptidão Mental	149
autoavaliação	x	x	x	autorrelato; escala psicométrica.	Psicometria	153
autorrelato	x	x	x	Autoavaliação	Psicometria	154
avaliação psicológica	x	psicometria	x	X	Psicometria	154
aversão	x	x		aceitação; antipatia, emoção primária, raiva	Estados Afetivos	129
bateria de provas de raciocínio	BPR5	x	x	X	Psicometria	155
califórnia psychological inventory	CPI	x	x	X	Psicometria	155
caráter	x	x	x	Traço	Psicologia e Emoções	115

TERMO	SIGLA	Var. ou Frases.	Sin.	Cf.	LOCALIZAÇÃO	Pág.
cérebro	x	x	x	X	Neuropsicologia	169
cérebro-raíz	x	cérebro primitivo	x	Cérebro	Neuropsicologia	169
cérebro pensante	x	x	neocórtex	X	Neuropsicologia	170
cognição	x	x	x	mente; personalidade.	IE como Personalidade	144
cólera	x	x	x	Raiva	Estados Afetivos	130
competência mental	x	x	x	aptidão mental; inteligência; mente.	IE como Aptidão Mental	149
consciência	x	x	x	mente; personalidade.	IE como Personalidade	144
contentamento	x	x	felicidade	X	Estados Afetivos	130
critério de correção	x	critério de consenso; critério de especialista; critério de sujeito.		resposta certa; validade de critério	Psicometria	156
culpa	x	x	x	emoção complexa	Estados Afetivos	130
dados neurobiológicos	x	x	x	X	Neuropsicologia	170
derrame emocional	x	x	x	X	Neuropsicologia	170
elemento da mente	x	x	x	mente; personalidade.	IE como Personalidade	144
elemento da personalidade	x	atributo da personalidade	x	humor; personalidade; traço.	IE como Personalidade	145
emoção	x	x	x	humor; sentimento.	Psicologia e Emoções	115
emoção primária	x	emoção básica	x	emoção; emoção secundária.	Psicologia e Emoções	116
emoção complexa	x	emoção secundária	x	emoção; emoção primária.	Psicologia e Emoções	117
emotional competence inventory	ECI	x	x	CPI; EQ-i; EQ-map; Inteligência emocional	Psicometria	156
emotional intelligence scale for children	EISC	x	x	X	Psicometria	157
empatia	x	x	x	X	Psicologia e Emoções	117
entendimento emocional	x	entender as emoções	x	administração e.; facilitação e.; inteligência; percepção e.; personalidade; quociente e.; zeitgeist.	IE como Aptidão Mental	149
EQ-i	x	x	x	CPI; IE; QE.	Psicometria	158
EQ-map	x	x	x	CPI; EQ-i; Inteligência emocional	Psicometria	158

TERMO	SIGLA	Var. ou Fras.	Sin.	Cf.	LOCALIZAÇÃO	Pág.
escala	x	x	teste; inventário de personalidade.	X	Psicometria	159
escala de aptidão	x	medida de aptidão	medida de desempenho	MEIS; MSCEIT.	Psicometria	159
estado de espírito	x	x	humor	X	Psicologia e Emoções	117
estoicismo	x	x	x	X	IE como Zeitgeist	139
estresse	x	x	x	X	Estados Afetivos	131
expectativa	x	x	x	Surpresa	Estados Afetivos	131
explosão de sentimento	x	x	x	fuga dos rigores do intelecto; levante e.; rebelião e.	IE como Zeitgeist	140
facilitação emocional	x	facilitação emocional do pensamento.	x	administração e.; entendimento e.; inteligência e.; percepção e..	IE como Aptidão Mental	149
felicidade	x	x	contentamento; júbilo.	alegria	Estados Afetivos	131
força do ego	x	x	x	X	Ideias Afins	175
frustração	x	x	x	Raiva	Estados Afetivos	132
fuga dos rigores do intelecto	x	x	x	explosão de sentimentos; levante e.; rebelião e.	IE como Zeitgeist	140
hipocampo	x	x	x	amígdala cortical	Neuropsicologia	171
homem com alto grau de ie	x	x	x	inteligência emocional; mulher emocionalmente inteligente; pessoa com alta ie; qe.	IE como Zeitgeist	140
humor	x	x	estado de espírito	Temperamento	Psicologia e Emoções	118
inflação hedônica	x	x	x	X	Psicologia e Emoções	118
infusão afetiva	x	x	x	afeto-como-informação; facilitação do pensamento.	Neuropsicologia	171
informante	x	avaliação por informante	observador	X	Psicometria	160
inteligência	x	x	x	quociente de inteligência	Psicologia e Emoções	119

TERMO	SIGLA	Var. ou Fras.	Sin.	Cf.	LOCALIZAÇÃO	Pág.
inteligência emocional ¹	x	x	x	zeitgeist.	Psicologia e Emoções	119
inteligência emocional ²	x	x	x	Personalidade	Psicologia e Emoções	120
inteligência emocional ³	x	x	x	EQ-i; QE	Psicologia e Emoções	120
inteligência emocional ⁴	x	x	x	administração e.; aptidão e.; entendimento e.; facilitação e.; MSCEIT; percepção e.	Psicologia e Emoções	121
inteligência intrapessoal	x	x	x	X	Ideias Afins	175
inteligência social	x	x	x	X	Ideias Afins	176
inventário de personalidade	x	x	escala	X	Psicometria	160
irritação	x	x	raiva	X	Estados Afetivos	132
levante emocional	x	x	x	explosão de s.; fuga dos rigores do intelecto; rebelião e.	IE como Zeitgeist	141
lição emocional	x	lição elementar	x	amígdala cortical	Neuropsicologia	171
mágoa	x	x	x	X	Estados Afetivos	133
mapa mental	x	mapa	x	X	IE como Personalidade	145
Mayer, Salovey, Caruso emotional intelligence test	MSCEIT	x	x	inteligência emocional; MEIS.	Psicometria	161
medida de desempenho	x	x	escala de aptidão; escala psicométrica.	MEIS; MSCEIT.	Psicometria	161
medo	x	x	receio; temor.	emoção primária	Estados Afetivos	133
memória emocional	x	x	x	X	Neuropsicologia	172
melancolia	x	x	x	Tristeza	Estados Afetivos	134
mente	x	x	x	elementos da mente; personalidade.	IE como Personalidade	146
meta experiência de humor	x	x	x	humor	Psicologia e Emoções	122
modelo	x	Fras: modelo do eu; modelos do mundo; modelos do eu no mundo.	X	X	IE como Personalidade	146
motivação	x	x	x	mente; personalidade.	Psicologia e Emoções	122
mulher emocionalmente inteligente	x	x	x	homem com alto grau de ie; ie; pessoa com alta ie; qe.	IE como Zeitgeist	141
multifactor emotional intelligence scale	MEIS	x	x	inteligência emocional; MSCEIT	Psicometria	162

TERMO	SIGLA	Var. ou Fras.	Sin.	Cf.	LOCALIZAÇÃO	Pág.
neocórtex	x	x	Cérebro pensante	X	Neuropsicologia	173
neurociência	x	x	x	X	Neuropsicologia	173
observador	x	x	informante	X	Psicometria	162
ódio	x	x	aversão; raiva; rancor	X	Estados Afetivos	134
paixão	x	x	x	X	Estados Afetivos	135
pensador construtivo	x	x	x	X	Ideias Afins	176
pensamento abstrato	x	raciocínio abstrato	x	aptidão mental	Psicologia e Emoções	123
percepção emocional	x	x	x	inteligência e.; administração e.; entendimento e.; facilitação e.	IE como Aptidão Mental	151
personalidade	x	x	x	consciência; cognição; emoção; elementos da mente; mente; motivação.	IE como Personalidade	147
personalidade forte	x	x	x	X	Ideias Afins	176
peessoa com alta inteligência emocional	x	peessoa com prática e. desenvolvida; peessoa inteligente e.; indivíduo emoc. inteligente .	x	homem com alto grau de ie; IE; mulher emocionalmente inteligente; quociente emocional.	IE como Zeitgeist	141
plasticidade	x	plástico	x	X	IE como Aptidão Mental	151
psicologia da personalidade	x	x	x	Personalidade	IE como Personalidade	147
psicometria	x	x	avaliação psicológica	X	Psicometria	163
questionário de avaliação psicológica	QUATI	x	x	X	Psicometria	163
questionário dos dezesesseis fatores de personalidade	16PF	x	x	X	Psicometria	163
quociente emocional	QE	x	x	inteligência emocional	Psicologia e Emoções	123
quociente de inteligência	QI	x	x	X	Psicologia e Emoções	124
racional	x	x	x	X	IE como Zeitgeist	142
raiva	x	x	irritação	emoção primária; frustração; rancor.	Estados Afetivos	135
reação emocional	x	x	x	X	Neuropsicologia	173
rebelião emocional	x	x	x	explosão de s.; fuga dos rigores do intelecto; levante e.	IE como Zeitgeist	142

TERMO	SIGLA	Var. ou Frases	Sin.	Cf.	LOCALIZAÇÃO	Pág.
receio	x	x	medo	X	Estados Afetivos	136
remorso	x	x	x	aversão; emoção primária; emoção complexa; tristeza.	Estados Afetivos	136
repertório emocional	x	x	x	X	Psicologia e Emoções	124
repugnância	x	x	antipatia; aversão.	emoção primária	Estados Afetivos	136
resposta certa	x	x	x	critério de correção	Psicometria	164
sentimento	x	x	x	X	Psicologia e Emoções	125
sentinela emocional	x	x	x	amígdala cortical	Neuropsicologia	174
sequestro neural	x	sequestro	x	X	Neuropsicologia	174
sociedade emocionalmente inteligente	x	x	x	X	IE como Zeitgeist	143
supresa	x	x	x	Expectativa	Estados Afetivos	137
susto	x	x	x	emoção primária; emoção complexa; medo; surpresa.	Estados Afetivos	137
temor	x	x	medo	X	Estados Afetivos	137
temperamento	x	x	X	Humor	Psicologia e Emoções	125
teoria de cattell-horn-carroll das habilidades cognitivas	CHC	x	x	X	Psicometria	165
teste	x	x	x	Escala	Psicometria	165
traço	x	x	elemento da personalidade.	Personalidade; temperamento; humor.	IE como Personalidade	147
tristeza	x	x	x	alegria; emoção primária; melancolia.	Estados Afetivos	138
validade de critério	x	validação de critério	x	critério de correção	Psicometria	166
validade do teste	x	validade do conteúdo	x	validade incremental	Psicometria	166
validade incremental	x	x	x	validade do teste	Psicometria	167
vergonha	x	x	x	aversão; emoção primária; emoção complexa; medo.	Estados Afetivos	138
virtude	x	x	x	Inteligência	IE como Aptidão Mental	152
zeitgeist	x	x	x	inteligência emocional	IE como Zeitgeist	143

4 Índice dos termos por seções

1) PSICOLOGIA E EMOÇÕES		PÁG.
caráter		115
emoção		115
emoção primária		116
emoção complexa		117
empatia		117
estado de espírito		117
humor		118
inflação hedônica		118
inteligência		119
inteligência emocional ¹		119
inteligência emocional ²		120
inteligência emocional ³		120
inteligência emocional ⁴		121
meta experiência de humor		122
motivação		122
pensamento abstrato		122
quociente emocional		123
quociente de inteligência		124
repertório emocional		124
sentimento		125
temperamento		125
2) ESTADOS AFETIVOS		PÁG.
aceitação		126
afeição		126
afeto		126
afeto-como-informação		127
afinidade		127
alegria		128
amor		128
antipatia		128

ansiedade	129
aversão	129
cólera	130
contentamento	130
culpa	130
estresse	131
expectativa	131
felicidade	131
frustração	132
irritação	132
mágoa	133
medo	133
melancolia	134
ódio	134
paixão	135
raiva	135
receio	135
remorso	136
repugnância	136
surpresa	136
susto	137
temor	137
tristeza	138
vergonha	138

3) INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO <i>ZEITGEIST</i>	PÁG.
aprendizagem emocional	139
estoicismo	139
explosão de sentimento	140
fuga dos rigores do intelecto	140
homem com alto grau de IE	140
levante emocional	141
mulher emocionalmente inteligente	141
pessoa com alta inteligência emocional	141

racional	142
rebelião emocional	142
sociedade emocionalmente inteligente	143
<i>zeitgeist</i>	143

4) INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO PERSONALIDADE PÁG.

cognição	144
consciência	144
elemento da mente	144
elemento da personalidade	145
mapa mental	145
mente	146
modelo	146
personalidade	147
psicologia da personalidade	147
traço	147

5) INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO APTIDÃO MENTAL PÁG.

administração das emoções	148
aptidão	148
aptidão emocional	149
competência mental	149
entendimento emocional	149
facilitação emocional	150
percepção emocional	151
plasticidade	151
virtude	151

6) PSICOMETRIA E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL PÁG.

análise fatorial	153
autoavaliação	153
autorrelato	154
avaliação psicológica	154
bateria de provas de raciocínio (BPR5)	155

califórnia Psychological Inventory (CPI)	155
critério de correção	156
emotional competence inventory (ECI)	156
emotional intelligence scale for children (EISC)	157
EQ-i	158
EQ-map	158
escala	159
escala de aptidão	159
informante	160
inventário de personalidade	160
Mayer, Salovey, Caruso emotional intelligence test (MSCEIT)	161
medida de desempenho	161
multifactor emotional intelligence scale (MEIS)	162
observador	162
psicometria	163
questionário de avaliação psicológica	163
questionário dos dezesseis fatores de personalidade	163
resposta certa	164
teoria de <i>cattell-horn-carroll</i> das habilidades cognitivas (CHC)	165
teste	165
validade de critério	166
validade do teste	166
validade incremental	167

7) NEUROPSICOLOGIA E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

	PÁG.
amígdala cortical	168
cérebro	169
cérebro-raíz	169
cérebro pensante	170
dados neurobiológicos	170
derrame emocional	170
hipocampo	171
infusão afetiva	171
lição emocional	171

memória emocional	172
neocórtex	173
neurociência	173
reação emocional	173
sentinela emocional	174
sequestro neural	174

8) IDEIAS AFINS À INTELIGÊNCIA EMOCIONAL	PÁG.
alexitimia	175
força do ego	175
inteligência intrapessoal	175
inteligência social	176
pensador construtivo	176
personalidade forte	176

4.1 Repertório dos termos relacionados à psicologia e emoções

caráter sm

Conjunto de traços psicológicos e/ou morais que caracterizam um indivíduo.

[...] existe uma palavra antiga para o conjunto de aptidões que a inteligência emocional representa: <caráter> (GOLEMAN (2001) Apud MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 88).

[...] a inteligência acadêmica não oferece praticamente nenhum preparo para o torvelinho – ou para a oportunidade – que ocorre na vida. Apesar de um alto QI não há nenhuma garantia de prosperidade, prestígio ou felicidade na vida, nossas escolas e nossa cultura privilegiam a aptidão no nível acadêmico, ignorando a “inteligência emocional”, um conjunto de traços – alguns chamariam de <caráter> – que também exerce um papel importante em nosso destino pessoal (GOLEMAN, 2001, p. 48).

Cf. traço

emoção sf

Sistema de resposta organizado, que funciona como força motriz, coordenando mudanças psicológicas, perceptuais e experimentais, transformando-as em experiências coerentes de sentimentos e humores, como felicidade, raiva, tristeza e surpresa.

O sistema de <emoção> envolve experiências internas que surgem em resposta a modelos de relacionamentos externos. Se uma pessoa acredita que outra pessoa que lhe é significativa a ama, isso a deixará feliz. Se ela acredita que foi maltratada, ela ficará brava, e assim por diante (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 85).

Cada tipo de <emoção> que vivemos nos predispõe para uma ação imediata; cada uma sinaliza para uma direção que, nos recorrentes desafios enfrentados pelo ser humano ao longo da vida, provou ser a mais acertada (GOLEMAN, 2001, p. 18).

As <emoções> consistem em um pacote organizado de respostas de vários subsistemas do organismo. No nível cognitivo as <emoções> alteram o foco da atenção para aspectos mais importantes e ativam lembranças relevantes nas redes

neurais da memória de longo prazo. No nível fisiológico as <emoções> preparam o organismo criando um meio ótimo para uma resposta efetiva e condizente com a demanda ambiental. Esta preparação envolve a organização da expressão facial, tonalidade da voz, tônus muscular, do sistema nervoso autônomo e do sistema endócrino. No nível comportamental as <emoções> produzem comportamentos expressivos veiculando informações às outras pessoas e também impulsionam comportamentos instrumentais (PRIMI, 2003, p. 72).

Nota São vastos os enfoques e as teorias sobre as emoções.

Cf. humor, sentimento

emoção primária sf

Var. emoção básica

Emoção inata, única e indivisível, que surge de mecanismos biológicos diferentes dos sensoriais, mnemômicos, motor e cognitivo em geral. São alicerçadas em estados de prazer (alegria, surpresa) e desprazer (aversão, medo, raiva, tristeza).

A compreensão e análise das emoções [...] diz respeito ao conhecimento sobre as emoções, desde seus aspectos básicos, tais como, discriminação e nomeação das <emoções primárias>, por exemplo, raiva, medo, alegria, aversão, antecipação até as nuances mais complexas tais como combinações/misturas de emoções, transições/mudanças de emoções e associações delas com os eventos sociais-relacionais que as provocam (NORONHA; PRIMI; FREITAS; DANTAS, 2007, p. 416).

Nota Embora haja consenso entre os especialistas sobre a existência das emoções básicas, ainda há desacordo sobre quais são elas, fundamentalmente pela ausência de uma distinção precisa sobre o que sejam *proto-emoções* (estados que constituem o arcabouço genético da vida emocional, base dos processos emocionais, como o prazer e o desprazer), emoções primárias, emoções complexas, tendências para a ação ou desejo. De acordo com alguns pesquisadores, as emoções primárias são: alegria, aversão, medo, raiva e surpresa (Paul Ekman; emoções demonstradas em expressões faciais universais); amor, medo e raiva (Watson; formas de reações inscritas inatamente no aparato biológico); amor, ira, medo, pesar/luto (Willian James; emoções

com envolvimento corporal); alegria, desprezo, interesse, medo, nojo/repugnância/aflição/incômodo, perturbação, raiva, surpresa e vergonha (Tomkins; emoções que ativam mecanismos psicofisiológicos inatos através da “densidade” da descarga neural).

Cf. emoção, emoção secundária

emoção complexa sf

Var. emoção secundária

Emoção que surge a partir da associação de emoções básicas.

[...] o conhecimento emocional [...] está ligado ao vocabulário conceitual sobre as emoções, à identificação de diferenças e nuances entre as emoções, e ao entendimento de <emoções complexas> que são compostas de emoções básicas. Segundo Plutchik (1997), as emoções primárias são: tristeza-alegria, surpresa-expectativa, aversão-aceitação, medo-raiva. <Emoções secundárias> são constituídas por combinações dessas emoções primárias. Por exemplo: culpa = medo + alegria; susto = medo e surpresa; remorso = tristeza + aversão; vergonha = medo + aversão (PRIMI, 2003, p. 75).

Cf. emoção, emoção primária

empatia sf

Processo de identificação em que o indivíduo se coloca no lugar do outro, buscando compreender profundamente seus sentimentos, emoções, desejos e comportamentos.

[...] aqueles com falta de <empatia> frequentemente acabavam como carcereiros e torturadores (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 84).

estado de espírito sf

Estado afetivo durável que depende da constituição psicofisiológica do organismo como um todo, constituindo o pano de fundo sobre o qual diferentes conteúdos

psíquicos tomam uma tonalidade afetiva, por ex., de irritabilidade, impassibilidade, tristeza, etc., que ultrapassa sua ação imediata.

[...] a coordenação de <estados de espírito> é a essência da relação, a versão adulta da sintonia que a mãe tem com seu bebê (GOLEMAN, 2001, p. 130).

Quando os sentimentos persistem durante horas, em geral são como <estados de espírito>, uma forma contida. Os <estados de espírito> estabelecem um tom afetivo, mas não são tão fortes modeladores do modo como percebemos e agimos quanto o alto calor da plena emoção (GOLEMAN, 2001, p. 304).

Ver humor

humor sm

Estado afetivo durável que depende da constituição psicofisiológica do organismo como um todo, constituindo o pano de fundo sobre o qual diferentes conteúdos psíquicos tomam uma tonalidade afetiva, por ex., de irritabilidade, impassibilidade, tristeza, etc., que ultrapassa sua ação imediata.

[...] somente tendo uma boa percepção emocional o indivíduo pode fazer uso de alterações de <humor> e entender as emoções. [...] o indivíduo emocionalmente inteligente deve lidar regularmente com estados de instabilidade de <humor>, e isso exige um entendimento considerável de <humor> (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 94).

Sin. estado de espírito

Cf. temperamento

inflação hedônica sf

Estado emocional intenso e temporário provocado pelo uso de drogas.

[...] por meio das drogas as pessoas ganham um poder de regular diretamente os afetos por um determinado tempo. Disto resulta o que Gohm e Clores (2002) chamam de <inflação hedônica>. Isto é, as emoções provocadas pelas drogas são muito mais intensas que aquelas produzidas pelas experiências naturais. As emoções positivas produzidas em situações naturais perdem seu valor (inflação) e a pessoa fica

obcecada buscando os afetos produzidos pelas drogas. Gradualmente este poder vai sendo reduzido levando a pessoa a consumir mais drogas que por sua vez produzem mais inflação e danos à saúde perpetuando um ciclo de autodestruição e um colapso na economia afetiva (PRIMI, 2003, p. 75).

inteligência sf

Var. sistema de inteligência

Conjunto das funções psíquicas e psicofisiológicas que facultam conhecer, compreender e aprender a natureza das coisas e os significados dos fatos, aplicadas à resolução de problemas.

[...] A <inteligência> possui muitas definições diferentes, mas as centrais sempre colocam a ênfase primária no raciocínio abstrato e podem, secundariamente, referir-se à adaptação. Terman (1921, p. 128) afirmou que “um indivíduo é inteligente em proporção àquilo que ele é capaz de realizar no pensamento abstrato” (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 239).

[...] a <inteligência> envolve a resolução cognitiva de problemas (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 86).

As teorias da inteligência variam, mas existe um crescente consenso a respeito dos elementos centrais do <sistema de inteligência>. Esse sistema consiste em uma capacidade de identificar ou de inserir informações e uma capacidade de processar informações pela manipulação imediata de símbolos e da referência ao conhecimento especializado (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 92).

Cf. quociente de inteligência

inteligência emocional¹ sf

Parte da personalidade em que o intelecto atua nas emoções resultando em respostas emocionais mais desenvolvidas, dando ao indivíduo maiores chances de sucesso.

[...] Goleman compara a <inteligência emocional> com a inteligência comum, afirmando que ela pode ser tão poderosa e, às vezes, mais poderosa do que o QI [...] (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 84).

[...] o espírito cultural da <“inteligência emocional”> – seu valor como zeitgeist – era igualitário, pois qualquer um poderia aprendê-la (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 84).

Cf. zeitgeist

inteligência emocional² sf

Parte da personalidade que emprega mecanismos cognitivos e emocionais para processar aspectos emocionais do Eu, do mundo, e do Eu no mundo.

Uma forma de entender a <inteligência emocional> [...] é como uma capacidade geral (semelhante à inteligência verbal) (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 86).

[...] a <inteligência emocional> é composta de cinco partes: conhecer emoções, administrar emoções, motivar a si mesmo, reconhecer emoções nos outros e manejar relacionamentos [...] (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 88).

Nota Mayer, Salovey e Caruso (2002) explicam o modo como Daniel Goleman caracterizou a Inteligência Emocional, abrangendo aspectos de quase toda a personalidade. Estão inclusos traços baseados na motivação (motivar a si mesmo), como a emoção (reconhecer a emoção no outro) e características de áreas amplas do comportamento (manejar relacionamentos). Esta abordagem é diferente da formulada por estes pesquisadores, que consideram a IE uma aptidão mental, subdividida em quatro variáveis.

Cf. personalidade

inteligência emocional³ sf

Gama de aptidões, competências e habilidades não cognitivas que influenciam a capacidade do indivíduo de lidar com as demandas e pressões do ambiente.

Uma outra definição, de Bar-On (1997, p.14) caracteriza a <inteligência emocional> como uma “gama de aptidões, competências e habilidades não-cognitivas que influenciam a capacidade do indivíduo de lidar com as demandas e pressões do ambiente. Ele interpreta os resultados de uma escala de auto-avaliação de

<inteligência emocional> que desenvolveu, O EQ-i, como indicativos de que ela pode ser dividida em cinco características amplas (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 88).

Nota Assim como Daniel Goleman, Reuven Bar-On sinaliza para a Inteligência Emocional aspectos amplos da personalidade. Ele sugere que a IE seja dividida em 5 quocientes emocionais: intrapessoal, interpessoal, de adaptabilidade, de administração do estresse e de humor geral. Nota-se que alguns atributos desse modelo, como o teste de realidade, administração do estresse e controle dos impulsos, parecem ir além do que geralmente é considerado emoção ou inteligência.

Cf. EQ-i, personalidade, quociente emocional

inteligência emocional⁴ sf

Porção de inteligência específica que opera por meio dos sistemas cognitivo e emocional, aplicando aptidões, habilidades ou capacidades mentais para processar emoções e delas se beneficiar.

O trabalho central que temos desenvolvido durante os últimos 10 anos é conceitualizar as capacidades que perfazem a <inteligência emocional> para criar métodos para medir tais capacidades e para determinar se a <inteligência emocional> pode ser qualificada como uma inteligência-padrão (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 90).

Nosso modelo considera que a <inteligência emocional> opera por meio dos sistemas cognitivo e emocional. Ela opera de um modo principalmente unitário, mas ainda é subdividida em quatro (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 92).

[...] o constructo de <inteligência emocional> parece ser um tipo específico de inteligência, que antes não havia sido demonstrado, sendo independente de medidas de personalidade e relativamente associado a medidas tradicionais de inteligência podendo ainda ser útil na previsão do desempenho profissional. (COBÊRO; PRIMI; MUNIZ, 2006, p. 346).

Nota De acordo com a Teoria da Inteligência Emocional como Aptidão mental proposta por Mayer, Salovey e Caruso, a inteligência emocional subdivide-se em quatro etapas: 1) *Percepção emocional*, como a capacidade de identificar emoções em rostos, músicas e

histórias. 2) *Facilitação emocional do pensamento*, abrangendo aptidões como a de relacionar emoções com outras sensações mentais, como o paladar e a cor, e ainda utilizar a emoção no raciocínio. 3) *Entendimento emocional*, envolvendo a resolução de problemas emocionais, distinguindo emoções semelhantes ou opostas, e o que elas transmitem. Nesta etapa, o pensamento é utilizado para processar as emoções. 4) *Administração das emoções*, as próprias e as do outro. Esta abordagem é confirmada por pesquisadores brasileiros.

Cf. administração emocional, aptidão mental, entendimento emocional, facilitação emocional, MSCEIT, percepção emocional

meta experiência do humor sf

Processo de monitoramento, avaliação e utilização do conhecimento dos próprios humores para mantê-los ou modificá-los conforme as necessidades.

[...] O conhecimento sobre as situações que desencadeiam humores agradáveis e desagradáveis nos permite escolher com maior precisão as situações prazerosas e a evitar e/ou abreviar as situações desprazerosas. Com isso conseguimos de forma indireta regular nossos próprios humores. Isto é chamado <meta experiência do humor> (PRIMI, 2003, p. 75).

Cf. humor

motivação sf

Conjunto de processos psíquicos que dão intensidade, direção e forma ao comportamento individual.

A <motivação> básica é introspectiva e está relacionada com necessidades evolutivas básicas [...] como comida e água [...] segurança e apego básico. O sistema de <motivação> traduz essas necessidades sob a forma de desejos de comer, beber, vincular-se com o outro e, às vezes, de atacá-lo ou escapar dele [...] (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 85).

Cf. mente, personalidade

pensamento abstrato sm**Var. raciocínio abstrato**

Conjunto das atividades psíquicas que resultam em representações mentais (ideias) racionalizadas e refletidas de uma pessoa acerca de conceitos não concretos, não sensíveis que surge do ato de pensar.

Aptidões mentais podem ser distinguidas de outros tipos de aptidões por envolverem o <pensamento abstrato> e a resolução de problemas mentais (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 91).

[..] A inteligência possui muitas definições diferentes, mas as centrais sempre colocam a ênfase primária no <raciocínio abstrato> e podem, secundariamente, referir-se à adaptação. Terman (1921, p. 128) afirmou que “um indivíduo é inteligente em proporção àquilo que ele é capaz de realizar no <pensamento abstrato>” (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 239).

Cf. aptidão mental**quociente emocional** sm**Sigla QE**

Proporção de medida que se estabelece em um indivíduo sobre a sua capacidade de utilização das faculdades intelectuais na mediação das emoções, em comparação a outros indivíduos e a média para a sua idade.

A inteligência emocional e o <QE> foram consideradas as palavras ou expressões novas mais úteis de 1995 pelo American Dialect Society (1995, 1999; Brodie, 1996) (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 81).

Nota Há vários testes psicométricos que mensuram características específicas do QE, por exemplo o QE interpessoal, intrapessoal, de adaptabilidade, de administração de estresse, de humor geral (segundo o teste EQ-i, de Bar-On), ou autopercepção emocional, percepção emocional dos outros, conexões interpessoais e coisas do gênero, como resiliência, criatividade, compaixão e intuição (de acordo com o EQ Map, de Cooper).

Cf. inteligência emocional

quociente de inteligência sm

Sigla **QI**

Proporção de medida entre a inteligência de um indivíduo e a inteligência normal ou média para a sua idade.

[...] aqueles que são adeptos de uma visão estreita de inteligência [...] entendem que o <QI> é um dado genético impossível de ser alterado pela experiência da vida, e que nosso destino é em grande parte determinado pela aptidão intelectual recebida geneticamente (GOLEMAN, 2001, p. 12).

O tipo de alto <QI> puro (isto é, onde não é considerada a inteligência emocional) é quase uma caricatura do intelectual, capaz no domínio da mente, mas inepto no mundo pessoal. [...]. O homem de alto <QI> é tipificado – o que não surpreende – por uma gama de interesses e capacidades. É ambicioso e produtivo, previsível e obstinado, e desprovido de preocupação sobre si mesmo. É também inclinado a ser crítico e condescendente, fastidioso e inibido, pouco à vontade do ponto de vista sexual e sensual, inexpressivo e desligado, e emocionalmente frio. Mulheres de alto <QI> puro têm a esperada confiança intelectual e são fluentes ao expressarem suas idéias, valorizam questões intelectuais e têm uma ampla variedade de interesses intelectuais e estéticos. Também tendem a ser introspectivas, chegadas à ansiedade, à ruminação e à culpa, e hesitam em exprimir sua raiva abertamente (embora o façam de maneira indireta) (GOLEMAN, 2001, p. 57).

Nota Entre as diversas maneiras de calcular o QI, a mais comum é a idade mental dividida pela idade cronológica. Considera-se, de ordinário, que a debilidade mental começa com o índice abaixo de 70; e a inteligência superior, acima de 130.

repertório emocional sm

Conjunto de emoções que se repetem ao longo da vida de cada ser humano, como inclinações inatas.

[...] a importância do <repertório emocional> utilizado para garantir a sobrevivência da nossa espécie foi atestada pelo fato de esse repertório ter ficado gravado no sistema nervoso humano como inclinações inatas e automáticas do coração (GOLEMAN, 2001, p. 18).

Nota Não é consenso entre os especialistas a caracterização das emoções como um atributo do coração, conforme afirmado por Goleman.

sentimento sm

Disposição emocional complexa da pessoa que surge a partir do processamento cognitivo das emoções, como uma emoção racionalizada.

As emoções são organizações complexas dos aspectos fisiológico, emocional-experimental, cognitivo e consciente da vida mental. As emoções entram no sistema cognitivo como <sentimentos> percebidos, como ocorre quando alguém pensa “estou triste”, e como cognições alteradas, como quando alguém pensa “não sirvo para nada” (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 93).

temperamento sm

Conjunto de traços psicológicos e morais que determinam a índole de um indivíduo.

Nossa herança genética nos dota a cada um de uma série de pontos-chave que determinam nosso <temperamento>. Mas os circuitos cerebrais envolvidos são extraordinariamente maleáveis; <temperamento> não é destino (GOLEMAN, 2001, p. 13)

Cf humor

4.2 Repertório dos termos relacionados a estados afetivos

aceitação sf

Estado afetivo de acolher, receber ou estar aberto a alguém ou alguma coisa.

A empatia, como vimos, leva ao envolvimento, ao altruísmo e à piedade. Ver as coisas da perspectiva dos outros estereótipos tendenciosos e, assim, gera a tolerância e a <aceitação> das diferenças (GOLEMAN, 2001, p. 300).

Cf. aversão

afeição sf

Sentimento amoroso em relação a alguém ou alguma coisa que estabelece ligação afetiva.

Espécies que não têm neocórtex, como os répteis, carecem de <afeição> materna; quando saem do ovo, os recém-nascidos têm de esconder-se, para evitar serem canibalizados (GOLEMAN, 2001, p. 26).

Digamos que um bebê de dois meses acorda às três da manhã e se põe a chorar. A mãe entra e, na meia hora seguinte, o bebê mama satisfeito nos braços dela, que o olha com <afeição>, dizendo-lhe que está feliz por vê-lo, mesmo no meio da noite. O bebê, contente com o amor da mãe, volta a dormir (GOLEMAN, 2001, p. 26)

Cf. amor

afeto sm

Fras. afeto negativo, afeto positivo

Estado provocado por estímulos externos ou por representações mentais, acompanhados de certo grau de tensão e composto por sentimentos particulares.

[...] os <afetos positivos> geralmente favorecem a atenção aos estímulos externos. Eles facilitam a predominância de pensamentos e disposições internas e a assimilação dos eventos externos a esses conhecimentos preexistentes. O <afeto negativo>, ao contrário, favorece a acomodação da atenção aos estímulos externos. Isto ocorre

porque os <afetos negativos> fazem parte de um sistema de alarme que indica perigo potencial no ambiente externo que merece ser focalizado (PRIMI, 2003, p. 77).

Os <afetos negativos>, não muito intensos, contribuem para uma visão precisa da realidade. Alguns fatos corroboram isso. Por exemplo, em mensagens persuasivas de pessoas em estado de humor mais positivo parecem ser mais influenciadas por detalhes superficiais do comunicador como aparência física e status. Já pessoas em estados mais negativos de humor tendem a examinar as informações com mais cuidado procurando ver sua qualidade. As pessoas pessimistas são também geralmente mais realistas (PRIMI, 2003, p. 77).

Cf. afeto-como-informação, humor

afeto-como-informação sm

Estado provocado por estímulos externos ou por representações mentais, acompanhados de certo grau de tensão e composto por sentimentos particulares, tanto positivos como negativos, que são utilizados como informação para o processo adaptativo do ser humano.

[...] uma idéia importante observada por Gohm e Clore (2002) é a concepção de <afeto-como-informação>. Nosso cérebro está continuamente engajado na avaliação do ambiente. [...] as emoções trazem informações potencialmente úteis sobre nosso ambiente (interno e externo) que podemos usar para nos adaptar mais ou menos efetivamente a ele. Esta é a idéia de <afeto-como-informação> (PRIMI, 2003, p. 73).

afinidade sf

Semelhança de gostos e sentimentos partilhados por pessoas ou grupos, originados de interesses comuns.

*Alguns teóricos propõem famílias básicas (de emoções), embora nem todos concordem com elas. Principais candidatas e alguns dos membros de suas famílias: [...] * Amor: aceitação, amizade, confiança, <afinidade>, dedicação, adoração, paixão, ágape (GOLEMAN, 2001, p. 304).*

Cf. amor

alegria sf

Estado afetivo primário de viva satisfação e prazer.

Quando uma piada parece a alguém tão hilariante que a risada é quase explosiva, também isso é uma resposta límbica. Funciona igualmente em momentos de intensa <alegria> (GOLEMAN, 2001, p. 28).

Cf. emoção primária, felicidade, tristeza**amor sm**

Estado afetivo primário com forte implicação de afinidade, afeição, empatia e ternura, baseado em admiração, benevolência ou interesses comuns, que pode ou não ter conotação sexual.

[...] incidentes de sacrifício paterno pela prole se repetiram inúmeras vezes na história [...]. Visto da perspectiva dos biólogos evolucionistas, esse auto-sacrifício paterno está a serviço do "sucesso reprodutivo" na transmissão dos genes a futuras gerações. Mas da perspectiva de um pai que toma uma decisão desesperada, num momento de crise, nada mais é do que <amor>. [...] esse ato exemplar de heroísmo paterno atesta o papel do <amor> altruísta e de todas as outras emoções que sentimos na vida humana. [...] só um <amor> poderoso, a urgência de salvar uma filha querida levaria um pai a vencer o impulso de sobrevivência pessoal (GOLEMAN, 2001, p. 17).

[...] Vejam o <amor>. As estruturas límbicas geram sentimentos de prazer e desejo sexual, emoções que alimentam a paixão sexual. [...] a adição do neocórtex e suas ligações ao sistema límbico criaram a ligação mãe-filho que é à base da unidade familiar e o compromisso, em longo prazo, com a criação dos filhos, que torna possível o desenvolvimento humano (GOLEMAN, 2001, p. 26).

Cf. afeição, afinidade, emoção primária, ternura.**antipatia sf**

Estado afetivo de aversão espontânea, repulsa irracional e gratuita por alguém ou algo.

[...] a dor do outro é nossa. Sentir com o outro é envolver-se. Neste sentido, o oposto de empatia é <antipatia> (GOLEMAN, 2001, p. 118).

Uma pessoa adulta que, durante a infância, sofreu castigos dolorosos e por isso aprendeu a sentir muito medo e <antipatia> diante de uma cara raivosa, terá sensações similares ao ver uma cara raivosa que, efetivamente, não constitua uma ameaça (GOLEMAN, 2001, p. 309).

Cf. empatia, repugnância

ansiedade sf

Estado afetivo penoso de aflição, caracterizado pela expectativa de algum perigo que se revela indeterminado e impreciso, diante do qual o indivíduo se julga indefeso, e causador de um grande mal-estar físico e psíquico.

A <ansiedade> – um problema causado pelas pressões da vida – é talvez a emoção com maior correlação científica ligando-a ao começo de uma doença e ao curso da recuperação. Quando a <ansiedade> serve para que nos preparemos para lidar com algum perigo (uma suposta utilidade na evolução humana), está nos prestando um bom serviço. Mas na vida moderna a <ansiedade> é na maioria das vezes, fora de propósito e dirigida para o alvo errado [...]. Repetidos ataques de <ansiedade> indicam altos níveis de estresse. A mulher cuja preocupação constante lhe causa problemas gastrointestinais é um exemplo didático de como a <ansiedade> e o estresse exacerbam problemas clínicos (GOLEMAN, 2001, p. 187).

aversão sf

Estado afetivo de repugnância ou resistência em relação à pessoa, coisa ou fato.

As esposas, em geral, são mais francas sobre suas queixas que os maridos, sobretudo em casais infelizes. Basta combinar a visão cor-de-rosa que os homens têm do casamento com sua <aversão> a confrontos emocionais, para que entendamos por que as mulheres tantas vezes se queixam de que os maridos tentam se esquivar da discussão sobre coisas perturbadoras no relacionamento (GOLEMAN, 2001, p. 147).

Cf. aceitação, antipatia, emoção primária, raiva

cólera sf

Estado afetivo de intensa raiva, ira ou agastamento.

[...] imaginem as consequência para um grupo de trabalho quando alguém não pode deixar de explodir em <cólera> ou não tem sensibilidade para o que sentem as pessoas à sua volta. Todos os efeitos deletérios de perturbação do pensamento [...] também atuam no local de trabalho: quando emocionalmente perturbadas, as pessoas não se lembram, não acompanham, não aprendem nem tomam decisões com clareza. Como disse um consultor administrativo: - A tensão torna as pessoas idiotas (GOLEMAN, 2001, p. 163).

Cf. raiva**contentamento** sm

Estado afetivo de contente ou de plena satisfação.

*Alguns teóricos propõem famílias básicas, embora nem todos concordem com elas. Principais candidatas e alguns dos membros de suas famílias: * Prazer: felicidade, alegria, alívio, <contentamento>, deleite, diversão, orgulho, prazer sensual, emoção, arrebatamento, gratificação, satisfação, bom humor, euforia, êxtase e no extremo, mania (GOLEMAN, 2001, p. 303).*

Ver felicidade**culpa** sf

Sentimento penoso de ter descumprido uma norma social ou um compromisso afetivo, moral ou institucional assumido livremente, que surge a partir de associação de duas emoções primárias, a alegria e o medo.

Mulheres de alto QI puro têm a esperada confiança intelectual e são fluentes ao expressarem suas idéias, valorizam questões intelectuais e têm uma ampla variedade de interesses intelectuais e estéticos. Também tendem a ser introspectivas, chegadas à ansiedade, à ruminação e à <culpa>, e hesitam em exprimir sua raiva abertamente (embora o façam de maneira indireta) (GOLEMAN, 2001, p. 58).

Cf. emoção complexa

estresse sm

Estado afetivo de excitação gerado pela percepção de estímulos que perturbam o equilíbrio psicofisiológico, levando o organismo a disparar um processo de adaptação caracterizado pelo aumento da secreção de adrenalina com várias consequências sistêmicas.

Num comentário de 1993, nos Archives of Internal Medicine, sobre a extensa pesquisa sobre a correlação <estresse>-doença, Bruce McEwen, psicólogo de Yale, observou um largo espectro de efeitos: comprometimento do sistema imunológico, a ponto de disparar a metástase do câncer; aumento da vulnerabilidade a infecções virais; exacerbação na formação de placas que levam à arteriosclerose e à obstrução do sangue que causa enfarte do miocárdio; aceleração do início da diabetes Tipo I e do curso da Tipo II; e piora ou provocação de uma crise asmática. O <estresse> também pode levar à ulceração do trato gastrointestinal, provocando sintomas como colite ulcerativa e doenças inflamatórias do intestino. O próprio cérebro está sujeito aos efeitos de longo prazo do <estresse> constante, incluindo danos ao hipocampo e, portanto, à memória (GOLEMAN, 2001, p. 188).

expectativa sf

Estado ou situação de quem está à espera de que algo aconteça.

O Otimismo, como a esperança, significa uma forte <expectativa> de que, em geral, tudo vai dar certo na vida, apesar dos reveses e frustrações (GOLEMAN, 2001, p. 101).

Cf. surpresa**felicidade** sf

Estado afetivo de contente ou de plena satisfação.

A sensação de <felicidade> causa uma das principais alterações biológicas. A atividade do centro cerebral é incrementada, o que inibe sentimentos negativos e favorece o aumento de energia existente, silenciando aqueles que geram pensamentos de preocupação. Mas não ocorre nenhuma mudança particular na fisiologia, a não

ser uma tranquilidade, que faz com que o corpo se recupere rapidamente do estímulo causado por emoções perturbadoras. Essa configuração dá ao corpo um total relaxamento, assim como disposição e entusiasmo para a execução de qualquer tarefa que surja e para seguir em direção a uma grande variedade de metas (GOLEMAN, 2001, p. 21).

Sin. Contentamento, júbilo

Cf. alegria

frustração sf

Estado afetivo de um indivíduo quando impedido, por si mesmo ou por outrem, de atingir a satisfação de uma exigência pulsional.

A maioria dos problemas no desempenho de um empregado não surge de repente; desenvolve-se com o tempo - observa J.R. Larson, psicólogo da universidade de Illinois. Quando o chefe não diz imediatamente o que sente isso leva a um lento acúmulo de <frustração>. E aí, um dia, explode (GOLEMAN, 2001, p. 167).

Cf. raiva

irritação sf

Estado afetivo primário de agressividade, rancor e/ou frustração, motivado por aborrecimento, injustiça ou rejeição sofrida.

[...] o lítio ou medicamentos mais novos podem frustrar o ciclo característico de depressão paralisante alternando-se com episódios maníacos, que misturam caótica euforia com <irritação> e fúria (GOLEMAN, 2001, p. 71).

Zillmann constatou que quando o corpo já se acha em estado de <irritação>, [...] a emoção posterior, de ira ou ansiedade, é de intensidade especialmente grande. Essa dinâmica atua quando alguém se zanga (GOLEMAN, 2001, p. 74)

Ver raiva

mágoa sm

Estado afetivo de desgosto ou amargura que se guarda de um mal que se recebeu, de uma ofensa ou da frustração de uma expectativa, manifestado em forma de ressentimento.

[...] a esposa que sente no calor do momento que "ele não liga pras minhas necessidades" é sempre tão egoísta, deve contestar esse pensamento lembrando-se de várias coisas feitas pelo marido que são, na verdade, sinais de consideração. Isso lhe permite reenquadrar o pensamento como: "Bem, ele liga pra mim às vezes, embora o que acabou de fazer tenha sido uma desconsideração e me perturbado." A última formulação abre a possibilidade de mudança e uma decisão positiva: a anterior só fomenta ira e < mágoa> (GOLEMAN, 2001, p. 159).

A resposta neocortical é mais lenta em tempo cerebral que o mecanismo de sequestro (neural) porque envolve mais circuitos. Também é mais criteriosa e ponderada, pois mais pensamento antecede o sentimento. Quando registramos uma perda e ficamos tristes, ou nos alegamos com uma vitória, ou refletimos sobre alguma coisa que alguém disse ou fez e depois ficamos < magoados> ou zangados, é o neocórtex agindo (GOLEMAN, 2001, p. 39).

medo sm

Estado afetivo primário suscitado pela consciência do perigo, ou que, ao contrário, suscita essa consciência.

No < medo> o sangue corre para os músculos do esqueleto, como os das pernas, facilitando a fuga; o rosto fica lívido, já que o sangue lhe é subtraído (daí dizer-se que alguém ficou "gélido"). Ao mesmo tempo, o corpo imobiliza-se, ainda que por um breve momento, talvez para permitir que a pessoa considere a possibilidade de, em vez de agir, fugir e se esconder. Circuitos existentes nos centros emocionais do cérebro disparam a torrente de hormônios que põe o corpo em alerta geral, tornando-o inquieto e pronto para agir. A atenção se fixa na ameaça imediata, para melhor calcular a resposta a ser dada (GOLEMAN, 2001, p. 21).

Sin. receio, temor

Cf. emoção primária

melancolia sf**Fras. Era da Melancolia**

Estado afetivo de profunda tristeza e desencanto geral.

Um dos estados de espírito do qual as pessoas em geral mais se esforçam para se livrar é a tristeza. [...] é claro que nem toda tristeza deve ser evitada; a <melancolia>, como todos os outros estados de espírito, tem suas vantagens. [...] impõe um retiro reflexivo das atividades da vida e deixa-nos em suspenso para chorar a perda, meditar sobre seus significados, e, finalmente, fazer os ajustes psicológicos e novos planos que nos permitirão a continuar vivendo (GOLEMAN, 2001, p. 83).

Este final de milênio está trazendo uma <Era da Melancolia>, do mesmo modo como o século vinte se tomou a Era da Ansiedade. Dados internacionais mostram o que parece ser uma epidemia moderna de depressão, que se espalha de mãos dadas com a adoção, em todo o mundo, de modos modernos. Cada sucessiva geração mundial desde o início do século viveu em maior risco que seus pais de sofrer uma grande depressão não apenas tristeza, mas uma paralisante apatia, desânimo e pena de si mesmo no transcorrer da vida (GOLEMAN, 2001, p. 254).

Cf. tristeza

Nota A melancolia é estado mórbido caracterizado pelo abatimento mental e físico que pode ser manifestação de vários problemas psiquiátricos, tendendo a ser considerada uma das fases da psicose maníaco-depressiva. É sinônimo de abatimento, marasmo e tédio.

ódio sm

Estado afetivo de aversão intensa, geralmente motivada por medo, raiva ou injúria.

[...] Dr. Vamik Volkan [...] lembra-se do tom de consternação com que lhe diziam que os vizinhos gregos comiam porco, cuja carne, para a cultura turca, era considerada imunda demais. Agora, na qualidade de estudioso do conflito étnico, ele cita essas lembranças de infância para mostrar como <ódios> entre grupos são mantidos acesos anos afora, à medida que cada geração é inundada por preconceitos hostis como esses (GOLEMAN, 2001, p. 171).

Cf. aversão, raiva, rancor

paixão sf

Estado afetivo de gosto ou amor intenso por alguma coisa ou alguém, um grande entusiasmo dominador e incontrolável que pode ofuscar a razão.

Em Ética a Nicômaco, inquirição filosófica de Aristóteles sobre virtude, caráter e uma vida justa, está implícito o desafio à nossa capacidade de equilibrar razão e emoção. Nossas <paixões>, quando bem exercidas, têm sabedoria; orientam nosso pensamento, nosso valores, nossa sobrevivência. Mas podem facilmente cair em erro, e o fazem com demasiada frequência (GOLEMAN, 2003, p. 14).

[...] como Freud observou em O Mal-estar na Civilização, o aparelho social tem tentado impor normas para conter o excesso emocional que emerge, como ondas, de dentro de cada um de nós. Apesar dessas pressões sociais, as <paixões> muitas vezes solapam a razão (GOLEMAN, 2003, p. 19).

Nota Erasmo de Rotterdam, humanista do século XVI, escreveu sobre forma de sátira a obra “Elogio da Loucura”, acerca dessa perene tensão entre razão e emoção.

raiva sf

Estado afetivo primário de agressividade, rancor e/ou frustração, motivado por aborrecimento, injustiça ou rejeição sofrida.

Na <raiva> o sangue flui para as mãos, tornando mais fácil sacar da arma ou golpear o inimigo; os batimentos cardíacos aceleram-se e uma onda de hormônios, a adrenalina, entre outros, gera uma pulsação, energia suficientemente forte para uma atuação vigorosa (GOLEMAN, 2001, p. 20)

Em grupos onde há altos níveis de estática social e emocional - seja por medo ou <raiva>, rivalidades ou ressentimentos - as pessoas não podem dar o melhor de si (GOLEMAN, 2001, p. 175).

Sin. irritação

Cf. emoção primária, frustração, rancor

receio sm

Estado afetivo primário suscitado pela consciência do perigo, ou que, ao contrário, suscita essa consciência.

[...] os homens de alta inteligência emocional são socialmente equilibrados, comunicativos e animados, não inclinados a <receios> ou ruminções preocupadas (GOLEMAN, 2001, p. 57).

Ver medo**remorso sm**

Estado afetivo complexo de arrependimento, inquietação e abatimento da consciência que percebe ter cometido uma falta, um erro, e que surge a partir de associação de duas emoções primárias, a tristeza e a aversão.

[...] Emoções secundárias são constituídas por combinações das emoções primárias. Por exemplo: culpa = medo + alegria; susto = medo e surpresa; <remorso> = tristeza + aversão; vergonha = medo + aversão (PRIMI, 2003, p. 75).

Os psicopatas são notórios por serem ao mesmo tempo encantadores e completamente desprovidos de <remorso>, mesmo pelos atos mais cruéis (GOLEMAN, 2001, p. 121).

Cf. aversão, emoção primária, emoção complexa, tristeza**repugnância sf**

Estado afetivo primário de aversão, incompatibilidade ou antipatia.

A expressão facial de <repugnância> – o lábio superior se retorcendo para o lado e o nariz se enrugando ligeiramente – sugere, como observou Darwin, uma tentativa primeira de tapar as narinas para evitar um odor nocivo ou cuspir fora uma comida estragada (GOLEMAN, 2001, p. 21).

[...] mostras de <repugnância> habituais são sinais de perigo porque indicam que o marido ou a mulher formou um tácito julgamento negativo sobre o cônjuge (GOLEMAN, 2001, p. 150).

Cf. emoção primária

surpresa sf

Fato, coisa ou alguém inesperado, imprevisto, que causa espanto e traz prazer ou desconforto repentino.

O erguer das sobrancelhas, na <surpresa>, proporciona uma varredura visual mais ampla, e também mais luz para a retina. Isso permite que obtenhamos mais informação sobre um acontecimento que se deu de forma inesperada, tornando mais fácil de perceber exatamente o que está acontecendo e conceber o melhor plano de ação (GOLEMAN, 2001, p. 21).

Cf. expectativa**susto** sm

Estado afetivo de falta de tranquilidade causado por um fato ameaçador súbito e inesperado, e que surge da associação de duas emoções básicas, o medo e a surpresa.

[...] se você chegar sorrateiramente por detrás de alguém e bater as mãos de repente, verá um pulo de <susto> na primeira vez, mas não na terceira ou quarta (GOLEMAN, 2001, p. 220).

Cf. emoção complexa, medo, surpresa**temor** sm

Estado afetivo primário suscitado pela consciência do perigo, ou que, ao contrário, suscita essa consciência.

A sensação de “insegurança” dos pacientes com PTSD (distúrbio da tensão pós-traumática) vai além dos <temores> de estar cercados por perigos ocultos [...] (GOLEMAN, 2001, p. 225).

[...] os principais conflitos de relacionamento que levavam dezenas de pacientes à psicoterapia questões como o profundo anseio por ser aceito ou encontrar intimidade, ou o <temor> de ser um fracasso ou superdependente [...] (GOLEMAN, 2001, p. 228).

Ver medo

tristeza sf

Estado afetivo primário de quem está triste, desolado, caracterizado pela falta de alegria e pela melancolia.

Uma das principais funções da <tristeza> é a de propiciar um ajustamento a uma grande perda, como a morte de alguém ou uma decepção significativa. A <tristeza> acarreta uma perda de energia e de entusiasmo pelas atividades da vida, em particular por diversões e prazeres. Quando a <tristeza> é profunda, aproximando-se da depressão, a velocidade metabólica do corpo fica reduzida. Esse retraimento introspectivo cria a oportunidade para que seja lamentada uma perda ou frustração, para captar suas consequências para a vida e para planejar um recomeço quando a energia retorna [...] (GOLEMAN, 2001, p. 21).

As mulheres [...] são mais sensíveis a uma expressão triste no rosto de um homem do que vice-versa. Por isso é que a mulher tem de ficar muito triste para que o homem possa ao menos notar seus sentimentos, e ainda muito mais triste para que ele indague da razão de sua <tristeza> (GOLEMAN, 2001, p. 147).

Cf. alegria, emoção primária, melancolia**vergonha** sf

Sentimento penoso causado pela humilhação ou indignidade, ou ainda insegurança causada pelo medo do ridículo e do julgamento dos outros que surge a partir da associação de duas emoções primárias, o medo e a aversão.

[...] numa crítica pessoal, ela usa a queixa específica para lançar um ataque global ao marido: "Você é sempre tão egocêntrico e indiferente. Isso só prova que não posso esperar que faça nada direito." Esse tipo de crítica deixa a pessoa que a recebe sentindo-se <envergonhada>, desamada, censurada e cheia de defeitos – e é mais provável que conduza a uma reação defensiva do que medidas para melhorar as coisas (GOLEMAN, 2001, p. 149).

[...] Soluçando, lançou-se numa triste história de que perdera a esposa, a casa, emprego, a <vergonha> que sentia de si mesmo (GOLEMAN, 2001, p. 93).

Cf. aversão, emoção primária, emoção complexa, medo

4.3 Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional como *zeitgeist*

aprendizagem emocional sf

Var. aprendizagem de respostas emocionais

Utilização do intelecto e da razão para desenvolver o conhecimento sobre os sentimentos e as emoções.

Muitos daqueles que escrevem a respeito da inteligência emocional abordam a questão da <aprendizagem emocional> nas escolas (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 84).

[...] Payne previu um tempo em que as emoções e a inteligência seriam integradas pela <aprendizagem de respostas emocionais> na escola, e os governos seriam compreensíveis ao sentimento do indivíduo [...] o espírito cultural da “inteligência emocional” – seu valor como zeitgeist – era igualitário, pois qualquer um poderia aprendê-la (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 82).

estoicismo sm

Movimento filosófico da Grécia antiga (aproximadamente 200 a.C a 300 a.C) que considerava que, através do autocontrole, emoções e sentimentos deveriam ser dominados, pois os humores e impulsos eram individualistas e não confiáveis, e, assim, através do predomínio da racionalidade e da lógica, o homem se tornaria sábio.

O <estoicismo> [...] elaborou concepções sociais e morais que se tornaram uma herança tradicional na civilização ocidental [...] e a consequência foi um forte sabor anti-emocional em grande parte do pensamento ocidental (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 81).

Nota A escola estóica foi fundada no século III a.C. por Zenão de Cítio e reunia seus discípulos sob pórticos (“*stoa*”, em grego) de templos e mercados. Preconizava a indiferença à dor de ânimo e aos males da vida. O estóico seria impassível ante a dor e a adversidade.

explosão de sentimento sf

Sentimentos expressos de modo impetuoso como mensagem a respeito da opressão.

[...] a <explosão de sentimentos> não foi sempre parte do movimento político organizado, como a busca dos direitos humanos. Muitas vezes, os sentimentos eram explorados, exagerados ou alterados como parte da cultura ativa das drogas, e frequentemente da contracultura, existentes na época (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 81).

Cf. fuga dos rigores do intelecto, levante emocional, rebelião emocional**fuga dos rigores do intelecto sf**

Expressão ostensiva das emoções como mensagem a respeito de uma sociedade defeituosa.

[...] movimentos sociais como os hippies [...] e o movimento feminista [...] houve um salto rumo à igualdade, uma degradação de padrões, repugnância para com a perversão da razão pelo Pentágono, uma <fuga dos rigores do intelecto>. A <“fuga dos rigores do intelecto”> incluía uma forte dose de emotividade. De maneira interessante, a emotividade estava fortemente ligada no crescimento pessoal (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 83).

Cf. explosão de sentimento, levante emocional, rebelião emocional**homem com um alto grau de inteligência emocional sf**

Indivíduo do sexo masculino com quociente emocional elevado.

Os <homens com um alto grau de inteligência emocional> são socialmente equilibrados, comunicativos e animados, não inclinados a receios ou ruminar preocupações. Têm uma notável capacidade de engajamento com pessoas ou causas, de assumir responsabilidades e de ter uma visão ética; são solidários e atenciosos em seus relacionamentos. Têm uma vida emocional rica, mas correta; sentem-se à vontade consigo mesmos, com os outros e no universo social em que vivem (GOLEMAN, 2001, p. 57).

Cf. mulher emocionalmente inteligente, pessoa com alta inteligência emocional, QE

levante emocional sm

Exacerbação das emoções como força contrária ao racionalismo.

[...] um <levante emocional> teve início em círculos judaicos do leste europeu em meados do século XVIII. O rabino Israel ben Eliezer fundou o movimento hassídico para introduzir emotividade e misticismo naquilo que considerava as demasiadamente intelectualizadas tradições judaicas da época (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 82).

Cf. explosão de sentimento, fuga dos rigores do intelecto, rebelião emocional**mulher emocionalmente inteligente sf**

Indivíduo do sexo feminino com elevado índice de quociente emocional.

As <mulheres emocionalmente inteligentes>, por outro lado, tendem a serem assertivas e expressam suas idéias de modo direto, e sentem-se bem consigo mesmas; para elas a vida tem sentido. Como os homens, são comunicativas e gregárias, e expressam de modo adequado os seus sentimentos (não, por exemplo, em ataques de que depois se arrependem); adapta-se bem à tensão. O equilíbrio social delas permite-lhes ir até os outros; sentem-se suficientemente à vontade consigo mesmas para serem brincalhonas, espontâneas e abertas à experiência sensual. Ao contrário das mulheres de alto QI puro, raramente sentem ansiedade ou culpa, e tampouco mergulham em rumações (GOLEMAN, 2001, p. 58).

Cf. homem com alto grau de inteligência emocional, inteligência emocional, pessoa com alta inteligência emocional, quociente emocional**pessoa com alta inteligência emocional sf****Var. pessoa com prática emocional bem desenvolvida, pessoa inteligente emocionalmente, indivíduo emocionalmente inteligente**

Sujeito que apresenta quociente emocional elevado, capaz de apresentar desempenho social acima da média.

[..] Goleman (1995) dizendo que a inteligência emocional seria a capacidade mais importante na explicação do sucesso no trabalho levou empresas a investir em

treinamentos e alterações de suas práticas seletivas e de mudanças de cargo baseando-se na idéia de que < pessoas com alta inteligência emocional > apresentariam um desempenho mais eficaz em seu trabalho [...] (COBÊRO; PRIMI; MUNIZ, 2006, p. 339).

As < pessoas com prática emocional bem desenvolvida > têm mais probabilidade de se sentirem satisfeitas e de serem eficientes em suas vidas, dominado hábitos mentais que fomentam produtividade: as que não conseguem exercer nenhum controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas que sabotam a capacidade de concentração no trabalho e de lucidez de pensamento (GOLEMAN, 2001, p. 49).

[...] dados sugerem que quanto mais imaginativa uma < pessoa > for, menos < inteligente emocionalmente > ela tende a ser (COBÊRO; PRIMI; MUNIZ, 2006, p. 345).

[...] o < indivíduo emocionalmente inteligente > é um pouco mais agradável, sensível e empático do que os outros, sendo também um pouco mais consciencioso (MIGUEL; NORONHA, 2006, s/p).

Cf. homem com alto grau de inteligência emocional, inteligência emocional, mulher emocionalmente inteligente, quociente emocional

racional sm

Ser pensante que privilegia a razão e o intelecto em detrimento das emoções.

[...] ao longo da maior parte da história ocidental, os mais < racionais > prevaleceram, ao passo que os mais emotivos entre nós foram rotulados de doentes mentais [...] (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 84).

rebelião emocional sm

Uso da expressão emocional exacerbada como força contrária ao racionalismo imperante em um grupo ou época.

[...] escritores, pintores e músicos expressaram < rebeliões emocionais > contra as rígidas regras racionais do movimento clássico então dominante nas artes (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 81).

[...] os anos (19)60 representaram uma <rebelião emocional> de uma década contra as forças do racionalismo (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 83).

Cf. explosão de sentimento, fuga dos rigores do intelecto; levante emocional

sociedade emocionalmente inteligente sf

Agrupamento de indivíduos que sabem integrar a razão e a emoção.

[...] uma <sociedade emocionalmente inteligente> é aquela em que todos – mesmo aqueles que anteriormente não seriam considerados muito brilhantes – podem ser inteligentes (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 84).

zeitgeist sm

Tendência cultural que caracteriza o espírito de uma época.

O espírito de uma época, frequentemente, é chamado de <zeitgeist>, uma tendência intelectual ou passional que caracteriza o momento. [...] suspeitamos que a inteligência emocional encaixe-se, de alguma maneira, nesses <zeitgeists> [...] (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 81).

Cf. inteligência emocional

4.4 Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional como personalidade

cognição sf

Função mental responsável pela aquisição ordenada de conhecimento, baseada em experiências sensoriais, representações, pensamentos e lembranças.

A <cognição> é, de todos os conjuntos de mecanismos mentais, o mais exteriorizado. Um de seus propósitos é ajudar a garantir a satisfação de motivações e a manutenção de emoções prazerosas. [...]. A <cognição> é responsável por cuidar das questões cotidianas de forma planejada (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 86).

Cf. mente, personalidade

consciência sf

Função mental em que o indivíduo tem percepção das coisas, ao contrário dos processos inconscientes.

A <consciência> [...] é a percepção que a pessoa tem do resto da mente. Essa <consciência> parece ser mantida constantemente durante o tempo em que se está acordado, embora possa alterar seus estados ao longo do dia como resultado da fadiga, da excitação e de outras circunstâncias (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 86).

Cf. mente, personalidade

elemento da mente sm

Estruturas, mecanismos, funções e processos que compõem as atividades psicológicas do ser humano.

De maneira ideal, um novo <elemento da mente> somente deveria ser nomeado quando uma nova entidade fosse descoberta; elementos conhecidos somente deveriam ser renomeados quando isso representasse conceitos ou grupo de conceitos de forma mais precisa (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 85).

Cf. mente, personalidade

Nota São elementos da mente cognição, emoção, motivação e consciência.

elemento da personalidade sm

Var. atributo da personalidade

Aspectos psíquicos individuais que, tomados em conjunto, caracterizam a personalidade de pessoa.

[...] teorias que definem a inteligência emocional como uma lista diversificada de qualidades como a percepção política, a orientação para o serviço, a autoconfiança, a consciência e a motivação para a realização, não parecem se sustentar, pois tais agrupamentos juntam <elementos da personalidade> muito diferentes. A percepção política é um tipo de consciência. A orientação para o serviço é um papel. A autoconfiança é um modelo do Eu (ou esquema do Eu), e assim por diante (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 89).

O campo da psicologia da personalidade está amplamente centrado no uso de grupo de variáveis para prever resultados futuros. Alguns dos melhores pesquisadores no campo passaram suas vidas estudando grupos de <atributos da personalidade>, de modo a determinar quais deles levam ao sucesso na escola e no trabalho (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 89).

Cf. humor, personalidade, traço

mapa mental sm

Var. mapa

Modo como o cérebro organiza as ideias, os conceitos e os pensamentos, partindo de um núcleo para ramificações afins.

[...] uma criança pode desenvolver um <mapa mental> de dinossauros. Ao fazê-lo, ela pode ler a respeito do gigantassaurus [...], imaginar os motivos agressivos de um dinossauro grande e forte; ela pode sentir curiosidade, medo e admiração [...] aprender informações cognitivas como o fato de que o nome do gigantassaurus significa “grande réptil do sul” [...] (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 86).

[...] a cognição é responsável por cuidar das questões cotidianas de forma planejada. Para fazê-lo, deve criar <mapas> do mundo detalhados, testá-los por meio da experimentação e da experiência, raciocinar eficazmente, separar a verdade da ficção

e processar informações sobre o mundo (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 86).

mente sf

Sistema organizado referente ao conjunto dos processos cognitivos e atividades psicológicas que representa a parte corpórea, inteligente e sensível do ser humano.

[...] à medida que os psicólogos dividiam a <mente> em seus elementos constituintes, tais elementos e suas interrelações foram cuidadosamente concebidos [...], abrangendo mecanismos, estruturas, funções e processos mentais (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 85).

No passado predominou um modelo antitético entre emoção-razão como duas entidades competindo pelo controle da <mente>. Segundo esta visão, quando as emoções predominam a lógica desaparece e os pensamentos se tornam irracionais (PRIMI, 2003, p. 72).

Cf. elementos da mente, personalidade

modelo sm

Fras. modelos do eu, modelos do mundo, modelos do eu no mundo

Modo sistemático como o indivíduo conceitua a si próprio, o mundo e seu papel no mundo, a partir de grupos de elementos da sua personalidade incorporando aspectos de motivações, emoções, cognições e estados de consciência que constituem mapas mentais coerentes de si e do mundo.

Um outro grupo [...] de elementos da personalidade envolve os <modelos> do indivíduo de si mesmo e do mundo que devem ser construídos por meio da aprendizagem. Uma importante atribuição do desenvolvimento do indivíduo é criar <modelos do eu>, <modelos do mundo> e <modelos do Eu no mundo> (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 86).

personalidade sf

Conjunto de aspectos psíquicos que, tomados em conjunto, distinguem uma pessoa.

[...] a <personalidade> envolve todas as partes importantes da psicologia da pessoa – mecanismos, processos, estruturas; a maneira como essas partes são organizadas e como elas se desenvolvem (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 239).

[...] os termos que as pessoas às vezes empregam ao falar de inteligência emocional – motivação, emoção, cognição e consciência – são normalmente considerados na psicologia da personalidade como quatro processos básicos que formam as bases quase-biológicas da <personalidade> (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 85).

Cf. consciência, cognição, emoção, elementos da mente, mente, motivação

psicologia da personalidade sf

Estudo dos elementos psicológicos de um indivíduo, a organização desses elementos e seu desenvolvimento.

[...] um dos objetivos da <psicologia da personalidade> é conectar elementos da mente a efeitos na vida (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 85).

Cf. personalidade

Nota É uma subdisciplina da Psicologia.

traço sm

Aspectos psíquicos individuais que, tomados em conjunto, caracterizam a personalidade de pessoa.

[...] <traços> emergem quando um dado motivo, emoção ou pensamento é repetidamente apresentado em modelos do Eu e do mundo (ou seja, em mapas mentais aprendidos). Por exemplo, se uma criança imagina batalhas com dinossauros, imagina lutas com suas bonecas e discute com seus pais mais do que o normal, pode-se dizer que ela possui o <traço> da argumentação, da assertividade ou, no extremo, da agressão (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 86).

Sin. elemento da personalidade

Cf. personalidade, temperamento, humor

4.5 Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional como aptidão mental

administração das emoções sf

Direção das emoções de acordo com avaliações subjetivas que indiquem melhores resultados.

A <administração das emoções> pode ser considerada mais produtiva quando começa com uma capacidade de abertura que permite que as emoções – aprazíveis ou desprazíveis – entrem (em outras palavras, sejam percebidas e identificadas) no sistema de inteligência. Ou seja, a administração encoraja a experiência das emoções, embora nem sempre a sua expressão (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 92).

Nota A administração emocional é a quarta e última divisão da inteligência emocional. De acordo com a teoria de Mayer, Salovey e Caruso, uma pessoa somente poderá administrar bem suas emoções tendo uma boa percepção e um bom entendimento emocional. Observa-se que, em parte como consequência de pressões da sociedade para regular as emoções, e em parte como consequência das popularizações, a administração emocional por si só é identificada como sinônimo de inteligência emocional. As divisões da teoria da inteligência emocional quanto à aptidão mental são: 1) Percepção emocional; 2) Facilitação emocional do pensamento; 3) Entendimento emocional; 4) Administração das emoções.

Cf. entendimento emocional, facilitação emocional, inteligência emocional, percepção emocional

aptidão sf

Var. aptidão mental

Recurso inato ou adquirido da combinação de fatores mentais que permite a realização de tarefas com relativo sucesso.

A inteligência é definida como um grupo de <aptidões mentais>. Uma <aptidão> (de qualquer tipo), por sua vez, é uma característica de um indivíduo quando este consegue “completar com sucesso(ou seja, obter um determinado resultado desejável)

uma tarefa de dificuldade definida, quando as condições de teste são favoráveis” (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 90).

O conceito de <aptidão> refere-se a uma combinação ótima de fatores específicos procurando prever um determinado critério, como por exemplo, leitura, desempenho matemático, desempenho no trabalho (PRIMI, 2003, p. 71).

Cf. mente

aptidão emocional sf

Recurso inato ou adquirido da combinação de emoções racionalizadas.

A <aptidão emocional> é uma metacapacidade que determina até onde podemos usar bem quaisquer outras aptidões que tenhamos, incluindo o intelecto bruto (GOLEMAN, 2001, p. 48).

competência mental sf

Capacidade para cumprir uma determinada tarefa mental dentro de determinado padrão preestabelecido.

[...] a aptidão mental é sinônimo de capacidade mental, semelhante à habilidade mental (que especificamente denota algo aprendido) e à <competência mental>, a qual enfatiza a aptidão para cumprir com um determinado padrão (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 91).

Cf. aptidão, inteligência, mente

Nota Pode ser considerada como uma inteligência aplicada.

entendimento emocional sm

Var. entender as emoções

Processamento cognitivo de avaliação das emoções enfocando a resolução de problemas.

[...] o <entendimento emocional> envolve o processamento cognitivo das emoções (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 92).

[...] A pessoa capaz de <entender as emoções> – seus significados, como elas se misturam, como elas evoluem com o tempo – foi realmente abençoada com a capacidade de entender verdades fundamentais da natureza humana e dos relacionamentos inter-individuais (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 94).

Nota O entendimento emocional é a terceira divisão da inteligência emocional, de acordo com a teoria de Mayer, Salovey e Caruso. As divisões da teoria da inteligência emocional quanto à aptidão mental são: 1) Percepção emocional; 2) Facilitação emocional do pensamento; 3) Entendimento emocional; 4) Administração das emoções.

Cf. administração das emoções, facilitação emocional, inteligência emocional, percepção emocional

facilitação emocional sf

Var. facilitação emocional do pensamento

Colocar as emoções à disposição da cognição, alterando o pensamento para diferentes pontos de vistas.

A <facilitação emocional do pensamento> [...] enfoca o modo como as emoções entram no sistema cognitivo e alteram a cognição, de forma a auxiliar o pensamento (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 93).

Nota A facilitação emocional é a segunda divisão da inteligência emocional, de acordo com a teoria de Mayer, Salovey e Caruso. A cognição sempre é alterada pelas emoções. Por exemplo: a ansiedade pode perturbar o pensamento, assim como o otimismo pode surgir de emoções positivas, ou o pessimismo de emoções negativas. A oscilação de humor faz com que o indivíduo pense mais profundamente sobre determinado assunto, expandindo sua compreensão sobre o mesmo. As emoções também podem impor prioridades, de modo que o sistema cognitivo preste atenção no que é importante e concentre-se naquilo que faz melhor em um dado estado de humor. As divisões da teoria da inteligência emocional quanto à aptidão mental são: 1) Percepção emocional; 2) Facilitação emocional do pensamento; 3) Entendimento emocional; 4) Administração das emoções.

Cf. administração das emoções, entendimento emocional, inteligência emocional, percepção emocional

percepção emocional sf

Apreensão, por meio dos sentidos ou da mente, das emoções em si e nos outros.

A <percepção emocional> envolve registrar, prestar atenção e decifrar mensagens emocionais demonstradas em expressões faciais, tom de voz, objetos de arte e outros artefatos culturais. Uma pessoa que vê uma expressão fugaz de deleite no rosto de outra pessoa entende muito mais a respeito das emoções e dos pensamentos da outra do que alguém que não vê essa sina (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 92).

Nota A percepção emocional é a primeira divisão da inteligência emocional, de acordo com a teoria de Mayer, Salovey e Caruso. Se a pessoa desviar sua atenção cada vez que um sentimento desagradável surgir, ela não aprenderá quase nada a respeito dos sentimentos. As divisões da teoria da inteligência emocional quanto à aptidão mental são: 1) Percepção emocional; 2) Facilitação emocional do pensamento; 3) Entendimento emocional; 4) Administração das emoções.

Cf. inteligência emocional; administração das emoções; entendimento emocional; facilitação emocional

plasticidade sf

Var. plástico

Capacidade de ser moldado ou modelado.

[...] a administração das emoções é <plástica> por necessidade: ela permite que a pessoa proceda da maneira que achar melhor, com base em aspectos emocionais, espirituais, pragmáticos e outros. [...] essa exigência de <plasticidade> é o que explica por que a inteligência emocional, medida como aptidão, não apresenta uma correlação alta com o otimismo, a alegria, a amizade e outros traços e ainda assim, prevê importantes resultados na vida (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 95).

Nota A plasticidade da inteligência emocional permite que o indivíduo tome decisões que, nem sempre, estarão relacionadas com sentimentos bons como felicidade e alegria,

mas sim, que estejam relacionadas a outros aspectos da vida. Permanecer num emprego ou salvar um casamento não depende apenas de elementos da personalidade, há outras situações que devem ser consideradas para entender o que poderá acontecer.

virtude sf

Qualidade do que está em conformidade com o correto e desejável moralmente, no comportamento, no cumprimento de deveres e demais os aspectos da vida humana.

Scarr (1989) expressa uma grave preocupação com a tradição que “junta todo tipo de <virtudes> humanas sob a bandeira de inteligências diversas” (p. 76). [...] existem muitas <virtudes> humanas que não são recompensadas em nossa sociedade, como a bondade nos relacionamentos humanos e os talentos em música, dança e pintura [...] (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 91).

Nota De acordo com S. Scarr, chamar todo tipo de virtude de inteligência não faz justiça a teorias de inteligência ou aos traços de personalidade. Sua opinião é uma resposta aos escritos de Howard Gardner (1983/1993) que propôs que, juntamente com as inteligências verbal e espacial (amplamente aceitas), poderiam existir outras inteligências como a “físico/corporal”, ou a “inteligências pessoais”. Para ele, a simples presença de uma aptidão mental cognitiva não constitui uma inteligência. Inteligência implica necessariamente na capacidade de resolução de um problema em certo domínio.

Cf. inteligência

4.6 Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional e Psicometria

análise fatorial sf

Estudo pormenorizado de cada parte de um todo.

A concepção de inteligência da abordagem psicométrica está sustentada na <análise fatorial>. A <análise fatorial>, por sua vez, baseia-se nas diferenças individuais reveladas por uma centena de testes criados para avaliar as capacidades cognitivas. O propósito da <análise fatorial> é identificar os subgrupos de testes que avaliam uma mesma capacidade cognitiva (PRIMI, 2003, p. 68).

A <análise fatorial> indica que a inteligência emocional pode ser representada como uma hierarquia em dois níveis. No topo da hierarquia, existe um fator geral de inteligência emocional que representa um grupo bastante coeso de aptidões. [...] a inteligência emocional pode ser decomposta em quatro fatores subsidiários que representam a percepção emocional, a facilitação emocional, o entendimento emocional e a administração emocional (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 246).

autoavaliação sf

Critério de autorrelato utilizado em escalas psicométricas que avalia as autopercepções da pessoa sobre determinado aspecto.

As medidas de <auto-avaliação> propõem que a pessoa endosse uma série de afirmações descritivas, indicando em que nível elas as descrevem, e não como pessoa. Por exemplo, podem-se fazer perguntas como “Você normalmente compreende seus sentimentos de maneira clara ou fica confuso a respeito deles?” (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 241).

[...] a escala era baseada em uma <auto-avaliação> na qual uma pessoa deveria concordar ou discordar de questões como “normalmente eu sei como me sinto” [...] A validade do teste ficou comprometida, contudo, porque o teste utilizou o enfoque de <auto-avaliação>, que avalia as autopercepções da pessoa, e não suas verdadeiras capacidades (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 90).

Nota As críticas ao critério de autoavaliação levam em conta que aptidões e características avaliadas dessa forma não levam em conta o autoentendimento do indivíduo. Se o autoconceito do indivíduo for preciso, esse tipo de medida pode servir como uma medida precisa da aptidão ou da característica real. Se o autoconceito do indivíduo for impreciso, a medida produz informações que apenas dizem respeito ao autoconceito, não da verdadeira aptidão ou característica.

Cf. autorrelato, escala psicométrica

autorrelato sm

Critério de autoavaliação utilizado em escalas psicométricas em que a pessoa fala sobre si, indicando em que nível as asserções propostas a descreve ou não.

Bueno e Primi (2001) ressaltam o fato de que instrumentos de <auto-relato> são mais eficazes para avaliar aspectos de personalidade do que de inteligência, uma vez que em relação ao último (medida de desempenho), não basta dizer se é ou não inteligente, é preciso demonstrar a capacidade de resolver problemas, neste caso, que envolvem as emoções (NORONHA; PRIMI; FREITAS; DANTAS, 2007, p. 416).

[...] as (medidas) de <auto-relato> avaliam a autopercepção das pessoas em relação à suposta IE (NORONHA; PRIMI; FREITAS; DANTAS, 2007, p. 416).

Cf. autoavaliação

avaliação psicológica sf

Var. psicometria

Área técnica da Psicologia responsável pela produção de instrumentos psicométricos e operacionalização das teorias psicológicas em eventos observáveis.

A <avaliação psicológica> não é simplesmente uma área técnica produtora de ferramentas profissionais, mas sim a área da psicologia responsável pela operacionalização das teorias psicológicas em eventos observáveis. Com isso ela fomenta a observação sistemática de eventos psicológicos abrindo caminho para a integração entre teoria e prática (PRIMI, 2003, p. 68).

[...] A <psicometria> começou elaborando instrumentos de medida sem saber bem o que eles mediam [...] (PRIMI, 2003, p. 68).

bateria de provas de raciocínio sf

Sigla BPR5

Instrumento para avaliação simultânea do raciocínio geral e das aptidões.

A <BPR5> - <Bateria de Provas de Raciocínio>, (Primi & Almeida, 1998) é um instrumento para avaliação simultânea do raciocínio geral e das aptidões, para fornecer “informações sobre o funcionamento cognitivo das pessoas” (Primi & Almeida, 2000) em cinco áreas: raciocínio abstrato, verbal, visual-espacial, numérico e mecânico, apresentada em duas formas: A e B, sendo “A” destinada a participantes de 6ª. a 8ª. séries de escolaridade, e “B” aos de escolaridade superior aos de “A”. As duas formas (A e B) são compostas por cinco subtestes, cada um organizado em caderno individual a ser aplicado em sequência e tempo máximo pré-estipulados, a serem respeitados (COBÊRO, PRIMI, MUNIZ, 2006, p. 341).

califórnia psychological inventory sm

Sigla CPI

Inventário de personalidade baseado em autorrelato, composto por 434 questões tipo verdadeiro-falso que avalia os conceitos empregados por pessoas comuns para descrever os comportamentos próprios e dos outros.

[...] o <Califórnia Psychological Inventory> <(CPI)> é considerado um abrangente inventário de personalidade. Suas escalas englobam autoconfiança, eficácia interpessoal, autoaceitação, autocontrole, flexibilidade, empatia, dominação e coisas do gênero (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 90).

[...] em comparação a uma medida de personalidade como o <CPI>, ao que nos parece, uma medida de inteligência emocional deveria ser diferenciada pela idéia de que o indivíduo pensa de maneira diferente com suas emoções e, da mesma forma, que as emoções aprimoram a inteligência. Essa análise indica que algumas das escalas de inteligência emocional revisadas anteriormente parecem ter considerável

sobreposição com medidas-padrão de personalidade, como o <CPI> (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 239).

critério de correção sm

Var. critério de consenso; critério de especialista; critério de sujeito

Norma de confronto utilizada em escalas psicométricas para validação de respostas, podendo ser de três formas: critério do sujeito, critério de especialistas e critério de consenso.

Se desejarmos impor um <critério de correção> nos testes de inteligência emocional – o que devemos fazer, se utilizarmos uma abordagem de aptidão – temos, no mínimo três alternativas para designar uma resposta correta: <critérios do sujeito>, <critérios de especialista> e <critérios de consenso> (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 242).

Nota Para Mayer, Salovey e Caruso (2002, p. 242), o *critério de sujeito* leva em conta a opinião de observadores sobre o estado emocional de determinada pessoa. A quantidade de observadores que responderem de modo igual ao que a pessoa observada respondeu, estatisticamente cumpriu o critério de correção. No *critério de especialistas* a pessoa testada recebe crédito se sua autoavaliação corresponder à opinião de especialistas (psicólogos, clínicos, pesquisadores). No *critério de consenso*, a pessoa recebe crédito por endossar emoções de centenas de outras pessoas.

Cf. resposta certa, validade de critério

emotional competence inventory sm

Sigla ECI

Teste psicométrico proposto por Boyatzis, Goleman e Hay/Mac Ber em 1999 que aproxima os critérios de autoavaliação e por observador para avaliar Inteligência Emocional em quatro aspectos: autoconsciência, autoadministração, consciência social e aptidões sociais.

Aproximando-se de uma escala conjunta de autoavaliação e por observador, o <Emotional Competence Inventory> <(ECI)> define a inteligência emocional como a

“capacidade de reconhecer nossos próprios sentimentos e os do outro, para nos motivar e para administrar as emoções dentro de nós e em nossos relacionamentos” (Boyatzis et al., 1999, p.1). O <ECI> mede quatro aspectos da inteligência emocional. O primeiro, a autoconsciência, inclui medidas de autoconsciência, autoavaliação precisa e autoconfiança. O segundo, a auto-administração, mede autocontrole, confiabilidade, consciência, adaptabilidade, orientação para realizações e iniciativa. O terceiro, a consciência social, consiste em empatia, consciência organizacional e orientação para servir. O quarto, aptidões sociais, inclui medidas da capacidade de desenvolver o outro, liderança, influência, comunicação, de catalisar mudanças, administrar conflitos, construir laços e trabalho em equipe e colaboração (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 239).

Nota Assim com o EQ-i e o EQ-Map, o ECI também recebe a principal crítica à maioria dos testes psicométricos que refletem a IE como personalidade, pois testes de personalidade já estão amplamente difundidos e validados pela Psicologia da Personalidade (como é o caso do *Califórnia Personality Inventory* – CPI), havendo uma sobreposição entre as escalas de medida da personalidade e da Inteligência Emocional.

Cf. CPI, EQ-i, EQ-map, inteligência emocional

emotional intelligence scale for children sf

Sigla EISC

Versão para crianças da escala psicométrica *Multifactor Emotional Intelligence Scale* (MEIS) proposto por Mayer, Salovey e Caruso em 1997, para avaliar a inteligência emocional como aptidão mental nos infantes.

Em termos absolutos, os adultos apresentam um desempenho superior que o de adolescentes na detecção de respostas de consenso na MEIS. Também foram encontradas diferenças de idade em uma medida de aptidão da inteligência emocional baseada na <EISC>, a <Emotional Intelligence Scale for Children>, em uma mostra de cem crianças (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 246).

EQ-i sm

Teste psicométrico proposto por Reuven Bar-On em 1997, baseado em autoavaliação, que busca mensurar a Inteligência Emocional em cinco grandes quocientes: intrapessoal, interpessoal, administração do estresse, adaptabilidade e humor geral.

(Bar-On) [...] interpreta os resultados de uma escala de auto-avaliação de inteligência emocional que desenvolveu, o <EQ-i>, como indicativos de que ela pode ser dividida em cinco categorias amplas. A primeira o QE Intrapessoal, que se divide em autopercepção emocional, assertividade, auto-respeito, auto-realização e independência. A segunda é o QE Interpessoal, dividido em empatia, relacionamento interpessoal e responsabilidade social [...]. A terceira é o QE de adaptabilidade, dividido em resolução de problemas, teste de realidade e flexibilidade. A quarta é o QE de administração do estresse, dividido em tolerância ao estresse e controle dos impulsos. A quinta e última é o QE de humor geral, dividido em felicidade e otimismo (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 88).

Nota Assim com o ECI e o EQ-map, o EQ-i também recebe a principal crítica à maioria dos testes psicométricos que refletem a IE como personalidade, pois testes de personalidade já estão amplamente difundidos e validados pela Psicologia da Personalidade (como é o caso do *Califórnia Personality Inventory* – CPI), havendo uma sobreposição entre as escalas de medida da personalidade e da IE.

Cf. califórnia psychological inventory, inteligência emocional, quociente emocional

EQ-Map sm

Escala de autoavaliação proposta por Cooper em 1996 para medir a Inteligência Emocional através de cinco atributos: ambiente atual, alfabetização emocional, competências do QE, valores e atitudes do QE, e resultados do QE.

Outra escala de auto-avaliação, o <EQ-Map> (Cooper, 1996/1997), também divide a inteligência emocional em cinco atributos: o primeiro, o ambiente atual, mede as pressões e as satisfações da vida. O segundo, a alfabetização emocional, inclui medidas da autoconsciência emocional, expressão emocional e consciência emocional do outro. O terceiro, competências do QE, inclui a intencionalidade, a criatividade, a resiliência, as conexões interpessoais e o descontentamento construtivo. O quarto,

valores e atitudes do QE, *inclui perspectiva, compaixão, intuição, raio de confiança, poder pessoal e Eu integrado. Finalmente a área dos resultados do <EQ-Map> mede os resultados explícitos da inteligência emocional: saúde geral, qualidade de vida, taxa de relacionamentos e desempenho ótimo* (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 239).

Nota Assim com o ECI e o EQ-i, o EQ-Map também recebe a principal crítica à maioria dos testes psicométricos que refletem a IE como personalidade.

Cf. CPI, EQ-i, inteligência emocional

escala sf

Instrumento de medição das variáveis que compõem uma teoria psicológica, buscando quantificá-las estatisticamente.

O desenvolvimento de modelos teóricos de inteligência emocional foi acompanhado pelo desenvolvimento de testes para medir o conceito. Desde 1990, quando a primeira <escala> capaz de medir algum aspecto da inteligência emocional foi apresentada em um jornal científico (Mayer, DiPaolo e Salovey, 1990), houve uma explosão em medidas da inteligência emocional (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 237).

Mais preocupante é o fato de inventários e <escalas> de inteligência emocional serem usados na seleção de pessoal sem que se tenha certeza sobre sua eficácia (COBÊRO, PRIMI, MUNIZ, 2006, p. 339).

Sin. teste, inventário de personalidade

escala de aptidão sf

Var. medida de aptidão

Instrumento psicométrico para medida das aptidões mentais através de questões de lógica e raciocínio.

A <escala de aptidão> representada é a Multifactor Emotional Intelligence Scale (MEIS), a qual mede a inteligência emocional de acordo com a teoria de que ela é uma inteligência per se, no sentido de que está relacionada com o processamento de informações (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 238).

Se a inteligência emocional representa um intrigante conjunto de aptidões mentais, acreditamos que ela deva ser medida como uma inteligência, e que a maneira de atingir esse objetivo é com <medidas de aptidão> (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 250).

Sin. medida de desempenho

Cf. MEIS, MSCEIT

informante sm

Var. avaliação por informante

Critério utilizado em escalas psicométricas que produz, através da informação de outro, dados sobre uma pessoa.

O uso de <informantes> produz informações a respeito do modo como uma pessoa é percebida por outros e emprega questões como “indique o nível (muito alto, alto, médio, baixo, muito baixo) que a pessoa atinge para cada um dos seguintes itens: é aberto a ideias; adapta-se rapidamente a mudanças; é um bom ouvinte” (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 240).

[...] a <avaliação por informantes> [...] permite determinar como o sujeito é visto pelos outros [...] (NORONHA; PRIMI; FREITAS; DANTAS, 2007, p. 416).

Nota O uso de informantes mede a reputação de uma pessoa, o que pode até ser importante, como para candidatar-se a uma eleição, mas a reputação é diferente de aptidão. Por este critério, aspectos cognitivos e capacidades mentais são julgados de maneira menos precisa, pois, aquilo que um informante percebe nem sempre corresponde às verdadeiras aptidões.

Sin. observador

inventário de personalidade sm

Instrumento de medição das variáveis que compõem uma teoria psicológica, buscando quantificá-las estatisticamente.

[...]“com base numa ampla gama de medições sociais e cognitivas, desde os testes-padrão de *QI* até os <**inventários de personalidade**>, há pouca diferença significativa em qualidades inatas”, escreveram Kelley e Caplan na *Harvard Business Review* (GOLEMAN, 2001, p. 118).

Ver escala

Mayer, Salovey, Caruso emotional intelligence test sm

Sigla MSCEIT

Instrumento psicométrico proposto por Mayer, Salovey e Caruso em 1999 para medir a inteligência emocional por meio de aptidões.

O <MSCEIT> é uma medida da inteligência emocional por meio de aptidões, projetado para produzir um resultado geral da inteligência emocional, bem como resultados para as subescalas de percepção, facilitação, entendimento e administração (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 243).

Os resultados das quatro áreas do <MSCEIT> (percepção, facilitação, entendimento e administração) apresentam coeficientes alfa de 0,81 a 0,96, com uma consistência interna de 0,96 para a escala como um todo [...]. As consistências internas do MEIS e do <MSCEIT> são comparáveis a vários testes-padrão de inteligência (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 243).

Nota O MSCEIT substituiu o MEIS.

Cf. inteligência emocional, MEIS

medida de desempenho sf

Instrumento psicométrico de medição das aptidões mentais que utiliza questões de lógica e raciocínio.

[...] <medida de desempenho>. Com esse método, para determinar se uma pessoa é esperta, solicita-se que ela resolva problemas como “quanto é 13 multiplicado por 3?”; “O que significa a palavra analisar?”; ou, “Qual a capital da França?”. Testar

aptidões é o padrão-ouro na pesquisa da inteligência [...] (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 241).

Sin. escala de aptidão

Cf. MEIS, MSCEIT

multifactor emotional intelligence scale sf

Sigla MEIS

Primeiro instrumento psicométrico proposto por Mayer, Salovey e Caruso em 1997 para medição da inteligência emocional como aptidão mental.

A escala de aptidão [...] <Multifactor Emotional Intelligence Scale (MEIS)> [...] mede a inteligência emocional de acordo com a teoria de que ela é uma inteligência per se, no sentido de que está relacionada com o processamento de informações (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 238).

Nota Considerando a inteligência emocional em suas quatro divisões (teoria das aptidões mentais de Mayer, Salovey e Caruso), o MEIS enfoca: 1) *Percepção emocional*: identificação das emoções em rostos, imagens, músicas e histórias; 2) *Facilitação emocional*: tradução de sentimentos (sinestesia), utilização das emoções para fazer julgamentos (preconceitos emocionais); 3) *Entendimento emocional*: definição de emoções, misturas emocionais complexas, transições emocionais, perspectivas emocionais; 4) *Administração emocional*: administração das próprias emoções, e das emoções dos outros. O MEIS foi o primeiro teste psicométrico que considera a IE uma aptidão mental, e foi revisado, ampliado e substituído pelo MSCEIT.

Cf. inteligência emocional, MSCEIT

observador sm

Critério utilizado em escalas psicométricas que produz, através da informação de outro, dados sobre uma pessoa.

[...] foi ali que Kagan e seus co-pesquisadores notaram primeiros sinais de timidez num grupo de crianças de um ano e nove meses levadas para <observações> experimentais. [...] Quase quatro anos depois, quando essas mesmas crianças

estavam no jardim de infância, o grupo de Kagan voltou a <observá-las> (GOLEMAN, 2001, p. 230).

Ver informante

psicometria sf

Área técnica da Psicologia responsável pela produção de instrumentos psicométricos e operacionalização das teorias psicológicas em eventos observáveis.

[...] A <psicometria> começou elaborando instrumentos de medida sem saber bem o que eles mediam [...] (PRIMI, 2003, p. 68).

Ver avaliação psicológica

questionário de avaliação psicológica sm

Sigla QUATI

Questionário desenvolvido por Zacharias (2003) que mede a personalidade segundo os tipos psicológicos de Jung.

Não havendo até o momento alguma pesquisa entre o MSCEIT e o <Questionário de Avaliação Psicológica> <(QUATI)>, que mede a personalidade segundo os tipos psicológicos de Jung, a presente pesquisa levou a cabo um estudo exploratório com esses instrumentos (MIGUEL; NORONHA, 2006, s/p).

Nota O QUATI visa a avaliar a personalidade do sujeito, fornecendo um código que define o tipo de atitude consciente e as funções mais e menos desenvolvidas (inconscientes), e o grau de cada uma delas. A atitude divide-se em Extroversão-Introversão, e as funções inconscientes são divididas em duas dimensões: Sensação-Intuição, dadas como funções intuitivas, e Pensamento-Sentimento, como funções avaliativas.

questionário dos dezesseis fatores de personalidade sm

Sigla 16PF

Instrumento de avaliação psicométrica abrangente da personalidade desenvolvido por Cattell e Cattell (1993), contendo 185 itens ordenados em 16 escalas.

O <16PF> <(Questionário dos Dezesesseis Fatores de Personalidade)> é um instrumento que fornece de forma objetiva uma completa cobertura das áreas da personalidade.

Nota De acordo com Cattell, R.B., Cattell, A.K.S & Cattell, H.E.P. (1993), o 16PF se apresenta na forma de questionário e é composto de 185 itens ordenados em 16 escalas (primárias), tendo como objetivo aferir de forma geral a personalidade, sendo cada uma formada por 10 a 15 itens. Os dezesseis fatores primários medidos pelo teste são: expansividade, inteligência, estabilidade emocional, afirmação, preocupação, consciência, desenvoltura, brandura, confiança, imaginação, requinte, apreensão, abertura a mudanças, autossuficiência, autocontrole e tensão. Agrupamentos entre esses fatores formam os cinco fatores globais: extroversão, ansiedade, rigidez de pensamento, independência e autocontrole.

resposta certa sf

Reação verbal ou não verbal a um estímulo, conforme padrão preestabelecido.

[...] existem certas bases para reivindicar <respostas certas> em itens de testes de inteligência emocional, pois existem fundamentos culturais e evolutivos para a consistência das informações comunicadas emocionalmente (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 241).

Nota Para Mayer, Salovey e Caruso (2002, p. 241), respostas certas são justificadas através de dois enfoques: 1) Do ponto de vista biológico, há uma linguagem corporal nas diferentes espécies que nos permite reconhecer estados emocionais como a alegria do cachorro e o medo no gato. Na Teoria das Espécies, Darwin (1872/1965) defendia uma linguagem emocional consistente em muitas espécies, e expressões faciais universais da emoção entre os humanos, posição defendida ainda hoje; 2) Do ponto de vista cultural, ideias que se replicam em livros, televisão, internet podem ser consideradas análogo dos genes biológicos. As ideias emocionais são disseminadas e reproduzidas como ideias populares de acordo com o grau em que as pessoas de uma cultura as consideram úteis.

Cf. critério de correção

teoria de Cattell-Horn-Carroll das habilidades cognitivas sf

Sigla CHC

Conjunto de conhecimento metódico e sistematizado de caráter hipotético e sintético acerca do funcionamento cognitivo, considerando-o organizado hierarquicamente, tendo ao topo da hierarquia o fator g, ao centro dez fatores amplos, e na base 70 fatores especializados de capacidades cognitivas.

[...] em 1998 McGrew e Flanagan (1998) propuseram uma integração das teorias Gf-Gc e dos Três Estrados criando-se a <Teoria de Cattell-Horn-Carroll – CHC das Habilidades Cognitivas> (PRIMI, 2003, p. 70).

Nota De acordo com a CHC, o *fator g* representa a existência de uma associação geral entre todas as capacidades cognitivas, sendo 10 os *fatores amplos*: (1) inteligência fluida (capacidade de raciocínio), (2) inteligência cristalizada (extensão e profundidade dos conhecimentos adquiridos) (3) conhecimento quantitativo (capacidade de usar informações quantitativas e manipular números), (4) leitura e escrita (conhecimento adquirido em compreensão de textos e expressão escrita), (5) memória de curto prazo (capacidade de manter informações por curto espaço de tempo e recuperá-las logo em seguida), (6) processamento visual (processamento mental de imagens: geração, transformação, armazenamento e recuperação), (7) processamento auditivo (capacidade associada à percepção, análise e síntese de padrões sonoros), (8) memória de longo prazo (capacidade de armazenamento e recuperação de informações ou conceitos por meio de associações), (9) velocidade de processamento (capacidade de manter a atenção e realizar rapidamente tarefas simples automatizadas em situações que pressionam o foco de atenção) e (10) rapidez de decisão (rapidez em reagir ou tomar decisões envolvendo processamentos mais complexos; imediatividade).

teste sm

Instrumento de medição das variáveis que compõem uma teoria psicológica, buscando quantificá-las estatisticamente.

[...] deficiências, quando mais sutis, nem sempre aparecem em <testes> de QI, embora se revelem em avaliações neuropsicológicas mais dirigidas, bem como na contínua agitação e impulsividade da criança. Num estudo, por exemplo, descobriu-se

com esses <testes> que meninos de escola primária com contagens de QI acima da média, mas de fraco rendimento escolar, tinham uma deficiência no funcionamento do córtex frontal (GOLEMAN, 2001, p. 41)

Ver escala

validade de critério sf

Var. validação de critério

Normas que comprovam a efetividade de escalas psicométricas na predição de desempenhos e na validação de respostas dos sujeitos.

Os procedimentos de <validação de critério> indicam a efetividade de um teste para prever o desempenho de um indivíduo em atividades específicas, fornecendo informações pela <validade de critério>, que são relevantes para os testes usados na seleção e classificação de pessoal (COBÊRO, PRIMI, MUNIZ, 2006, p. 340).

Cf. critério de correção

validade do teste sf

Var. validade do conteúdo

Correspondência entre o conteúdo de um dado conceito e qualquer teste que seja usado para medi-lo.

[...] a pesquisa científica deve aderir a padrões cuidadosamente desenvolvidos. Entre os mais relevantes [...] deve haver uma boa correspondência entre um dado conceito (como a inteligência emocional) e qualquer teste que seja usado para medi-lo. Essa correspondência é chamada de <validade do teste> (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 89).

A relação entre o que um teste se propõe a medir e o conteúdo de seus itens é conhecida como <validade de conteúdo> (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 237).

Cf. validade incremental

validade incremental sf

Característica de testes psicométricos que validam algo acima e além daquilo medido pelos testes anteriores.

[...] um novo teste deve medir algo acima e além daquilo medido pelos testes anteriores. Isso é chamado <validade incremental>, [...] uma forma específica de validade do teste (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 89).

Cf. validade do teste

4.7 Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional e Neuropsicologia

amígdala cortical sf

Var. amígdala

Estruturas do sistema límbico que se apresentam em par e em formas de amêndoas, localizadas dentro da região antero-inferior do lobo temporal de cada hemisfério cerebral, que funcionam como depósito da memória emocional.

O hipocampo e a <amígdala cortical> eram duas estruturas importantes do primitivo “nariz cerebral” que, na evolução, deu origem ao córtex e ao neocórtex. Até hoje, essas estruturas límbicas são responsáveis por grande parte da aprendizagem e da memória do cérebro; a <amígdala cortical> é especialista em questões emocionais. Se for retirada do cérebro, o resultado é uma impressionante incapacidade de avaliar o significado emocional dos fatos; esse mal é às vezes chamado de “cegueira afetiva” (GOLEMAN, 2001, p. 29).

[...] LeDoux [...] revela que a arquitetura do cérebro dá à <amígdala> uma posição privilegiada como sentinela emocional, capaz de assumir o controle do cérebro. A pesquisa de LeDoux mostra que sinais sensoriais do olho ou ouvido viajam no cérebro primeiro para o tálamo, e depois – por uma única sinapse – para a <amígdala>; um segundo sinal do tálamo é encaminhado para o neocórtex – o cérebro pensante. Essa ramificação permite que a <amígdala> comece a responder antes que o neocórtex o faça, pois ele elabora a informação em vários níveis dos circuitos cerebrais, antes de percebê-la plenamente e por fim dar início a uma resposta, mais cuidadosamente elaborada (GOLEMAN, 2001, p. 31).

Nota O sistema límbico é a unidade cerebral responsável pelas emoções. São estruturas do sistema límbico: as *amígdalas corticais*, o *hipocampo* (envolvido com a memória de longa duração), o *tálamo* (relacionado com as reações de reatividade emocional), o *hipotálamo* (controlador das funções vegetativas, do comportamento e das manifestações sintomáticas das emoções), o *giro cingulado* (participante da reação emoção à dor e da regulação do comportamento agressivo), o *tronco cerebral* (que participa dos mecanismos de alerta vitais para a sobrevivência, além da manutenção do ciclo vigília-sono), a *área tegmental ventral* (responsável pela secreção de dopamina,

que produz a sensação de prazer), o *septo* (responsável pelo orgasmo), e a *área pré-frontal* (que se relaciona com as demais e desempenha papel na expressão dos estados afetivos).

Sin. sentinela emocional

Cf. cérebro, hipocampo

cérebro sm

Parte do sistema nervoso central situado na caixa craniana e que, por ser o órgão do pensamento e da coordenação neural, recebe estímulos dos órgãos sensoriais, interpretando-os e correlacionando-os com impressões armazenadas, acionando impulsos motores, controlando todas as atividades vitais.

[...] tanto inteligência como emoção são funções adaptativas do organismo associadas a comportamentos do <cérebro> que auxiliam o organismo a se adaptar ao meio. Talvez a principal diferença entre a emoção e a cognição é que as emoções constituem uma inteligência cristalizada pré-programada no <cérebro> para tratar de problemas existenciais fundamentais (PRIMI, 2003, p. 73).

cérebro-raiz sm

Var. cérebro primitivo

Parte mais primitiva do cérebro, partilhada por todas as espécies que têm um sistema nervoso superior a um nível mínimo, denominada tronco cerebral, localizada em volta do topo da medula espinhal.

[...] Esse <cérebro-raiz> regula funções vitais básicas, como a respiração e o metabolismo dos outros órgãos do corpo, e também controla reações e movimentos estereotipados. Não se pode dizer que esse <cérebro primitivo> pense ou aprenda; ao contrário, ele se constitui num conjunto de reguladores pré-programados que mantêm o funcionamento do corpo como deve e reage de modo a assegurar a sobrevivência (GOLEMAN, 2003, p. 24).

Cf. cérebro

cérebro pensante sm

Parte externa do córtex, composta por cerca de 20 bilhões de neurônios, e a parte mais nova e sofisticada do cérebro humano.

Da mais primitiva raiz, o tronco cerebral, surgiram os centros emocionais. Milhões de anos depois, na evolução dessas áreas emocionais, desenvolveu-se o cérebro pensante, ou neocórtex, o grande bulbo de tecidos ondulados que forma as camadas externas (GOLEMAN, 2001, p. 24).

Sin. Neocórtex

dados neurobiológicos sm

Informações sobre funcionamento do cérebro extraídas através de novas tecnologias.

O que mais impressiona é que agora podemos ver o cérebro em funcionamento, graças às novas tecnologias que permitem a obtenção de imagens desse órgão. Elas tornaram visível, pela primeira vez na história humana, o que sempre foi um grande mistério: como atua essa intrincada quantidade de células enquanto pensamos, imaginamos e sonhamos. Essa inundação de dados neurobiológicos permite que entendamos, hoje mais do que nunca, como os centros nervosos nos levam à raiva ou às lágrimas [...] (GOLEMAN, 2001, p. 11).

derrame emocional sm

Ato ou efeito de externalizar sem controle as emoções de caráter problemático.

[...] muitas pessoas [...] esperam que a inteligência emocional seja uma maneira de livrarem-se de emoções problemáticas ou derrames emocionais em relacionamentos humanos e esperam controlar as emoções. [...] as tentativas de minimizar ou eliminar a emoção pode reprimir a inteligência emocional (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 92).

hipocampo sm

Estrutura cerebral que compõe o sistema límbico envolvido com os fenômenos de memória de longa duração.

[...] o <hipocampo>, há muito considerado a estrutura-chave do sistema límbico, está mais envolvido com o registro e a atribuição de sentido aos padrões perceptivos do que com reações emocionais. A principal contribuição do <hipocampo> está em fornecer uma precisa memória de contexto, vital para o significado emocional; é o <hipocampo> que reconhece o significado de, digamos, um urso no zoológico ou no nosso quintal (GOLEMAN, 2001, p. 34).

[...] enquanto o <hipocampo> retém a informação, a amígdala determina se ela tem valência emocional (GOLEMAN, 2001, p. 36).

Cf. amígdala cortical**infusão afetiva** sf

Interferência das emoções no processamento cognitivo.

As emoções interferem em vários aspectos do funcionamento mental, inclui no que prestamos atenção, no que aprendemos e no que lembramos e influem nos julgamentos e decisões que tomamos. Joseph Forgas (2001) chama isso de <infusão afetiva> (PRIMI, 2003, p. 74).

A <infusão afetiva> muitas vezes ocorre de maneira automática, espontânea e subconsciente [...] (PRIMI, 2003, p. 74).

Cf. afeto-como-informação, facilitação do pensamento**lição emocional** sf**Var. lição elementar**

Aquilo que é aprendido por experiência ou ensinado por outrem de caráter eminentemente afetivo.

[...] as interações ocorridas nos primeiros anos de vida estabelecem um conjunto de <lições elementares>, baseadas na sintonia e perturbações dos contatos entre a

criança e os que cuidam dela. Essas <lições emocionais> são tão poderosas e, no entanto, tão difíceis de entender do privilegiado ponto de vista da vida adulta, porque, acredita LeDoux, estão armazenadas na amígdala como planos brutos, sem palavras, para a vida emocional (GOLEMAN, 2001, p. 36).

Nota Goleman (2001, p. 36) explica que, como as primeiras lembranças emocionais se estabelecem numa época anterior àquela em que as crianças podem verbalizar sua experiência, quando essas lembranças são disparadas posteriormente, não há um conjunto adequado de pensamentos articulados sobre a resposta que se apodera de nós, um dos motivos que nos deixa aturdidos diante de explosões emocionais. Segundo ele, “temos os sentimentos caóticos, mas não as palavras para as lembranças que os formaram”.

Cf. amígdala cortical

memória emocional sf

Faculdade de conservar e lembrar-se de experiência afetiva passada.

[...] <memórias emocionais> ficam guardadas na amígdala. [...] o hipocampo é crucial no reconhecimento do rosto de sua sobrinha, mas é a amígdala que diz que você, na realidade, não gosta dela (GOLEMAN, 2001, p. 34).

[...] o cérebro usa um método simples, mas astuto para registrar <memórias emocionais> com força especial: os mesmíssimos sistemas de alarme neuroquímico que preparam o corpo para reagir a emergências de risco de vida com a resposta de lutar-ou-fugir também gravam fortemente na memória o momento de intenso estímulo emocional (GOLEMAN, 2001, p. 34).

Nota Goleman explica que sob tensão, ansiedade ou mesmo intensa alegria, um nervo que vai do cérebro às glândulas suprarrenais localizadas acima dos rins, provoca a secreção dos hormônios epinefrina e norepinefrina, que invadem o corpo, preparando-o para uma emergência. Esses hormônios ativam receptores que regulam o coração e também retransmitem sinais à amígdala cortical no cérebro, dando um reforço à memória sobre o que está acontecendo.

neocórtex sm

Parte externa do cérebro composta por cerca de 20 bilhões de neurônios, é a parte mais nova e sofisticada do cérebro humano.

O <neocórtex> do Homo Sapiens, muito maior que o de qualquer outra espécie, acrescentou tudo o que é distintamente humano. O <neocórtex> é a sede do pensamento; contém os centros que reúnem e compreendem o que os sentidos percebem. Acrescenta a um sentimento o que pensamos dele – e permite que tenhamos sentimentos sobre idéias, arte, símbolos, imagens (GOLEMAN, 2001, p. 25).

Ver cérebro pensante**neurociência** sf

Conjunto de atividades, estudos ou disciplinas interessadas no funcionamento do sistema nervoso, especificamente na anatomia e fisiologia do cérebro e suas correlações com o comportamento, processo de aprendizagem, a cognição humana e os mecanismos de regulação orgânica.

No passado predominou um modelo antitético entre emoção-razão como duas entidades competindo pelo controle da mente. Segundo esta visão, quando as emoções predominam a lógica desaparece e os pensamentos se tornam irracionais. Recentemente, principalmente por causa dos estudos da <neurociência>, essa visão das emoções perdeu a força (PRIMI, 2003, p. 72).

[...] É preciso finalmente buscar cada vez mais a elaboração de visões integrativas da inteligência levando em consideração os estudos da psicologia cognitiva e da <neurociência> (PRIMI, 2003, p. 76).

Nota A neurociência é uma prática interdisciplinar e se ramifica em: Neurobiologia, Neuroendocrinologia, Neurofarmacologia, Neurolinguística, Neuropsicologia, entre outras áreas.

reação emocional sf

Resposta automática e inconsciente a eventos ambientais internos e externos, principalmente às interações sociais.

[...] uma parte importante do processamento da emoção, basicamente o processo inicial, ocorre em estruturas mais primitivas do cérebro e de maneira automática e inconsciente. Neste sistema há uma unidade de avaliação que é sensível às mudanças ambientais ligadas aos temas fundamentais da sobrevivência. Se algo for percebido esta unidade dispara o pacote de <reações emocionais> (PRIMI, 2003, p. 73).

[...] quando nota algo existencialmente importante [...] (nosso cérebro) dispara uma <reação emocional> recrutando as funções conscientes superiores redirecionando a atenção ao aspecto notado (PRIMI, 2003, p. 73).

sentinela emocional sf

Estruturas do sistema límbico que se apresentam em par e em formas de amêndoas, localizadas dentro da região antero-inferior do lobo temporal de cada hemisfério cerebral, que funcionam como depósito da memória emocional.

[...] LeDoux [...] revela que a arquitetura do cérebro dá à amígdala uma posição privilegiada como <sentinela emocional>, capaz de assumir o controle do cérebro. [...] (GOLEMAN, 2001, p. 31).

Ver Amígdala cortical

sequestro neural sm

Var. sequestro

Reação emocional instantânea, instintiva e explosiva, de fúria inesperada, desencadeada pelo cérebro-primitivo, que antecede a utilização dos recursos racionais do neocórtex.

Tais explosões emocionais são <sequestros neurais>. O <sequestro> ocorre num instante, disparando essa reação crucial momentos antes de o neocórtex, o cérebro pensante, ter a oportunidade de ver tudo o que está acontecendo, e sem ter o tempo necessário para decidir se essa é uma boa idéia. A marca característica desse <sequestro neural> é que, assim que passa o momento, o cérebro “possuído” não tem a menor noção do que deu nele (GOLEMAN, 2001, p. 28).

4.8 Repertório dos termos relacionados à inteligência emocional e ideias afins

alexitimia sf

Incapacidade de exprimir verbalmente os estados emocionais, ainda que os sinais fisiológicos que correspondam a tais estados estejam claramente presentes.

A <alexitimia> é um conceito ligado à dificuldade de identificar sentimentos e de discriminar entre os diferentes tipos de sentimentos, dificuldades em descrevê-los para outras pessoas, restrição nos processos de imaginação e fantasia e um estilo cognitivo voltado para detalhes mínimos de eventos externos ao invés de eventos da vida interior. De modo geral a <alexitimia> está associada à dificuldade em integrar os vários níveis de representação físicos e simbólicos das emoções (PRIMI, 2003, p. 74).

Nota A Alexitimia está associada a distúrbios psicossomáticos, ao abuso de drogas e à anorexia nervosa.

força do ego sf

Capacidade geral do indivíduo de funcionar racionalmente e de se autorregular.

A <força do ego> é a capacidade geral do indivíduo de funcionar racionalmente e de se auto-regular (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 95).

inteligência intrapessoal sf

Capacidade de entender e avaliar a si mesmo de forma precisa.

Existe um grupo de inteligências adicionais, que podem ser chamadas de inteligências “quentes”, porque envolvem as relações motivacionais, emocionais e outras relações do Eu (Mayer e Mitchell, 1998). Entre essas, está a <inteligência intrapessoal> (Gardner, 1983/1933), que é definida como a capacidade de entender e avaliar a si mesmo de forma precisa [...] (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 96).

inteligência social sf

Capacidade de se interrelacionar e administrar os outros.

[...] a inteligência intrapessoal (Gardner, 1983/1933) é definida como a capacidade de entender e avaliar a si mesmo de forma precisa. Ela abrange a <inteligência social> que é frequentemente definida como a capacidade de se inter-relacionar e administrar os outros (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 96).

pensador construtivo sm

Pessoa que pode aprender e mudar para melhor e ajudar as pessoas que a rodeiam.

O <pensador construtivo> é a descrição de Epstein (1998) de uma pessoa que pode aprender e mudar para melhor e ajudar as pessoas que a rodeiam (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 95).

personalidade forte sf

Personalidade de pessoas que conseguem superar dificuldades para contribuir com a sociedade.

A <personalidade forte> foi a descrição de Kobasa (1979) de personalidades de pessoas que conseguiam superar dificuldades para contribuir para a sociedade (MAYER; SALOVEY; CARUSO, 2002, p. 95).

CONCLUSÃO

Esta pesquisa surgiu da convergência de dois interesses pessoais, o processo investigativo da psicologia das emoções e o aprendizado técnico da lexicografia, áreas que compunham o histórico autodidata da autora.

Ao ingressar no Programa de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Maringá, pode-se então projetar esta convergência numa pesquisa sistematizada, que culmina com a apresentação do *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional*.

Na etapa inicial da pesquisa, a premissa básica era produzir uma obra lexicográfica de sentimentos e emoções, de caráter científico, que pudesse ser caracterizada como *obra útil*. Neste sentido, iniciou-se o levantamento teórico simultâneo das áreas temática e técnica.

Na área temática, o ponto de partida foi a entrevista com a consultora C.F., psicóloga e mestre em Letras (Linguagem e Sociedade), pesquisadora da Psicossomática⁸³, que indicou a abordagem Histórico Social da Psicologia e os teóricos Vygotsky e Wallon como precursores desses estudos.

Na área técnica, as disciplinas cursadas no Programa nortearam a pesquisa epistemológica e metodológica do projeto, e foram fundamentais para a primeira delimitação do trabalho, que deixaria de ser lexicológico e assumiria característica terminológica, haja vista o ensejo técnico que se pretendia.

Situada na Terminologia, a segunda delimitação da pesquisa veio com o posicionamento da subárea Inteligência Emocional como tema principal, por abarcar uma amplitude de pesquisa das emoções pelo enfoque pragmático-homeostático, e estar em consonância com a Psicologia Social, dando continuidade aos estudos preliminares. E assim, aprofundaram-se as pesquisas específicas da área cujo ápice foi a identificação da *Teoria da Inteligência Emocional como aptidão mental*, formulada por Mayer, Di Paolo e Salovey (1990) e Mayer, Salovey e Caruso (1993) que a caracterizam como aptidão mental, diferentemente de outros que as caracterizam como atributo da personalidade.

A abordagem destes pesquisadores permitiu a elaboração minuciosa do *mapa conceptual* da Inteligência Emocional, a macro-estrutura linguística que organiza a distribuição dos termos por afinidades, apoiando substancialmente a sua definologia.

⁸³ Área de especialidade da Conscienciologia voltada ao estudo das emoções.

Neste ponto do trabalho, os objetivos específicos iniciais (identificar os principais especialistas da IE e estabelecer o corpus do trabalho; elaborar o mapa conceitual), já estavam cumpridos, caminhando para o cumprimento do terceiro e último objetivo específico (proceder às etapas metodológicas da terminografia de acordo com a fundamentação teórica técnica) que permitiria o pleno cumprimento do objetivo geral (produzir o glossário, apresentando a nomenclatura sistematizada da IE).

Na etapa seguinte, o procedimento metodológico respeitou as orientações para a terminografia fundamentada na *Teoria Comunicativa da Terminologia*, que foi assim implementada:

1. **Organização do corpus:** a pesquisa nas livrarias nacionais para identificação das obras com o termo Inteligência Emocional no título permitiu a organização de uma listagem de 50 obras (apresentada no quadro 3). A análise destas obras foi fundamental para se estabelecerem os principais especialistas na área, cuja etapa sequencial foi à constituição de um banco de dados com as obras e os artigos científicos correspondentes, de maior relevância para a pesquisa, elevando para oitenta e seis o número de obras do acervo da pesquisa. De posse deste acervo (físico e virtual), e com base na *Linguística de Corpus* que sugeria um *corpus* médio, autêntico, representativo, balanceado, por amostragem e diversificado, definiu-se por 30 obras, dentre livros, dissertações e artigos científicos. Todavia, dado o caráter *não-exaustivo* e o tempo limitado, optou-se por trabalhar com apenas dez obras relevantes, com alta densidade terminológica, e que representasse toda a amplitude da área. Essa decisão sinaliza oportunidade futura para complementariedade da pesquisa.

2. **Elaboração do mapa conceitual:** a partir da organização do mapa conceitual identificaram-se oito ramificações da área-objeto, de onde os termos foram coletados e tratados: 1) Psicologia e emoções, 2) Estados afetivos, 3) IE como zeitgeist, 4) IE como personalidade, 5) IE como aptidão mental, 6) Psicometria e IE, 7) Neuropsicologia e IE, 8) IE e ideias afins.

3. **Preenchimento das fichas terminológicas:** o preenchimento das fichas terminológicas no programa *Microsoft Access* pode ser considerado o trabalho mais minucioso da pesquisa. Destaca-se que o preenchimento dos campos controlados da ficha é

um grande auxiliar ao cumprimento protocolar de apresentação dos dados sistemáticos e não-sistemáticos.

4. Redação das definições: para a redação das definições, buscou-se respeitar os 14 princípios propostos por Anjos (2003). Em síntese, fundamentalmente considerou-se o *contexto temático* como preceito, e assim, priorizou-se o próprio *corpus* como base para a circunscrição definitiva. Cabe destacar que, embora houvesse a recomendação teórica-metodológica para a construção de uma base de dados definicional (quadro 9), decidiu-se pela elaboração das definições diretamente na ficha terminológica, evitando-se a burocratização do trabalho.

5. Recolha dos termos: a recolha dos termos contou com o apoio fundamental do *software* Unitex 2.0. Todavia, destaca-se que a leitura aprofundada de todos os textos que compõem o *corpus* foi essencial. Nesta etapa crucial da pesquisa, foi possível refletir que, embora os recursos tecnológicos facilitem a realização do trabalho, o olhar criterioso do Terminólogo constitui diferença fundamental na qualidade do trabalho terminográfico, e essa reflexão permite a ousadia em afirmar que é impossível realizar um trabalho terminológico relevante sem a leitura minuciosa das fontes.

Destaca-se que os 133 termos que compõem as entradas do glossário foram retirados de um total de 295.497 palavras do *corpus*, e que um trabalho posterior mais detalhista poderá melhorar esta representatividade.

Finalizando, considera-se o objetivo geral do trabalho atingido, pois:

1. As *questões* levantadas no quadro 1 foram plenamente respondidas:
 - a. *Quem são os autores propositores de teorias inovadoras na área da IE?* Estes autores foram identificados, desde os precursores, como Vygotsky (1896-1934), Leontiev (1904-1979), Luria (1902-1977) e Wallon (1879-1962), até os psicólogos e neurocientistas da década de 90, dentre eles Mayer, Salovey, Caruso (1990; 1993) e Goleman (1995) que alavancaram as principais pesquisas posteriores, ou até mesmo os

brasileiros que têm empenhado esforços na validação da área, como os psicólogos do LabAPE, a partir de 1999.

b. *Existe a teoria fundadora da IE?* Observou que, embora Daniel Goleman seja o grande divulgador da Inteligência Emocional, o consenso histórico indica que foram as pesquisas iniciais de Mayer, DiPaolo e Salovey (1990) e Mayer, Salovey e Caruso (1993), que consolidaram a inteligência emocional como uma inteligência realmente nova, independente de outras estruturas da mente. Estes autores propuseram a *Teoria da Inteligência Emocional como aptidão mental*, e preocuparam-se em validá-la através do MEIS, e posteriormente pelo MSCEIT, testes que apresentam coerência interna semelhante à dos melhores testes psicométricos mundialmente consensuados.

c. *Há uma terminologia especializada para a inteligência emocional?*
Resposta minuciosamente organizada no *mapa conceptual* que permitiu a localização da rica terminologia da área nas suas oito ramificações.

2. A pesquisa cumpriu todas as etapas metodológicas da *Teoria Comunicativa da Terminologia*, considerando tanto a macro-estrutura da obra quanto à micro-estrutura dos verbetes.
3. O *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional* apresenta a nomenclatura sistematizada desta subárea da Psicologia.

Finalmente, o caráter de obra-útil também pode ser considerado atendido, levando-se em conta a amplitude da pesquisa realizada em três aspectos: 1) na Fundamentação Teórica, tanto da área temática quanto da área técnica; 2) na Metodologia que explicita detalhadamente uma terminografia fundamentada na TCT; 3) no Glossário propriamente dito que traz uma visão ampla da Inteligência Emocional através das oito ramificações do mapa conceptual. Neste sentido, a pesquisa é especialmente indicada aos pesquisadores da área temática Inteligência Emocional, quanto para os pesquisadores e interessados na área técnica, a Lexicologia e a Terminologia.

REFERÊNCIAS⁸⁴

- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. A teoria comunicativa da terminologia e sua prática. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 85-101, 2006. Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50-2/06-Almeida.pdf>>. Acesso em 11 jul. 2009.
- ANDRADE, Maria Margarida. Lexicologia e Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. Em OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires e ISQUIERDO, Aparecida Negri (org). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2ª Ed. Campo Grande: Ed. UFMG, 2001.
- ANJOS, Eliane Dantas dos Anjos. **Glossário terminológico ilustrado de movimentos e golpes da capoeira: um estudo término-linguístico**. Orientadora: Profa. Dra. Ieda Maria Alves. Dissertação (mestrado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e documentação: Citações em documentos. Apresentação. Rio de Janeiro, RJ: ago./2002. Disponível em <http://www.ufg.br/this2/uploads/files/105/10520_-_Cit._em_documentos.pdf>. Acesso em 30 jun. 2009.
- _____. **NBR 6023**: Informação e documentação: Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, RJ: ago./2002. Disponível em <<http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/pdf/abntnabr6023.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2009.
- _____. **NBR 6024**: Informação e documentação: Numeração progressiva das seções de um documento escrito – Apresentação. Rio de Janeiro, RJ: mai./2003. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/ccs/pdf/Normas%20ABNT/NBR6024%5B1%5D.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2009.
- _____. **NBR 6028**: Informação e documentação: Resumo – Apresentação. Rio de Janeiro, RJ: 2003. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/ccs/pdf/Normas%20ABNT/NBR6028%5B1%5D.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2009.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. Em ALVES, Ieda Maria e ISQUIERDO, Aparecida Negri (org). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Volume III. Campo Grande: Ed. UFMG; São Paulo: Humanitas, 2007.
- BAR-ON, Reuven; PARKER, James. D. A. (org). **Manual da inteligência emocional: teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho**. trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.
- BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo, SP: Edusp, 2004.

⁸⁴ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR-6023:2002

_____. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. **Ciência e Cultura**. 2006, v. 58, n. 2, pp. 22-26. ISSN 0009-6725. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a11v58n2.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2009.

BOCK, Ana Mercês Bahia (org). **A perspectiva sócio-histórica na formação em Psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CABRÉ, M.T. **Terminologia, selecció de textos d'E. Wüster**, Servei de Llengua Catalana, Universitat de Barcelona: Barcelona, 1996. Disponível em: <http://www.terminometro.info/ancien/b29/pt/introd_pt.htm>. Acesso em 7 jul. 2009.

_____. **Eugen Wüster: Introducción a la teoría general de la Terminología y a la lexicografía terminológica**. Institut Universitari de Linguística Aplicada (IULA), Universitat Pompeu Fabra: Barcelona, 1998.

_____. **La terminología: representación y comunicación**. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1999.

COBÊRO, Claudia; PRIMI, Ricardo; MUNIZ, Monalisa. Inteligência emocional e desempenho no trabalho: um estudo com MSCEIT e BPR-5 e 16PF. **Paidéia**, Ribeirão Preto, SP, v. 16, n. 35, p. 337-348, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 jun. 2009.

CORREIA, Monica F. B. Inteligência Emocional: da revolução à controvérsia. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v. 2, n. 2, p. 413-419, jul./dez. 1997. (ISSN 1413-294X) Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1997000200014&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 jun. 2009.

DAMÁSIO, António. **Ao Encontro de Espinosa**. Lisboa: Europa-América, 2003.

DIAS, James Gonçalves. **Aspectos Terminológicos no Discurso de Divulgação Científica**. Orientadora: Profa. Dra. Ieda Maria Alves. Tese (doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

EMOÇÃO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**. – 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1999, p. 737.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, (S.l.), v. 24, n. 3, 1995 – artigos. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/486/441>>. Acesso em: 7 jul 2009.

_____. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**. SBPC. São Paulo, v. 58, n. 2, abr./jun. 2006 – artigos. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2.pdf>> . Acesso em: 11 jul. 2009.

QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. – 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1999, p. 1692.

GOLEMAN, Daniel (1996). **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. trad. Marcos Santarrita. ed. rev. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

INTELIGÊNCIA. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. – 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1999, p. 1122.

KENNEDY, Francine. **O Pavel**: curso interativo de terminologia. Prefácio. Disponível em: <http://www.btb.termiumplus.gc.ca/didacticiel_tutorial/portugues/lecon1/indexe_p.html>. Acesso em: 7 jul. 2009.

KRIEGER, Maria da Graça; BEVILACQUA, Cleci Regina. A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para consolidação da área. **Revista Debate Terminológico – RiTerm**. (S.l.), v. 1 mar. 2005 - Disponível em <http://www.riterm.net/revista/n_1/krieger.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2009.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

LIMA, Elvira Souza. Vygotsky e Wallon e o Futuro da Psicologia. **Interações**. Universidade São Marcos, São Paulo, ano/v. V, n. 009. jan.-jun. 2000 (p. 49-55)

MARCUSCHI, Luiz Antônio (repres.). **Relatório da CAPES: critérios de avaliação trienal 2004/2007 da área letras e linguística**. Brasília: 2005. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/apresentacao2.pdf>>. Acesso em: 30 jun 2009.

MAYER, John; SALOVEY, Peter D.; CARUSO David R. Inteligência emocional como *Zeitgeist*, como personalidade e como aptidão mental. *In*: BAR-ON, Reuven; PARKER, James D. A. (org.). **Manual da inteligência emocional**: teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho. trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

MAYER, John D., CARUSO David R., SALOVEY Peter. Selecionando uma medida para a inteligência emocional – em defesa das escalas de aptidão. *In*: BAR-ON, Reuven; PARKER, James D. A. (org.). **Manual da inteligência emocional**: teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho. trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

MINEIRO, Ana. Uma abordagem lexical da terminologia náutica. Comunicação - **IX Simpósio Ibero-americano de Terminologia**. Barcelona, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2006-ara-pub3.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2009.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar na urgência, decidir na incerteza**. trad. Cláudia Schilling. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

PREMISSA. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. – 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1999, p. 1629.

PRIMI, Ricardo, BUENO, José Maurício Haas e MUNIZ, Monalisa. Inteligência emocional: validade convergente e discriminante do MSCEIT com a BPR-5 e o 16PF. **Psicologia Ciência e Profissão**. v. 26, n.1, p. 26-45, mar. 2006. (ISSN 1414-9893.). Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 7 jul. 2009.

SALES, Robrigo. Teoria comunicativa da terminologia (TCT) como aporte teórico para a representação do conhecimento especializado. **VIII ENANCIB** – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Salvador, 28 a 31 out. 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--036.pdf>>. Acesso: 9 jul. 2009.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

_____. O que é um corpus representativo? **DIRECT Paper 44**. LAEL-PUCSP, p. 1-26, 2000 (ISSN 1413-442x). Disponível em <<http://www.direct.f2s.com>>. Acesso em: 16 jul. 2009.

SILVA, Manoel Messias Alves da. **Dicionário Terminológico da Gestão Pela Qualidade Total em Serviços**. Orientadora: Profa. Dra. Ieda Maria Alves. Tese (doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/>>. Acesso: 28 jun. 2008.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**: documento eletrônico e impresso Parte I (ABNT). 2. ed. rev. ampl. São Paulo, SP: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009. Disponível em: <http://www.sbd.fflch.usp.br/www/downloads/caderno_sibi_abnt.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2009.

VYGOTSKY, Lev. **Psicologia Pedagógica**. org. Guillermo Blanck, apres. René van der Veer, introd. Mário Carretero, trad. Cláudia Schilling, Porto Alegre: Artmed, 2003.